

UNESP

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JULIO DE MESQUITA FILHO”

Programa de Pós-graduação em Arte e Educação do Instituto de Artes de São Paulo

***Experiências de conversas nas ruas:
aprendizados e questões no estar com o outro***

TATIANA SCHUNCK

São Paulo, 2015

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JULIO DE MESQUITA FILHO”

Tatiana Schunck

***Experiências de conversas nas ruas:
aprendizados e questões no estar com o outro***

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes na área de concentração: Arte e Educação, do Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista – UNESP, vinculado a linha de pesquisa Processos artísticos, experiências educacionais e mediação cultural, como requisito para a obtenção do título de Mestre.

Orientadora: Profa. Dra. Luiza Helena da Silva Christov

Ficha catalográfica preparada pelo Serviço de Biblioteca e Documentação do Instituto de Artes da
UNESP

S393e Schunck, Tatiana, 1979-
Experiências de conversas nas ruas: aprendizados e questões
no estar com o outro / Tatiana Schunck. - São Paulo, 2015.
160 f. : il. color.

Orientador: Prof^a. Dr^a. Luiza Helena da Silva Christov
Dissertação (Mestrado em Artes) – Universidade Estadual
Paulista, Instituto de Artes.

1. Conversa. 2. Comunicação oral. 3. Dialogismo (Análise
literária). I. Christov, Luiza Helena da Silva. II. Universidade
Estadual Paulista, Instituto de Artes. III. Título

CDD 417

São Paulo, 2015
DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

***Experiências de conversas nas ruas:
aprendizados e questões no estar com o outro***

Tatiana Schunck

Banca Examinadora

Profª Drª Luiza Helena da Silva Christov Universidade Estadual Paulista – UNESP

Profº Drº Antonio Januzelli Universidade de São Paulo – USP

Juliana Jardim Barboza Pós Doutorado Universidade de São Paulo - USP

Dedicação:

Este trabalho é dedicado à palavra de expor, de morder, de chão. Ao encontrar. Ao escutar. Ao conversar. Também é dedicado às pessoas estranhas que conversaram pelas ruas e transformaram um instante dos nossos dias em lembranças de canto.

Agradecimentos:

A gratidão é larga para o amor da vida, Henrique. Este outro que recolhe e estimula o exercício da escuta.

A gratidão é plena ao filho Joaquim, que com sua chegada colocou-me em estado de importância. Estado de carne e chão, mordidas e tempo, a ponto de perceber que poucas são as coisas importantes.

A gratidão à orientadora Luiza, escutadora, provocadora, mestra de chão e mistério.

A gratidão à família por entortar, e aquilo que sendo torto, pode gerar busca e individuação.

A gratidão às amigas antigas e algumas novas que deram chão e espaço para se ter coragem.

RESUMO

Esta é uma pesquisa sobre a experiência do encontro com o outro em situação dialógica: a conversa; inserida numa dimensão relacional na esfera da vida e da arte, numa perspectiva da *estética relacional* – teoria do crítico Nicolas Bourriaud, em torno da palavra experiência a partir de uma conversa com os filósofos Jorge Larrosa e Giorgio Agamben, para propor uma radicalização da experiência da conversa como obra da efemeridade (a *obraencontro*) e como possibilidade de experiência com qualidade estética, no sentido de fazer e falar sobre aquilo que se vive com sentido e significado. Tendo como objeto algumas práticas de conversas e a produção de uma escrita literária como registro narrativo destas experiências, realizadas por um pequeno grupo de pessoas, entre estas, estudantes de teatro, graduandos em História, graduados em Turismo, atores; a partir de encontros nas ruas da cidade de São Paulo, nos anos de 2013 a 2015. Estas ações foram propostas a partir de dinâmicas de encontros entre pessoas que não se conheciam para verificar que narrativas estas conversas podiam gerar. Que experiências foram transformadas em palavras?

PALAVRAS CHAVE: Alteridade, Conversa, Experiência, Narrativa.

RESUMEN

Esta és una investigación sobre la experiencia del encuentro con el outro en situación dialogica: la conversación; insertada en una dimensión relacional – teoría del crítico Nicolas Bourriaud, en torno a la palabra experiencia a partir de una conversación con los filósofos Jorge Larrosa y Giorgio Agamben, para proponer una radicalização de la experiência de la conversación como obra de la efemeridade (*la obraencuentro*) y como posibilidad de experiencia con calidad estética, en el sentido de hacer y hablar sobre aquello que se vive con sentido y significado. Teniendo como objeto algunas prácticas de conversaciones y la producción de una escritura literaria como registro narrativo de estas experiências, realizadas por un pequeño grupo de personas, entre estas, estudiantes de teatro, graduandos en Historia, graduados en Turismo, actores; a partir de encuentros en las calles de la ciudad de São Paulo, los años de 2013 a 2015. Estas acciones fueron propuestas a partir de dinámicas de encuentros entre personas que no se conocían para verificar que narrativas estas conversaciones podían generar. Que experiencias fueron transformadas en palavras?

PALABRAS LLAVE: Alteridad, Conversación, Experiencia, Narrativa.

ÍNDICE (Abertura)

Um breve antecedente da pesquisa em Mestrado.....	09
INTRODUÇÃO À PESQUISA E SEU CANTO.....	11
A pesquisa sobre a conversa.....	13
A escrita da dissertação.....	16
De onde venho – Lugar de enunciação.....	18
Eu converso, tu conversas, ele(a) conversa, nós conversamos, vós conversais, ele(a)s conversam.....	21
1.Estrategistas de Encontros.....	24
1.a) O Grupo: os Estrategistas de Encontros.....	25
A esfera da metodologia da interrupção.....	29
1.b) De como os encontros aconteciam.....	31
As perseguições de pessoas desconhecidas.....	35
No subterrâneo: o trabalho dentro do vagão de metrô.....	42
Encontrando a pessoa imaginada no MASP.....	55
Estados de espírito: sendo a pessoa descrita.....	62
1.c) As propostas de ações de cada integrante.....	73
1.d) As vozes biográficas.....	81
O que aprendi com a conversa.....	109
2. PALAVRA Experiência: uma conversa com Jorge Larrosa e Giorgio Agamben.....	111
2. a) Uma certa autoridade.....	113
2. b) A língua linguagem falada.....	118
2. c) Por que uso as palavras?.....	120
2. d) Muda palavra.....	122
2. e) Tenhamos voz na língua.....	126
2. f) Reinventar a língua é reinventar o mundo.....	129
3. Aspectos da Estética Relacional e da Liminaridade: uma conversa com Nicolas Bourriaud e Victor Turner.....	131
3. a) A experiência da conversa é <i>obraencontro</i> ?	137
3.b)Essa obra me autoriza a conversa?.....	138
3.c) A conversa: zona de experiência.....	139
4. A palavra que me é dirigida: uma conversa com Mikhail Bakhtin e Martin Buber.....	146
Para não dar fim: conversas hipotéticas com a magia.....	152
Como uma conversa acaba?.....	155
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	159

Experiências de conversas nas ruas: aprendizados e questões no estar com o outro

Um breve antecedente da pesquisa em Mestrado

Iniciamos a presente pesquisa ainda na graduação sob o título: *Do cotidiano urbano à escrita literária*, na Universidade de São Paulo no ano de dois mil e treze, sob a orientação da Profa. Dra. Maria Lucia de Souza Barros Pupo. Nosso intuito inicial era descobrir possibilidades de comunicação entre as ações de arte e educação nas ruas da cidade de São Paulo e a produção de uma escrita literária como registro narrativo destas experiências. Estávamos considerando estas ações como geradoras de encontros entre pessoas, constituídas no campo artístico e inseridas numa dimensão relacional. Ações interativas que funcionaram como dispositivo relacional, que geraram encontros casuais e coletivos, que estiveram atentas à observação e à captura de rastros significativos ao nosso redor e como oferta de escuta ao outro. O foco inicial era gerar encontros entre pessoas que não se conheciam movidos por fragmentos literários.

Desde a graduação estas ações foram realizadas pelo grupo de pessoas: estudantes, graduados em Licenciatura em Artes Cênicas, atores, graduandos em História e graduados em Turismo; o grupo se formou a partir de um convite feito pela pesquisadora aberto à participação de qualquer pessoa relativamente próxima à universidade. Este grupo foi chamado (nós do grupo nos chamamos) de “Estrategistas de Encontros”.

Dando continuidade à pesquisa no Mestrado, sob o título *Experiências de conversas nas ruas: aprendizados e questões no estar com o outro*, sob a orientação da Profa. Dra. Luiza Helena da Silva Christov, desejávamos aprofundar alguns aspectos artístico-educacionais

relevantes da experiência inicial, sobretudo aqueles em que se refletem a prática artística como um campo fértil para experimentações sociais, tendo a experiência da conversa como nosso exercício central. Construimos práticas que radicalizavam a experiência da conversa como lugar de *estar com* e *estar junto*, verificando a “conversa” como experiência singular de qualidade estética e como território para a construção de narrativas. Ainda pretendíamos descobrir quais narrativas poderiam ser criadas a partir da experiência de conversas que não foram nem planejadas, nem combinadas à priori; quais experiências foram transformadas em palavras?

Introdução à Pesquisa de Mestrado e seu Canto

Segundo o professor Jorge Larrosa, “a experiência é algo que (nos) acontece e que às vezes treme, ou vibra, algo que nos faz pensar, algo que nos faz sofrer ou gozar, algo que luta pela expressão, e que às vezes, quando cai em mãos de alguém capaz de dar forma a esse tremor, então, somente então, se converte em canto. E esse canto atravessa o tempo e o espaço. E ressoa em outras experiências e em outros tremores e em outros cantos” (LARROSA, Jorge. *Tremores: escritos sobre a experiência*. 2014: p. 10).

Iniciamos nossa escrita dissertativa tentando recolher palavras que possam cantar, que possam morder o ato, a percepção, para quem sabe, ressoar as experiências que pudemos viver durante o tempo da pesquisa. Alguns foram os encontros entre pessoas que não conhecíamos, algumas andanças por becos, avenidas, ônibus, metrô, padarias, calçadas, dias de chuva, dias de frio, outros de calor, mas ainda assim, ali estávamos, nas ruas, para encontrar alguém para conversar. Chamamos o canto nessa pesquisa com o desejo de *dar a ver e ouvir* aquilo que de efêmero a experiência pode nos revelar, e que nem sempre conseguimos dizer em palavras, mas que treme. Ainda assim, só nos restam as palavras para contar. Este canto que consideramos por aqui também pode fazer ressoar alguma lembrança primeira de quem somos na conversa com quem não conhecemos. E este conversar nos pareceu um exercício em ato de palavra que enquanto se cria, se escolhe, e se dá ao outro em conversa, este “eu” e este “outro”, também podem se lembrar quem são.

Ouvi sobre uma lenda africana que dizia que a cada nascimento na tribo, todos se reuniam (velhos, jovens, adultos, crianças) para celebrar a pessoa que chegava. Neste encontro do *nascer*, todos lhe cantam um canto que é seu e que lhe pertence, e será para sempre o seu canto, pois ele estava guardado esperando a sua chegada (para que essa

pessoa possa lembrar quem é). O canto é evocado pelos outros da tribo em diferentes momentos da vida: quando a pessoa nasce, quando se torna criança, quando se torna jovem, quando se torna adulto, quando se casa, quando realiza algo belo, quando comete um crime, quando morre. Sempre. Sempre. Sempre. Independente de moral e de julgamento, o canto vem a lembrar, dar a cantar, ouvir a lembrar – para se saber quem se é.

A pesquisa sobre a conversa

Esta pesquisa é sobre a experiência do encontro com o outro em situação dialógica: a conversa, inserida numa dimensão relacional na esfera da vida e da arte e da vida de novo, numa perspectiva da *estética relacional* – teoria do crítico Nicolas Bourriaud, e da *liminaridade* – conceito do antropólogo Victor Turner transposto à arte, para propor uma radicalização da experiência da conversa como obra da efemeridade (a *obraencontro*) e como possibilidade de experiência singular:

“A experiência é sempre do singular, não do individual ou do particular, mas do singular. E o singular é precisamente aquilo do que não pode haver ciência, mas sim paixão. [...] Na experiência, então, o real se apresenta para nós em sua singularidade. Por isso o real nos é dado na experiência como não identificável (transborda qualquer identidade, qualquer identificação), como irrepresentável (se apresenta de um modo que transborda qualquer representação), como incompreensível (ao não aceitar a distinção entre o sensível e o inteligível transborda qualquer inteligibilidade)” [...] (LARROSA, Jorge. *Tremores: escritos sobre experiência*. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2014: pg. 68)

E também como objeto de estudo “estranho” que foge da objetividade e da fixação material e intemporal. Efêmera, pois sua concretude tem uma vida limitada no instante em que ocorre o fenômeno e está inserida no tecido dos acontecimentos da esfera vital e social. E como corpus artístico que produz narrativas que revelam subjetividades espalhadas entre ruas e avenidas, além de ruelas, calçadas, farmácias, ainda em ônibus, terminais rodoviários, metrô, praças e trânsitos percorridos a cada dia e dias mais.

Nossas práticas, as ações nas ruas e as construções narrativas como centros reveladores das experiências de conversas, estão particularmente ligadas a modalidades de encontro entre autores e passantes bastante próximas àquilo que Bourriaud¹ descreve como sendo uma *estética relacional*. A noção de estética relacional abordada na presente pesquisa considera como horizonte teórico aquele que toma a esfera das relações humanas como lugar de criação e expressão, cujo substrato é dado pela intersubjetividade e tem como tema central o *estar junto* para elaboração coletiva do sentido.

Interessava-nos também estudar a condição liminar que reside nas ações propostas na pesquisa, nas quais entrecruzam forma artística, deslocamentos urbanos, olhares filosóficos, posicionamentos éticos, estéticos, narrativas interpessoais, encontros imprevistos, circunstâncias sociais. Entendemos que as ações de conversas nas ruas são uma forma de trabalhar à margem, criando espaços possíveis para a experiência, para se pensar sobre a liminaridade e a estética relacional.

O conceito da liminaridade, proposto por Turner se direciona à relação entre o fenômeno (ritual ou artístico) e o seu entorno social, aspecto que tem sido bastante trabalhado pela estética relacional. A teoria da estética relacional é definida por Bourriaud como uma “teoria estética que consiste em julgar as obras de arte em função das relações inter-humanas que figuram, produzem ou criam”. (BOURRIAUD, 2009, p. 151). Verificar o território da conversa como experiência com qualidade estética, dentro destas perspectivas acima citadas, revela-nos também a existência de fronteiras visíveis e invisíveis entre mundos, sejam eles entre o público e privado, micro e macro, entre a rua civilizada e o beco, entre arte e educação, entre aquilo que se quer dizer e aquilo que se consegue dizer ou diz, entre eu e o outro.

¹ BOURRIAUD, Nicolas. *Estética Relacional*. Martins Fontes, 2009.

Ainda pretendíamos conversar criando elos possíveis entre os pilares da estética relacional e da liminaridade, e entre os pilares de Mikhail Bakhtin e Martin Buber quando se referem à conversação, em torno da palavra experiência, aqui conversada pelas vozes dos filósofos Jorge Larrosa e Giorgio Agamben. A experiência será aqui trazida como o pulso da pesquisa, como lugar que anuncia todos os dizeres possíveis e que retoma os mesmos dizeres em palavras que guardam locais por onde passamos. Desejamos a palavra experiência como densidade, como chão, como possibilidade de transformação, como lugar de verificação daquilo que queremos ver e dar a ver.

“[...] fazer uma experiência com algo significa que algo nos acontece, nos alcança; que se apodera de nós, que nos tomba e nos transforma. Quando falamos em “fazer” uma experiência, isso não significa precisamente que nós a façamos acontecer, “fazer” significa aqui: sofrer, padecer, tomar o que nos alcança receptivamente, aceitar, à medida que nos submetemos a algo. Fazer uma experiência quer dizer, portanto, deixar-nos abordar em nós próprios pelo que nos interpela, entrando e submetendo-nos a isso. Podemos ser assim transformados por tais experiências, de um dia para o outro ou no transcurso do tempo”. (HEIDEGGER. M. *A caminho da linguagem*. In: *A essência da linguagem*. 2012: p.143)

Trata-se, portanto, de um desejo de fazer a experiência do “mundo” e de elaborar com os outros o sentido (ou a falta de sentido) do que nos acontece. E nesta direção, criamos nossas ações a partir de gerações de conversas entre desconhecidos, verificando se a situação conversa pode ser uma experiência de abertura de afetos, de intimidade, de vínculo, de construção de narrativas, de obra como encontro (a *obraencontro*).

A escrita da dissertação

A escrita da dissertação prevê, em alguns momentos, duas margens que colocam duas fontes de matéria em relação: a escrita dos sentimentos, experiências, pensamentos e lembranças da pesquisadora quando sua alma é convocada para a escrita dissertativa; e a escrita da matéria da dissertação em si.

Pergunto-me o que é dissertar e por que atribuo esta escolha fronteira na escritura dessa dissertação. Dissertar é expor detalhes que conformam e delimitam (como as margens) as ideias e as sensações a propósito de um tema objetivo. Expor é narrar, contar, mostrar, explicitar, revelar. Quando dissertamos, surgem ambiguidades em nosso discurso que não controlamos, diante destas, há o esforço de identificar e superar essas ambiguidades. Escolhemos então nomear algumas palavras para *dar a ver* os nossos intuitos ambíguos. Nomear é evocar as palavras, evocar é convocar as coisas do mundo, coloca-las em relação, em fronteira, em conversa, diante de algum desejo de dizê-las para alguém. Parece-nos que a imagem que daremos a seguir pode simbolizar a dimensão da fronteira (parte extrema de uma área, a parte limítrofe de um espaço em relação ao outro) pensada para a escritura dissertativa como uma conversa, como “um espaço em relação ao outro”:

“A ponte pende ‘com leveza e força’ sobre o rio. A ponte não apenas liga margens previamente existentes. É somente na travessia da ponte que as margens surgem como margens. A ponte as deixa repousar de maneira própria uma frente à outra. Pela ponte, um lado se separa do outro. As margens também não se estendem ao longo do rio como traçados indiferentes da terra firme. Com as margens, a ponte traz para o rio as dimensões do terreno retraída em cada margem. A ponte coloca numa vizinhança recíproca a margem e o terreno. A ponte *reúne integrando* a terra como paisagem em torno do rio”. (HEIDEGGER, Martin. *Ensaaios e Conferências*. 2012: p. 131-132)

Essa imagem da ponte citada por Heidegger nos parece uma abertura interessante para a nossa conversa. A pesquisa trata da experiência da conversa e a forma encontrada para a escrita da dissertação também pretende ser uma conversa, ora entre o canto sentimento da pesquisadora e o canto dissertação da pesquisa, ora entre autores convidados e a carne da pesquisa, e fundamentalmente, entre quem escreve e quem lê o que aqui se apresenta. A ponte será nossa “conversa-fronteira”, ela quem revela todo o cenário que está ao redor, junto, entre, perto, distante, mas no mesmo horizonte em recorte. Revela um lugar, um lugar em relação ao outro. E no caso dessa pesquisa, um lugar para se conversar. Para tanto, explicitar em duas colunas (as margens sob a ponte) nos parece potente, pois conta o que está por baixo, entre, antes, treme, presente, junto e agora vivo.

De onde venho

Quando eu tinha treze anos de idade li “Água Viva” da Clarice Lispector, a Bíblia e na escola onde estudava (a escola estadual “Plácido de Castro”) li toda a biblioteca... Digo assim porque lá não devia ter muitos livros, não... Mas o fato é que então, a diretora da escola - Dona Leda, diante da minha frustração, decidiu que passaríamos a ter uma aula por semana na Biblioteca Pública Monteiro Lobato, próxima à escola. Assim, pude ter acesso a mais livros e por lá morei em algumas tardes dessa minha juventude curiosa. Por lá também me apaixonei algumas vezes por palavras que abriam minha imaginação e revelavam sentidos a serem costurados em conversas que viria a ter. Nessa fase, eu escrevia bastante. Com a Clarice, eu abria o livro, ouvia as palavras, as mantinha um tanto assim ainda nos olhos e depois as deixava escorregar por dentro do meu sentimento. Abria o caderno e escrevia sobre o que acabara de “engolir”. Assinalava em mim um tanto de profundidade que pertencia ao meu universo solitário.

Lugar de enunciação

Carregamos esta pesquisa em margens. A ponte é a conversa entre as margens.

Margem 1: a escrita com a materialidade da pesquisadora. Esta se manifesta logo ali ao lado

← esquerdo da folha, desta e de algumas próximas que virão; escrita esta que dá a ver os sentimentos, as passagens, as caminhadas, os fios intrínsecos pelos quais uma pesquisa acadêmica *permite-propõe-sugere-arranca* do pesquisador. Tratar-se-á de uma escrita do sentir e das sensações livres, a escrita que sente a escrita da pesquisa, a dissertação propriamente dita.

Margem 2: a escrita com a materialidade da pesquisa.

Esta acontecerá por aqui mesmo ↓ . Aqui: conversa com as pessoas convidadas ao “papo”. O filósofo e professor Jorge Larrosa, o filósofo Giorgio Agamben, o crítico de arte e escritor Nicolas Bourriaud, o antropólogo Victor Turner, o escritor Mikhail Bakhtin e o filósofo Martin Buber. Haverá alguns palpites e falas dadas por pessoas passantes nas ruas, citações de outros tantos pesquisadores que também fazem ressoar questões que aqui serão apresentadas.

Ali me sentia a mim mesma. Escapava em palavras, inventava, escondia, guardava outras e as dava ao papel. Minha mãe tinha uma máquina de escrever e nela eu me sentia um pouco escritora. A “coisa” era tão pesada que mais parecia carregar uma mudança de casa para lá e para cá. Achava bonito escrever na letra de máquina, parecia ficar mais sério, mais importante o que dizia a mim mesma. A máquina também atravessava uma fronteira tênue entre o quarto que era meu e os cômodos da minha casa, lá onde viviam *pai-mãe-irmão-maior-irmão-menor*. Lá vai ela... Diziam. Meu irmão menor dizia que eu conversava com gente estranha na rua, meu pai dizia que eu era estranha, minha mãe sabia que eu era diferente (até hoje ela repete que sempre me soube assim). A palavra me raptava de alguma convivência e me transportava a lugares imaginários que me pareciam tão reais quanto à vida que tinha.

Este lado da coluna pretende explicitar o material a ser pesquisado e o desenvolvimento do pensamento que procuramos espelhar neste trajeto *poético-acadêmico*. Também podemos considerar este lugar de margens como espaço de fronteira, uma fronteira que separa (?) dois mundos, mas que estão intimamente relacionados na pretensão de criar um espaço de experiência. Talvez a experiência da efemeridade. A relação dar-se-á a partir desta forma de escrita sobre a pesquisa, com a forma encontrada ao escrever sobre escrever a pesquisa. Seguimos, adiante, lá vamos nós!

Lembrete

Este recado é para comunicar que nem sempre conversaremos em duas colunas, nem sempre será possível, haverá momentos nos quais consideramos necessário hibridar as duas margens numa só escrita como um exercício de deslocamentos entre objetividade e subjetividade e produção de sentidos.

Este resto de folha rompe com a proposta acima logo “de cara” e demonstra nosso desapego às formas encontradas, visto que uma conversa é lugar de surpresa, não é lugar fixo, é lugar de desconhecer o que vem a seguir, de não controle e de construção espontânea. Assim, com seus momentos de falas de uma ou de outra pessoa, de silêncios, de rupturas, de gestos falantes e de cantos a cantos, este cantopalavra pretende ser descoberto enquanto a escrita se escreve.

Desejamos paciência, curiosidade, escuta e atenção para assim seguirmos.

Eu converso, tu conversas, ele(a) conversa, nós conversamos, vós conversais, ele(a)s conversam.

“Se uma história é uma semente, então nós somos seu solo. O ato de ouvir uma história nos permite vivenciá-la como se nós mesmas fôssemos a heroína que cede diante de uma dificuldade ou que a supera no final. Se ouvimos uma história de um lobo, depois disso saímos a perambular e a ter o conhecimento de um lobo por algum tempo. Se ouvimos uma história de uma pomba que afinal encontra seus filhotes, então, por algum tempo depois, algo fica se movendo por baixo do nosso próprio peito emplumado. Se se trata de uma história de resgate da pérola sagrada das garras do vigésimo dragão, sentimo-nos depois exaustas e satisfeitas. Num sentido muito real, ficamos impregnadas de conhecimento só por termos dado ouvidos ao conto”. (ESTÉS, Clarissa Pinkola. *Mulheres que correm com os lobos: mitos e arquétipos da mulher selvagem*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994: p.478)

No livro *Mulheres que correm com os lobos*, a escritora Clarissa Pinkola Estés diz que essa atitude verdadeira de escuta é, para os junguianos, a “mística da participação” – um termo tomado de empréstimo pelo antropólogo Lévy-Bruhl – usado para designar uma relação no qual “a pessoa não consegue se distinguir como entidade separada do objeto observado”. Para os freudianos, é uma atitude chamada de “identificação projetiva”. Para os contadores de histórias, essa atitude é chamada de “magia solidária” – seria a capacidade da mente de se afastar do ego por algum tempo e se fundir com outra realidade, vivenciar e aprender ideias que ela não aprende em nenhuma outra forma de consciência para depois trazê-las de volta à realidade consensual.

A ideia de Jung da mística da participação estava baseada em opiniões antropológicas do final do século XIX e início do século XX, período no qual muitos dos que estudavam as

tribos se sentiam separados delas, em vez de compreender o comportamento das tribos como inserido numa continuidade humana que poderia ocorrer em qualquer lugar e com qualquer um.

Na presente pesquisa, buscamos conversar com quem não conhecemos e identificamos alguma presença de magia (da magia solidária, da mística da participação) em alguns instantes da conversa quando a escuta foi ofertada ao outro. Queríamos ampliar o tempo de troca entre nós e gerar alguma possibilidade de relação convivial por meio das nossas ações, mais especificamente as experiências de conversas, “uma conversa qualquer”. No momento dessa escrita, que é também relato dessa experiência, buscamos agora a tarefa de nos fazer ouvir. Visto que precisamos também encontrar as palavras “justas” – o nosso *canto*, que nos aproximem da experiência e que, por consequência, nos ajudem a contar pelas mesmas palavras o olhar que pudemos estabelecer sobre o que foi vivido.

Que seja possível ficarem conosco pelas imagens das vidas que cruzamos, das pessoas que conversamos, dos encontros que tivemos e das narrativas que escrevemos. Esse é o convite para quem não esteve lá, mas que ao ouvir o nosso *canto* poderá ser solidário à experiência.

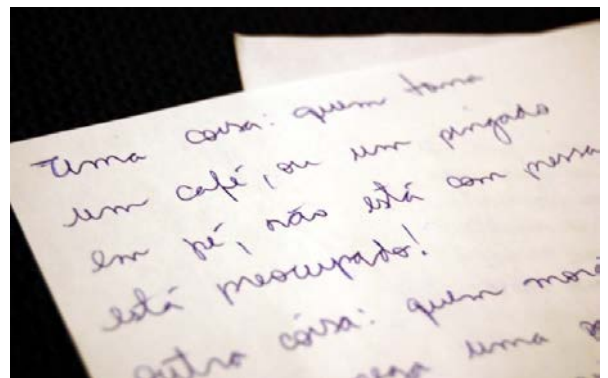
Quero conversar com você

O que é uma conversa? Tem que se saber conversar? Qual o papel da presença nesta situação conversa? A conversa é uma experiência? Em qual sentido da palavra experiência? Qual o tempo da conversa? Qual a escuta? Qual o *canto*? Quais narrativas a conversa pode gerar? Quais corpos? A conversa pode ser considerada uma *obraencontro*? Afinal, o que é uma conversa?



Foto 1- Henrique Schafer

Estrategistas de Encontros
(O Grupo)



Figuras 2, 3, 4 e 5 – Fotos Tatiana Schunck

Passear para conversar-escrever

Quando eu tinha cerca de treze anos, até menos, eu tinha um combinado com minha mãe. Era assim: eu pegava um ônibus que fazia ponto final perto de nossa casa e ia com ele até seu destino (também final) que era no bairro do Cambuci. Quando eu chegava ao Cambuci, eu descia do ônibus e ligava de um orelhão para minha mãe, avisando da minha chegada. Daí andava pelos espaços urbanos, entrava em igrejas, sentava em praças, olhava pessoas, via vidas, andava em ruas totalmente desconhecidas até então... Depois, voltava para casa, em Interlagos, no mesmo ônibus que havia me deixado no Cambuci. Essa distância tinha cerca de dezessete quilômetros. Além de observar, cheirar, escutar, conhecer, perguntar, conhecer, desconhecer, ver, plasmar... Sabe o que eu mais fazia?

Conversava. Isso, eu conversava com um monte de gente que eu não conhecia. Esse acontecer era algo tranquilo e espontâneo para mim.

1.a) Os Estrategistas de Encontros (O grupo)

A escrita sobre o grupo pretende ter densidade em sua explicitação, pois que os pilares – o material teórico, a metodologia experimentada, a escrita narrativa, as aberturas de relações, as reflexões e as primeiras conversas com o outro – nasceram nesta primeira experiência iniciada no ano de dois mil e treze. Minha atuação dentro do grupo cantava as sugestões e orientações para cada proposta e estive presente em todas as ações realizadas, como um corpo-farol que acompanha o movimento dos propositores. Estes mesmos pilares nos serviram para a continuação da pesquisa e para o trabalho com os outros grupos de trabalho, que aqui serão citados ao final deste capítulo. No que se refere à magia (magia solidária - mística da participação), gostaríamos de construir uma escrita que permitisse verificar no encontro entre duas pessoas desconhecidas um lugar para o lampejo dessa magia. Procurando dar a ver o que pode ser uma experiência de conversa. O que esta possui de magia?

Eu caminhava de volta até minha casa como que guardando palavras, imagens, gestos e sons que ouvi. Cada coisa guardada num canto aqui por dentro. Quando em casa já estava, entrava sem falar com ninguém – porque o silêncio parecia ser o guardador dos meus intuitos, dos meus presentes. Então, me recolhia em meu quarto, deitava no chão e escrevia sobre o que tinha me acontecido, contava em narrativas as experiências vividas, as pessoas que conheci. Pois sim. E tinha a sensação de estar mais sabida de mim.

Com os “Estrategistas de Encontros”, o trabalho aconteceu em locais da cidade onde encontramos possibilidades de *duração* no tempo-espço com o outro: pontos de ônibus, praças, padarias, farmácias, terminais urbanos, praças de alimentação, metrô, ônibus, entre outros. Este grupo foi chamado por nós de “grupo fechado” em relação aos passantes abordados a cada encontro, que foram chamados de “grupo aberto”. A relação entre os grupos se deu a partir de dinâmicas de encontros. O grupo fechado entrava no cotidiano do grupo aberto para abrir uma relação a partir da conversa e tornava-se, a posteriori, autor desse acontecimento procurando traduzir experiências em palavras que contam. Mais especificamente, as conversas propostas pelo grupo fechado aconteceram individualmente, na maior parte das vezes, e para maior esclarecimento dessa prática, criamos alguns codinomes para as pessoas e para as ações que participaram da pesquisa. Para abriremos o grupo fechado, pois a palavra “fechado” nos serviu apenas para identificarmos quem era o propositor inicial da conversa, criamos a possibilidade de sermos pessoas diferentes sob os codinomes: *pessoa que conversa e pessoa que observa*.

Cada uma dessas “pessoas” tinha a sua função, ora a função era *pessoa que conversa*: conversar a partir de um trecho literário (para entregar esse trecho para a pessoa passante, para perguntar à pessoa passante, ou mesmo como território temático da conversa, no mínimo como dispositivo para “ir” encontrar este outro), ora a função era *pessoa que observa*: observar e descrever o que viu seu parceiro realizar a partir da sugestão: *o que te parece esta situação?* Em qualquer dos casos, as *pessoas* deveriam carregar seus cadernos para essas criações. Como forma de alinhar essa divisão, normalmente, a *pessoa que conversa* escrevia o que de fato tinha acontecido no encontro com a pessoa passante (como foi iniciada a conversa, de quais estratégias lançou mão para chegar nesse outro, como a conversa evoluiu, qual material ocupou o teor da conversa, como finalizou o encontro, quais dificuldades...).

Em outros momentos, também resolvemos criar histórias a partir de descrições fiéis da pessoa passante, usufruindo da imaginação para completar lacunas e organizar uma estrutura narrativa que pudesse contar a experiência. As *pessoas que observam* escreviam o que “parecia” acontecer no encontro do parceiro (impressões, sensações, leituras sensíveis dos movimentos entre pessoa que conversa e pessoa passante, descrições...). Para a escrita dessas experiências em nossas narrativas, não poderíamos deixar de abrir também o grupo aberto, considerando então que a pessoa abordada à conversa, também teria seu codinome, *pessoa passante conversa*.

No início, consideramos somente a expressão *pessoa passante*, mais tarde, com o acontecer das experiências de conversas, percebemos que, a conversa é viva por si, que não há forma de comandá-la, nem de defini-la. E como essas conversas possuem vida própria, percebemos que o propositor havia se tornado somente a pessoa que abre a conversa, pois quando o outro que foi abordado *entra* na conversa, este outro está vivo, tem coisas a dizer,

faz perguntas e traduz à sua maneira aquilo que está acontecendo. Essas considerações merecem atenção especial por terem se transformado em território de experiências de *estar com*, de *estar junto*, de aberturas de relações, de possibilidades de pensamentos, de elaboração de sentidos (ou da falta de) em relação às próprias experiências. Conversando com o professor e filósofo Jacques Rancière, nos percebemos como *pessoas* (sejam as que conversam, as que observam ou as que passam) que podem:

“[...] traduzir à sua maneira o que percebem, de relacionar isso com a aventura intelectual singular que o tornam semelhante a qualquer outro, à medida que essa aventura não se assemelha a nenhuma outra. Esse poder comum da igualdade das inteligências liga indivíduos, faz que eles intercambiem suas aventuras intelectuais, à medida que os mantém separados uns dos outros, igualmente capazes de utilizar o poder de todos para traçar seu caminho próprio. O que nossas performances comprovam – quer se trate de ensinar ou de brincar, de falar, de escrever, de fazer arte ou de contemplá-la – não é nossa participação num poder encarnado na comunidade. É a capacidade dos anônimos, a capacidade que torna cada um igual a qualquer outro. Essa capacidade é exercida através de distâncias irredutíveis, é exercida por um jogo imprevisível de associações e dissociações”. (RANCIÈRE, Jacques. *O espectador emancipado*. 2012: p. 20)

Depois ainda, em rodas de apreciações e troca de experiências, algo que chamamos de *conversas observantes*, nós trocávamos esses registros entre conversadores e observadores. Sempre foi bastante rica a troca daquilo que de fato foi vivido por alguém com aquilo que foi imaginado por outrem a partir da mesma vivência. Consideramos que estas trocas se tornaram pistas para conferirmos se nossas experiências de conversas estavam provocando sentido para os propositores das mesmas, verificando assim nossas estratégias como campo de formação artístico-educacional fora de espaços convencionais.

A esfera da metodologia da interrupção

Nossa metodologia esteve amparada pela inclusão da literatura como campo referencial e como linguagem, e também pela criação de codinomes para as diferentes funções que experimentamos neste processo: a *pessoa que conversa*, a *pessoa que observa*, a *pessoa passante conversa*, a *conversa observante*. Como criamos codinomes para quase tudo na pesquisa, não poderia ser diferente com a metodologia apresentada: *a metodologia da interrupção*. Citando o canto palavra do professor Jorge Larrosa:

“A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço”. (LARROSA, Jorge. *Tremores: escritos sobre experiência*. 2014: p. 25)

Interromper como fazemos nas ações é exercitar a atenção para aquilo que está “acontecendo” com pessoas num determinado espaço da cidade e verificar *quando-como* entrar nesta realidade a partir de palavras (ou silêncios) que abram relações. Perceber o acontecer tem a ver com perceber o real como algo desorganizado, não pronto, mas em movimento, como aquilo que rompe e que não é dado. A interrupção se dá nesta dimensão: no real, naquilo que está (em movimento). Observar um olhar que nos parece aberto à conversa e um corpo que nos diz “sim” de alguma forma revela-nos, alguma “entrada”, alguma interrupção possível para que o encontro possa acontecer. Também esta interrupção

nos conta de algum aspecto da magia que encontrar este outro nos dá, algo que fica num lugar quase indizível por não sabermos como explicar sensações em relação ao outro que nos é desconhecido, alguma intuição, alguma afinidade ou repúdio.

Outra forma de interromper se dá quando percebemos que a experiência da conversa verifica o próprio uso das palavras, atendo-se ao sentido do que é dito, quando se conversa com o outro que lhe é estranho e quando não se espera que algo seja dito num local de passagem-espera, por exemplo. É diferente o que se diz quando não se sabe com quem se conversa. Pede-se um tempo levemente maior numa suspensão para a escolha das palavras. Causa estranheza tamanha intimidade possível no encontro entre estranhos. Quando marcamos um encontro e sabemos com quem iremos conversar, certamente, no percurso espacial até este encontro, vamos *iniciando* a conversa selecionando os “tópicos” mais comuns a falar com aquela determinada pessoa. Quando enfrentamos o verbo *desconhecer* e nos colocamos à mercê do acaso, estamos no tombo, no desconhecido e mergulhamos na interrupção do controle, do comum e daquilo que nos é seguro.

1.b) De como os encontros aconteciam

Iniciamos aqui nosso canto que conta *como* trabalhamos para propor experiências de conversas entre desconhecidos nas ruas da cidade de São Paulo. Haverá uma descrição de alguns destes encontros e a visualização das narrativas construídas a partir das conversas. Nosso primeiro encontro se deu numa estação de metrô da cidade de São Paulo. Combinamos de nos encontrarmos no hall do metrô próximo às escadas rolantes e às catracas. Ali mesmo, enquanto aguardávamos todos chegarem, iniciamos nossa primeira tarefa: criar um *corpo coletivo*. Um corpo formado por todos os corpos dos participantes que, aos poucos, fosse encontrando sua forma de respirar junto, sua forma de olhar o mundo à volta e, fundamentalmente, para encontrar a *presença-atenção* naquilo que nos cercava e nos atravessava. Essa qualidade de presença nos foi primordial para estarmos nas ruas. Ela quem nos deu um guia, uma espécie de farol, que nos mostrava o caminho. Através de trocas de olhares e de pequenos gestos o grupo pôde se reconhecer no meio de todos os outros corpos. Então, sempre iniciávamos nosso trabalho com essa chegada ao próprio corpo e com a construção de um corpo coletivo.

Iniciamos com a sugestão de somente nos olharmos, de nos atermos ao que estávamos vendo em nós mesmo e nos outros. Ver as próprias sensações e respirações, como também ver os objetos e cores que os outros carregavam em seus próprios corpos. Andamos mantendo esse foco no olhar e quando esse foco, como um fio, era atravessado por algum novo corpo, podíamos deixar que nosso fio fosse transferido a algum olhar estranho. Enquanto nos víamos, também nos permitíamos ampliar essa costura de fios entre os passantes. Na parte externa do metrô, continuamos nossa tarefa no terminal de ônibus e em seguida num ponto de ônibus de uma avenida movimentada. Entreguei aos integrantes

um trecho do poema *Fluxo Floema* de Hilda Hilst. Eis o trecho que serviu de dispositivo para gerar o encontro:

“Você não ficaria desconfiada de todos se tivesse o coração exposto e não por dentro da caixa torácica? A qualquer momento alguém podia te comer o coração. Podia. E depois não é normal ter o coração exposto, eu ficaria uma fera se isso me acontecesse. Você poderia ser desconfiada, mas isso não implicaria em ser má. Imagine, eu desconfiada, com medo de ser agredida, estaria sempre agredindo os outros. Seria mesquinha. Merda, por que é que só eu tenho o coração exposto e os outros não têm? Os cães podem me comer o coração, eu vou matar esses cães, eu vou matá-los. Você tem um revólver? Uma faca? Um veneno? Tenho a mim mesma de coração exposto, eu mesma sou uma agressão, avanço em direção a eles, cuspo na cara deles, cago em cima deles, cago nessa humanidade inteira, essa humanidade de coração engolido, cheio de proteção”. (HILST, Hilda. *Fluxo Floema*. São Paulo: Globo, 2001: p. 157)

O grupo andou pelo espaço enquanto lia para si tal trecho, em seguida, cada pessoa escolheu uma frase, uma ideia completa que pudesse ser dita a alguém (ainda do grupo) olhando nos olhos dessa pessoa. Durante um tempo o grupo experimentou essa dinâmica, enquanto trocavam as frases e/ou ideias escolhidas e também as pessoas para quem diziam os trechos. Quando percebessem que fosse possível dar este trecho para um passante, eles iniciaram a abertura de relações que extrapolaria o próprio grupo. Mantivemos essa dinâmica por um tempo, pessoas foram abordadas gentilmente enquanto andavam de um ponto a outro no terminal. Como estávamos num local de passagem para a entrada do metrô, tivemos a oportunidade de exercitar com diferentes pessoas as frases e/ou ideias escolhidas. Algumas pessoas somente ouviam estranhando a densidade da frase dita, outras respondiam concordando ou discordando da frase, e o integrante do grupo tinha a chance de responder ou não ao passante com outra frase do poema. Pretendíamos não chamar a

atenção das pessoas para nossa atuação como sendo uma apresentação artística, queríamos somente interromper o ritmo daquele passante e dar-lhe a frase.

Em seguida, fomos individualmente ao ponto de ônibus mais próximo. O restante do grupo permaneceu na calçada oposta ao ponto para observar o que se dava no encontro do lado de lá da avenida (já exercitando *pessoa que conversa* e *pessoa que observa*). Cada um levou consigo suas frases selecionadas e estabeleceu algum diálogo possível com um passante no ponto de ônibus. Quando retornavam dessa experimentação, escreviam a descrição da conversa e esse material foi utilizado para a escrita que voltaria a ser dispositivo em outro encontro. Ao final desse dia conversamos sobre quais as estratégias usadas por cada integrante para conversar com o passante. Um dos integrantes disse ter usado como estratégia o deixar cair um papel no chão, o passante baixou para pegar e ela aproveitou para dizer-lhe: *merda*, (como se reclamasse de ter perdido algo no chão) *por que que só eu tenho o coração exposto e os outros não têm?* Outro, perguntou que horas são e logo que soube a hora disse: *a qualquer momento alguém podia te comer o coração*. As pessoas abordadas estranharam o teor das frases, algumas fizeram que sim com a cabeça e logo se distanciaram, outras perguntaram: *por quê? O que? Como?* Divertimo-nos com essa primeira experimentação, por reconhecermos a ousadia da proposta e com os desfechos que ocorreram. Percebemos como esse poema é profundo, denso e difícil de ser usado como frase solta de conversa. Nos encontros futuros usamos apenas trechos de escritas produzidas pelo próprio grupo em busca de verificarmos se estávamos presentes naquilo que dizíamos e escrevíamos.

Também foi bastante interessante acompanhar as conversas que puderam perdurar por mais que um instante onde algum vínculo e intimidade foram criados entre as pessoas (do grupo e passantes) no ponto de ônibus; algo que pode nos sugerir pistas na direção de

introduzir a magia para tentarmos dizer sobre como isso se dá. Como estranhos podem se tornar íntimos, em situação de proximidade e de troca, fazendo dessa situação um outro jeito de existir junto? O que (re)coloca as pessoas nessa situação de encontro? Qual o momento do “aceite” no encontro? O que nos insere na perspectiva da estética relacional, quando se pensa em produzir encontros em esferas de intimidade a partir da presença deste outro e de uma elaboração comum, ou mesmo numa aproximação com a perspectiva da liminaridade, quando “dois” são colocados frente *um ao outro* e podem experimentar uma troca de lugares sem valoração específica de posições. Isto se dá num instante que não pode ser capturado, praticamente indizível. E este é um ponto crítico da pesquisa, quando se pretende observar “algo” que acontece na conversa e que se dá na efemeridade, quando não se pode ser simplesmente interpretado, mas que está diante dos nossos olhos e no contato com o corpo. Num determinado momento da ação de Jackeline Stefanski, numa conversa com a vendedora de água de coco no ponto de ônibus, esta mulher a abraçou e tocou o braço de Jackeline agradecendo-a pela escuta de sua história (ela contou à Jackeline como sentia seu coração apertado, como não tinha para quem contar suas “coisas”...). O toque no braço de Jackeline perdurou por alguns minutos, algo que não a deixava sair da conversa, como se as duas (a mulher e Jackeline) estivessem num mesmo ponto, na ponte, no lugar limítrofe, revelando a fronteira pela sua junção. Um instante de conforto e desconforto, em intimidade. E todos nós sabemos como é esta sensação, quando alguém, mesmo que próximo a nós, nos toca a mão e esse toque tem um tempo um pouco maior e, que quando estendido, pode causar alguma estranheza, não sabemos? Proponho que assim que possamos, ao terminarmos de ler estas palavras, que experimentemos tocar a mão de alguém (conhecido ou não) e que tentemos manter este toque por um tempo maior. Maior quanto? Experimentemos.

As perseguições de pessoas desconhecidas

O início do trabalho nesse dia foi bem parecido com o anterior no que diz respeito a encontrar o corpo coletivo e buscar um só olhar para atentarmos ao que nos cerca. Trabalhamos num terminal de ônibus e percebemos nosso ritmo em meio ao ritmo dos passantes. A ideia era que a cada ritmo que *perpassasse* nossos corpos de forma convidativa, que pudéssemos acompanhar alguma conclusão de gesto, de caminhar, de respirar, de olhar, desse ritmo externo. Deflagrando assim, o surgimento de outros corpos que se tornariam, naquele dia de trabalho, o grupo aberto para o encontro, para a experiência da conversa. Para isso, buscamos formas de olhar para esse outro que levassem em consideração quem ele era, para descobrir como interagir com a realidade dele.

Neste exercício, com a presença no real, acabamos por experimentar um tempo mais lento, uma atenção afetiva aos passantes, e nos exigiu um tanto de paixão por aquilo que nos cercava. Mais uma vez, reconhecemos aqui uma instância da magia, visto que esta qualidade de olhar novamente nos aproxima de um tipo de “dedicação” em direção a alguém que não é você, como uma paixão, como algo que para ser paixão deve estar fora de si. Buscar este outro - revelá-lo em seu campo de paisagem, e modificar, portanto, a sua própria paisagem. Como passo a ver o que está fora de mim? É preciso desejar ouvir o outro.

Durante um tempo, o grupo experimentou essas sensações e andanças pelo terminal, até que a próxima etapa fosse sugerida: perseguir uma pessoa durante dez minutos sem que esta percebesse tal perseguição. Passados os dez minutos os integrantes voltariam e escreveriam: quem era essa pessoa, para onde ela ia e o que iria fazer lá. Trabalhando com a ideia de *quem, onde e o que* para iniciarmos nossas construções narrativas, com clareza de situação dramática.

Nessa experimentação, as histórias foram construídas sob o gênero de cartas. A carta poderia ser escrita pela pessoa que foi perseguida ou poderia ser escrita à pessoa que foi perseguida... Aproveitamos para selecionar durante as perseguições, alguns objetos concretos da cidade para serem utilizados na escrita. Também tivemos que encontrar formas de incluir um trecho do texto trabalhado na semana anterior *Fluxo Floema* de Hilda Hilst, para serem inseridos também nas cartas. Então, ficamos com estes exemplos:

Exemplos de cartas:

Integrante autor: Jackeline Stefanski

Quem: Mariana (pessoa perseguida)

Onde: Rio de Janeiro (lugar para onde ia)

O que: morar (o que ia fazer lá)

Objetos selecionados pelo integrante: carrinho de água de coco

Trecho selecionado pelo integrante: “você poderia ser desconfiada mas isso não implicaria em ser má”.

Rio de Janeiro, 02 de maio de 2013

Mãe, que saudade!

Aqui é tudo lindo, maravilhoso. Já fui à praia de Copacabana, andei de bondinho, subi no Cristo. Rezei por nós e agradei as coisas boas que tem acontecido. Tenho que te agradecer também pelo apoio, por tudo. Como estão as coisas em São Paulo? E o carrinho? Vendendo bastante? Eu ainda acho que você devia vender água de coco no parque, aí perto do metrô, todo mundo apressado... Nem param pra descansar um pouco... Você podia vir morar aqui comigo, ia vender muito coco na praia, quem sabe montar um quiosque... Quando você vem para cá? Estou morando perto do centro. Mas, e você? Como está? O pai? O Felipe? Tá estudando? Eu ando tranquila, mãe. Você tinha toda a razão quando me disse: “você podia ser desconfiada, mas isso não implicaria em ser má”. Não vou deixar pessoa nenhuma, tristeza nenhuma me transformar numa mulher má. Vou me esforçar pra me manter firme no amor. A mudança tem me ajudado. Muita saudade de vocês. Bom, o sol está se pondo aqui. Acho que posso finalmente ser feliz. Só tenho sentido falta das padarias e do teatro. E de vocês, é claro! Isso eu resolvo quando for visita-los.

Um abraço apertado,

Mariana

Integrante autor: Ivan Xavier

Quem: Ricardo, 27 anos, estatura mediana, muitas tatuagens piercings. Gosta muito de rock, é extremamente politizado, atencioso com os pais e amigos. Não bebe, não fuma, não usa drogas, além de ser vegetariano. Trabalha como web designer e estuda design gráfico, tem como hobby ir a shows de rock ouvir punk rock e tocar contrabaixo. Não é tímido, mas bastante reservado. É um cara sensível que acredita no amor, não acredita em deus, mas acredita no ser humano (pessoa perseguida)

Onde: estúdio de tatuagem (lugar para onde ia)

O que: uma nova tatuagem (o que ia fazer lá)

Objetos selecionados: não selecionou

Trecho selecionado pelo integrante: “não é normal ter o coração exposto, eu ficaria uma fera se isso me acontecesse”. “Por que só eu tenho o coração exposto e os outros não têm”.

Carta para Isabela

Oi amor, te escrevo do passado, sobre o meu presente, que se depender de mim, será o futuro também. Hoje uma coisa aconteceu que chamou minha atenção, uma pessoa chegou em mim e disse: “não é normal ter o coração exposto, eu ficaria uma fera se isso me acontecesse”. Amor, estamos em perigo! Pois o tempo todo estamos com nossos corações expostos! Quando estou perto de você fico tranquilo, posso proteger esse coração exposto, mas quando não estou o que é que eu faço? E quem vai proteger o meu? Diante de tantas perguntas, medos e inseguranças, não encontro respostas, porém, sou um cara de sorte! Perante a tanta maldade, inveja e desamor, eu encontro um coração puro, desprotegido e que mesmo com tantas qualidades arrumou um espaço para mim. Às vezes me pergunto: “por que é que só eu tenho o coração exposto e os outros não têm?” Bom, enquanto você tiver ao meu lado, prometo sempre proteger esse coração pois é a única forma que o meu também se sentirá protegido e só de ter a oportunidade de conhecê-la a minha vida já valeu a pena!

Beijos com amor,

Ricardo

Integrante autor: Ivo Borges

Quem: um peixe

Onde: aquário

O que: observar

Objetos selecionados: carrinho de churrasquinho de gato, três orelhões.

Trecho selecionado: não escolheu

Observo-te silenciosamente opinando em surdina inaudível desejando as tuas perguntas. Aqui dentro no espaço e nos meus acenos luto contra o vidro que apenas tu tem o poder de destruir. Analiso a quantidade do teu ar e a velocidade do teu som. E permaneço. Aqui tudo é mais pesado, mais e mais na pele. Nunca imaginei que andasses na rua assim, desse jeito, perto dos outros, com esse olhar apagado e perdido. Pensei que os outros como tu, me comeriam nesse instante. Mas sempre chega bonita para mim. Mesmo assim, desconsolada desse jeito. De manhã é a minha parte favorita, sempre na expectativa da luz e desse teu movimento contínuo original. Aí, nesse momento, temo-nos. Nunca imaginei que houvesse algo chamado carrinho de churrasquinho de gato, nem nunca vi um gato sequer. Nem uma associação de orelhões em três, sendo que um é menor. Nunca havia usado antes uma palavra, ou outra qualquer palavra...

Geralmente, nossa comunicação é instantânea e se adequa ao ritmo acelerado e veloz da internet. O fácil e rápido contato por e-mails, facebook, torpedos, etc., causam a impressão de uma proximidade que é, exclusivamente, virtual. Necessariamente não sentimos a falta de alguém, se estamos conectados pela internet. As cartas (como forma sugerida neste dia) são trocadas quando há ausência concreta e sentida entre duas pessoas, há saudade, há tempo e espaço entre seus escritores. Há uma trajetória espacial concreta que a carta percorre (do correio até a casa do outro: passos, ruas, avenidas, bairro), diferente do instantâneo abstrato do mundo virtual.

Nas conversas que tivemos após essa fase de escritura das cartas, alguns pontos pareceram elucidar as características fundamentais dessa prática, em que se refletem as razões para experimentá-la. O tempo para escolher alguém, conversar com este alguém, escrever sobre esta conversa; é um tempo em “suspensão”, algo como uma sensação de feriado (sensação dita por um dos integrantes), de duração mais dilatada, um tempo que se instaura na interrupção de um tempo dominante, o tempo *agora* passa a ser de resignificação de um estar no aqui e agora. Esse tempo “intervalo” permite que as impressões decantem com mais tranquilidade e calma e o canto (como palavras que podem ser sussurradas quando nos colocamos a ouvir e a escrever) possa começar a ser ouvido.

No subterrâneo: o trabalho dentro do vagão do metrô

Nesse dia trabalhamos dentro dos vagões de metrô, iniciando o trabalho da mesma forma citada anteriormente. O grupo recebeu dois papéis, estes seriam abertos somente quando um sinal fosse dado. Entramos no metrô, nos espalhamos dentro do vagão em estado de presença mais consciente, colocando-nos em exercício de magia solidária. O primeiro papel seria aberto na ida (entre as estações Consolação e Alto do Ipiranga) e o segundo papel na volta. Conforme nosso trabalho ia acontecendo, fomos percebendo a dificuldade, ou melhor, a delicadeza exigida em nossa comunicação quando já estávamos na interferência. Não tínhamos como nos comunicar de forma aberta para não gerar rupturas que pudessem fazer alguém achar que estávamos apresentando algo e queríamos também evitar que pessoas que já tivessem conversado com um de nós se sentissem usadas de alguma forma. Então, tivemos que encontrar formas sutis de entender códigos que muitas vezes nasciam no *durante*.

Este aspecto também torna a nossa relação com o tempo como um exercício de descoberta de um novo ritmo, de um novo espaço, de uma transformação novamente de nossas paisagens. Poderíamos dizer aqui, que a primeira alteração percebida em nós mesmos está na nossa forma de ver o que está diante de nossos olhos. Estávamos descobrindo/inventando juntos os nossos códigos. Assim, deixamos aberta a lacuna do mistério que tornava as coisas todas mais encantadoras e mais atraentes, justamente por não possuímos o controle de cada situação. Uma medida de segredo tornou tudo mais interessante, aguçou nossa curiosidade, perturbou e nos moveu, instigou a intuição.

Depois de um tempo de reconhecimento do ritmo, das pessoas - dentro do vagão do

trem em movimento, levantei um braço como quem espreguiça e o grupo se pôs a ler o primeiro bilhete: *todos sabem de alguma coisa e só você não sabe*. Eu os havia orientado no início do trabalho que a partir da leitura dos bilhetes, que eles procurassem descobrir aquilo que estava escrito, portanto, descobrir aquilo que todos sabiam, menos você. Durante o tempo de ida nesse trajeto do trem, o grupo estava espalhado pelo mesmo vagão buscando suas conversas com as pessoas. Cada um estabeleceu sua forma de encontrar uma pessoa, de perceber o tempo e o como abrir um espaço para a conversa. Cada um buscou sua estratégia para iniciar um encontro que tivesse como dispositivo essa frase.

Durante o tempo de volta no mesmo trajeto do trem, o grupo estava novamente espalhado pelo vagão, mas agora com outro papel a ser aberto. Quando nos entendemos que sim, que podíamos abri-lo, estava a seguinte frase: *você sabe de algo que ninguém mais sabe*. E, novamente o grupo se colocou em busca de novas conversas, em novos encontros, com outras pessoas. Ao final deste dia, eles escreveram livremente por dez minutos, a proposta era escrever sem parar, sem tirar a caneta do papel durante esse tempo ininterrupto. Porque, nos parece que esta escrita livre revela subjetividades que escapam da escolha consciente e no papel tomam forma. Extrapolam qualquer interpretação acerca do que se experimentou, ou ainda poderíamos dizer, que as interpretações podem vir junto com o pensamento solto e este revela o ato de interpretar como algo que está junto, mas que não escolhe a palavra que conta, facilitando assim a conversa entre as vozes que nos habitam e as expõem de forma livre. E a segunda parte da tarefa era escrever uma história com começo, meio e fim a partir da experiência dentro dos vagões do metrô.

Seguem alguns exemplos da escrita livre:

Data 07.05.2013

A experiência vivenciada no último encontro resultou em diversos assuntos a serem discutidos. Em uma das minhas abordagens notei que a moça se abriu demasiadamente comigo. Em poucos segundos conquistei a confiança (?) dela e isso gerou algumas preocupações em mim: até que ponto isso é bom? Será que o assunto que eu lanço durante a abordagem pode ser uma ofensa ao outro, ou até mesmo acionar sentimentos e memórias desagradáveis a esse indivíduo? Após pensarmos e discutirmos juntos essa questão, percebi que a responsabilidade é mútua, ou seja, apesar de eu estimulá-la a dialogar comigo, quem opta por falar ou não (simpliciter dizendo) é ela. Interessante também pensar em qual é o nosso objetivo nesse trabalho, e o que nossas abordagens procuram alcançar. Refletir sobre o que esses momentos geram em nós (individualmente) no outro e no grupo. O que se ganha e o que se perde. O que se toma e o que se deixa ali. Há também outro ponto que foi evidenciado em minha mente durante nosso percurso dentro do metrô: a relação que há entre nós, como grupo. A cada encontro sinto que nos afilamos um pouco mais. Passo a passo desenvolvemos essa percepção mais aguçada sobre aquele que está ali ao nosso lado. Exercitamos essa noção de corpo-grupo-espço que, a meu ver, é de uma preciosidade intensa.

(Escrita livre de Kelly Santos, estudante de História)

Data 07.05.2013

Metrô, tempo e caos. Pensei e parei, não era para parar. Onde é que toda essa gente vai? Curva da escada rolante, certeza no olhar, eles vão como manada de boi, de bicho, de bicho-gente. Metal. Luz, frio. Hoje não tem ninguém aqui. Ninguém de olhar aberto querendo me explicar. Pra onde que é? Parece óbvio e eu parada no meio do caminho. Um homem passa correndo, ele deve saber, corro atrás dele, vai que encontro a resposta. Mas ele some em meio a multidão. Silêncio interno dentro de mim. Todos passam, um deles literalmente passa o olhar por mim, diz sem dizer, comunica sem me tocar. Eu fico parada e o ar continua entrando e saindo de mim, sigo esse bando de gente que vai sem se cansar de um lado para o outro e então me perco sem saber o que seguir. O que é? Um homem faz passos de dança no metrô, ele não sabe que dança quando se mexe assim como quem nada quer, dá um passo lento, demora em tocar a ponta do pé no chão, ele dá outro passo, depois um cruzado e se deixa apoiar na barra do metrô num movimento que parece ensaiado, mas não foi. Eu conheço esse homem, mas ele não sabe e eu também não sei. Há muitas coisas que não sabemos e antes que eu possa revelar a ele aquilo que aquela pequena dança secreta me revelou ele sai. Ele some da imensidão do mundo. Senta ao meu lado, ela busca, ela sabe o que busca. Será que eu também busco algo? O que quero encontrar? Ela não sabe que me conhece eu conto a ela e ela sorri. Me olha nos olhos, acho que é a primeira vez do dia que alguém me olha nos olhos. Um sorriso meio velho, ela me revela seus segredos, me

conta a sua vida. Eu disse a ela que a gente se conhecia e ela tomou ao pé da letra e no fundo sabia mais de mim do que eu podia imaginar.

(Escrita Livre de Elisa Finguerman Touchon, atriz)

Nas conversas que tivemos após essa experimentação, percebemos um cansaço geral no grupo. Uma exaustão. A impressão com que ficamos é que cada pessoa, cada informação espacial (uma janela, um anúncio publicitário, uma frase do maquinista, etc.), detona digressões que se transformam em histórias longas e detalhadas daquele estímulo. Em geral, as histórias ficam soltas, sem desfecho, pairando no ar, no mundo das ideias. Nossa tarefa era a de encontrar fios que estávamos sempre capturando para costurar uma colcha de retalhos de “realidades” inventadas (os recortes reais).

As narrativas construídas após a experiência dentro dos vagões de metrô foram continuadas por outros integrantes do grupo para serem usadas numa outra dinâmica de trabalho. Elas foram levadas para um novo encontro e foram utilizadas da seguinte forma: a pessoa trazia sua narrativa continuada e trocava com alguém do grupo. Todos leram as narrativas que receberam pela primeira vez e em seguida escolheram um dos comércios que cercavam o terminal de ônibus de outra estação de metrô, com a companhia de mais dois integrantes do grupo.

Dentro do comércio, o objetivo era contar essa narrativa-história aos parceiros e fazer com que algum passante participasse da história, transformando-a em conversa, fazendo com que essa narrativa fosse ouvida e contada ao passante abrindo espaço para sua participação, estabelecendo uma conversa a partir da história contada. Após as histórias terem sido experimentadas dentro dos comércios, um dos parceiros que acompanhou o

integrante a contar, ficou com a tarefa de escrever algum complemento utilizando o material que surgiu na troca com os passantes.

Seguem alguns exemplos dessas narrativas-histórias e de suas continuações:

1. Narrativa escrita por Elisa Touchon Finguerman:

Um dia como todos os outros dias eu esqueci. Avançava como sempre ocupada em não pensar, saí da escada rolante e esqueci. Simples assim. Fiquei parada naquele corredor horas ou talvez até dias, fiquei lá parada sem me mexer tentando lembrar o que era que eu sabia. Tentei lembrar de onde vinha, ou o que ia fazer, mas tudo insistia em desaparecer da minha mente. Via as pessoas passando por mim. Depois ninguém e em seguida mais uma vez uma manada de gente que subia as escadas rolantes por todos os lados e faziam sempre uma curva pronunciada à direita e pouco depois sumiam no infinito de um corredor estreito e todo metálico. Vez ou outra alguém parecia se arriscar no sentido oposto e passava apressado, mas o que mais me chamava a atenção era o fato de todos saberem o que em mim era apenas dúvida. Em determinado momento um homem passou por mim correndo e num impulso comecei a segui-lo, se não descobrisse nesta aventura nada sobre mim que ao menos pudesse descobrir sobre ou outros. Ele se enfiou em um túnel que parecia não ter fim, continuavam passando por nós centenas de pessoas no sentido oposto e todas falavam coisas que eu não compreendia. Falavam sem parar. Depois de correr e

desviar de tanta gente me dei conta de que havia perdido de vista aquele homem. O corredor estava vazio. Apenas ouvia o som de saltos-altos que se aproximavam, depois de certo tempo duas mulheres cheias de sacolas passaram por mim, uma dizia para a outra “Você é passarela, alta... Magrinha... Já eu sou fotográfica porque sou mais redondinha...” Interrompi a conversa delas sem nem mesmo me dar conta: “Desculpem, pra onde é que é?”

-O que querida? - Ah, não sei... Não pensei nisso...

Elas me olharam e saíram rindo baixinho. Fiquei pensando, e eu? Sou passarela ou fotográfica? Fechei os olhos por alguns instantes e quando voltei a abri-los estava sentada num banco ao lado de uma mulher que procurava algo em uma sacola, ela parecia saber o que procurava, então perguntei: “A gente se conhece?” Ela nem sequer parou para pensar ou responder o que eu lhe havia perguntado e começou a me contar sobre a sua vida em todos os detalhes. Escutei educada. Depois de certo tempo ela olhou fundo nos meus olhos e disse: “É aqui que você desce”. Eu obedeci sem questionar, finalmente alguém me dizia o que fazer. Ao sair para a rua o vento bateu no meu rosto, a luz de golpe me acordou para a vida. Olhei em volta de mim e finalmente lembrei o caminho para casa.

2. Continuação da narrativa acima:

Eu estava no metrô esses dias e fiquei observando as pessoas cruzarem a estação, de um lado para o outro, tão decididas, tão certas do que devem fazer, de onde estão indo, de onde devem ir. Uma multidão. Eu, ao contrário, não sei o que fazer, ando sempre indecisa, confusa. Quase sem perceber, comecei a seguir um homem pelo corredor, mas o perdi de

vista no meio de toda aquela gente. Fechei os olhos por um tempo e quando me dei conta, estava perto de duas mulheres que conversavam. Ouvi bem só uma frase:

- Ela é de passarela, eu sou comercial, sou mais cheinha.

Fiquei pensando se eu sou passarela, ou comercial. Tão difícil. Ando assim, incerta, perdida, parece que tem alguma coisa faltando, algo que não se encaixa, eu não me encaixo, me distraio, facilmente...

Outro dia, estava dirigindo de casa para o trabalho e não vi o farol fechar, avancei na faixa de pedestre e uma mulher com um menino – acho que era filho dela, começou a gritar: - Sua louca! Presta atenção! Assassina!

Falou muitos palavrões, tanta raiva. Eu me desculpei, mas não sei se ela ouviu. Fiquei envergonhada. E, quando percebi estavam todos buzinando, eu pensei que era por causa do incidente e levei alguns segundos pra perceber que era porque o farol já tinha ficado verde e eu não acelerava o carro, pra sair. Quando acelerei o carro, me atrapalhei e ele morreu. Fiquei tão nervosa, consegui, finalmente, seguir em frente. Encostei logo depois numa vaga e chorei. Quando me recompus, não me lembrava pra onde estava indo... Você acredita? Eu chorei assim, do nada, quase por nada. Ando muito sensível, isso é até perigoso, tenho que tomar mais cuidado.

- E você? Como está? Obrigada por vir. Quer um pouco de chá?

(História continuada por Jackeline Stefanski, contada dentro de uma loja de cosméticos, introduziram a atendente da loja na conversa. Opinaram sobre que tipo de modelos elas seriam, as participantes do grupo fechado e a atendente)

1. Narrativa escrita por Jackeline Stefanski:

Ela

Era outono. O céu estava azul, sem nenhuma nuvem e o vento frio, deixava o rosto vermelho. Ela tinha decidido ir direto para casa depois do trabalho. Estava muito cansada. Os pés doíam, a cabeça também. Estação Brigadeiro, desembarque pelo lado esquerdo do trem, ouviu o maquinista falar, enquanto algumas pessoas desciam do metrô. Sentou-se num lugar vago, de costas para o sentido do trem. Normalmente, não sentava nestes bancos, pois sempre enjoava, mas naquele dia estava cansada. Encostou a cabeça na janela e ficou observando o trilho, as luzes, o corrimão. Seus pensamentos foram se perdendo, perdendo, até virar sono. Cochilou. A cabeça batia de vez em quando na janela e o queixo insistia em ceder à gravidade. As vozes das pessoas invadiam sua mente e podia ouvi-las no sonho. De repente um rapaz alto, com uma blusa colorida sentou-se ao seu lado. Ela despertou e se ajustou no lugar. Ele olhou para ela e sorriu. Ela não sorriu de volta, fechou os olhos e fingiu dormir – mas o sono tinha passado, instantaneamente, tinha virado ansiedade; não sabia bem o porquê, mas ficou com medo do rapaz. Segurou mais forte a bolsa e entreabriu os olhos. Observou duas senhoras que estavam sentadas nos bancos reservados para pessoas com necessidades especiais. Elas conversavam e gesticulavam. A

pomba é uma figuração. Maria era uma mulher comum como eu, como você, ouviu uma delas dizer, quando o rapaz lhe perguntou:

- Moça, você sabe se está acontecendo alguma coisa que eu não sei? Tenho a impressão de que todo mundo sabe de alguma coisa que eu não sei! Ela não entendeu. Não poderia. Passaram-se poucos segundos entre a pergunta e sua resposta, mas ela pôde imaginar uma vida toda, várias vidas, complexas e trágicas, com amores não correspondidos, todas com desfechos infelizes, antes de responder-lhe:

- Não sei do que você está falando... Mas, acho que todo mundo sabe de alguma coisa que a gente não sabe.

- Como assim?

- Bom, cada pessoa aqui que não conheço sabe muitas coisas. E eu não faço ideia do que eles possam saber. E eles não fazem ideia do que eu sei. Eles se encararam por alguns segundos. Poucos segundos mais do que os que preencheram o intervalo entre a primeira pergunta e a primeira resposta. Tinha afrouxado os dedos e a bolsa estava livre em seu colo, agora. Estação Alto do Ipiranga.

- Obrigado. Ele levantou-se e desceu naquela estação.

Ela percebeu que tinha perdido sua estação. Foi até o final da linha para voltar. A cabeça e os pés ainda doíam, mas o sono tinha partido. Caminhou por quarteirões sem conseguir pensar em nada. Sem inventar nada. Assim, de noite, só, caminhou. Não conseguiu ir direto para casa. E isso não era ruim.

2. Continuação da narrativa acima:

Ainda incomodada com a dor de cabeça e com todos os fatos que aconteceram, passou no supermercado comprou duas garrafas de vinho e um engradado de cerveja. Pelo menos esta noite teria companhia. Ao chegar em casa pegou um cálice serviu com vinho e sentou-se em frente ao computador para abrir seus e-mails e face book. Ao entrar na internet e abrir o facebook teve uma surpresa. Havia uma solicitação de amizade ao clicar para ver quem era ficou espantada! Caramba, é o cara do metrô!

Como assim, quem era aquele cara? Como ele a tinha encontrado? Tentando descobrir, vasculhou a página inteira e nenhum amigo em comum, apesar que seria muita coincidência ter um amigo em comum quando essa pessoa possui somente três amigos no face. Além disso, nenhuma das páginas que ele curtia era de interesse em comum ela, a não ser uma que dizia: “Eu sei de uma coisa que você não sabe”, que a deixou intrigada. E agora? O que fazer? Adicionar essa pessoa que não sabia da existência e que agora a intrigava, ou permanecer na dúvida? Sua cabeça doía!

(História continuada por Ivan Xavier, contada dentro de uma padaria, introduziram o balconista na conversa)

Tentamos construir narrativas que nasceram da prática de estar nas ruas vivenciando nossas propostas de encontros com o outro. Essa prática revelou a escrita literária, em parte como consequência das interferências vividas coletivamente e, em parte como próprio dispositivo para estas ações. Não é sempre que temos o costume de registrar e elaborar nossas experiências através da escrita. Qualquer registro, por mais simples e objetivo que possa ser, está carregado de singularidades, de uma percepção do mundo, absolutamente diferente de qualquer outra.

A possibilidade da escrita foi vista nessa pesquisa como uma chance de escaparmos da imobilidade das emoções enraizadas na solidão do eu e de produzirmos narrativas que nasceram do estar atento ao que se passou, ao que aconteceu, ao que nos passa. Esse exercício exigiu arrancar-nos dos limites daquilo que somos, e dos hábitos que anestesiam a potência daquilo que não podemos nomear. Poder “dar nomes” ao que experienciamos tão logo a experiência aconteceu clareou caminhos para nos atermos à observação daquilo que nos cerca e nos atravessa. Citamos algumas reflexões dos integrantes do Grupo “Estrategistas de Encontros” sobre essa dinâmica:

A experiência vivenciada na rua, no espaço externo, público, gera em nós sensações que, no dia-a-dia, deixamos escapar. Dedicar parte do nosso tempo para nos concentrarmos nesses espaços, e desenvolvermos os exercícios propostos, já é um elemento diferente dentro de nossas semanas corriqueiras, rotineiras, quiçá... Lineares.

A produção literária (ainda que singela) resultante desses momentos nos cabe como um ensejo para externar o que se viu, se sentiu e vivenciou. A escrita não é banal. Para que ela exista, algo ocorreu anteriormente em nós e no espaço que ocupamos. Precisamos notar verdadeiramente o local em que estamos inseridos, e nossa percepção a respeito do espaço-cidade tende a ficar cada vez mais apurada. Pensamos a cidade e quem nela habita.

(Kelly Santos, graduanda no Curso de Graduação e Licenciatura em História)

Além dessa possibilidade de externar as impressões que nos alcançaram ao decorrer de um exercício, é interessante notar o que nossa escrita pode gerar em um momento posterior. Quero dizer, o que produzimos é lido por outro integrante, e este recebe a escrita de forma autêntica e a (re)significa, dando a ela um novo olhar. Essa troca é para nós deveras proveitosa e prazerosa.

(Ivan Xavier, estudante)

Esse cruzamento citado, no que diz respeito a liberar aquilo que foi escrito por um integrante para ser continuado por outro integrante do grupo também possibilitou que vivêssemos uma atividade coletiva que valorizou a escrita criada pelo “estar junto” e pelo reconhecer o “dar material” como exercício de elaborar os sentidos. Propor estes cruzamentos foi uma possibilidade de criar algum elo entre pessoas, revelando um exercício de socialização, já que nos foi possível vivenciá-los na esfera do desconhecido, do risco e das relações humanas na cidade.

Consideramos que estamos lidando com o intercâmbio social, com a interação do passante dentro de uma experiência de receptividade, de abertura do sujeito, de construção de sentido: a conversa e todos os lampejos carregados de potencialidades que escapam

numa conversa. Colocar a atenção naquilo que estaria caminhando junto com as palavras ditas: os pensamentos que estão por trás do que é dito, as falas que não são ditas quando falas são ditas, as ideias complexas, os gestos carregados de sentidos, os respiros, os silêncios e sensações não formuladas na conversa, mas que estão vivos na “presentidade” do encontro - nos sugere que, talvez, a unidade de sentido na conversa esteja, justamente, nesta presença e ausência de formas, entre o que é dito e o que não é dito entre pessoas desconhecidas; e desse “lugar liminar” – termo sugerido pelo antropólogo Victor Turner que diz respeito a um espaço que é zona complexa onde se cruzam arte e vida, a condição ética e a criação estética, como uma ação da presença num meio de práticas *representacionais* (CABALLERO, Ileana Diéguez. *Cenários Liminares: teatralidades, performance e política*. 2011: pg.22) – onde a experiência da conversa pode oferecer seu sentido. A conversa que se dá em tempo real, sem condução, sem consequências, aponta o interesse em refletir sobre as dimensões do convívio, sobre o caráter efêmero e precário das ações propostas.

Encontrando a pessoa imaginada no MASP

Na semana que antecedeu o encontro no MASP não pudemos nos encontrar. Então foi sugerido que cada integrante observasse uma pessoa no metrô em seus percursos diários durante o maior tempo que pudesse. Em seguida, cada um descreveu fisicamente essa pessoa observada e enviou sua descrição a outro integrante do grupo. As descrições foram enviadas por e-mail. Cada um escreveu uma descrição e recebeu somente uma descrição, como uma corrente.

Na semana seguinte, no vão do MASP, eles leram as descrições recebidas no ouvido de um dos parceiros do grupo, este de olhos fechados, como um segredo. Essa pessoa que ouviu a descrição entrou no museu e tentou encontrar a pessoa descrita (a pessoa que o ouvinte pôde imaginar pela descrição), e conversou com ela a partir de um trecho literário de autoria do próprio grupo. Quando a encontrou (se encontrou espontaneamente, caso contrário, não haveria conversa), estabeleceu algum contato e iniciou uma conversa que gerou também novos materiais para a escrita. Enquanto um integrante esteve na sua busca no museu, os outros o acompanharam e anotaram sugestões do que viram acontecer na tarefa do parceiro (novamente a *pessoa que conversa* e a *pessoa que observa*). Alguma expressão do passante abordado, a própria descrição física desse passante, alguma frase ouvida ou entendida de longe.

Ao final do encontro, nos perguntávamos quais haviam sido as estratégias de cada um para iniciar a conversa, para criar o encontro. Em sua maior parte, os participantes do grupo escolhiam iniciar uma conversa quase que sem querer, a partir de alguma pergunta comum (Onde fica tal coisa? Que horas são? Você viu passar por aqui uma senhora...?). Esta foi uma experiência interessante, pois a maioria das pessoas passantes abordadas estava diante de alguma obra, visualizando-a, num tempo já diferente do cotidiano. Como entrar nessa relação entre pessoa e obra? Não estaríamos invadindo essa apreciação? Alguns integrantes acharam bonito ver a obra com a presença do espectador (a pessoa passante), acharam precioso capturar pequenos gestos, respiros, posições corpóreas que revelavam pensamentos desse passante em relação ao que via. A obra, para os integrantes, foi modificada pela presença deste outro, que para os integrantes, passou a fazer parte da obra.

Seguem algumas descrições das pessoas observadas:

Homem, descrição:

Luís, seu nome. É moreno de aproximadamente 1,85m, 100 quilos bem distribuídos, ele é forte e provavelmente pratica alguma arte marcial ou academia (tem um tipo físico muito parecido com o lutador Pezão), com cabelo raspado e entradas um pouco avançadas, tem a pele morena com o rosto um pouco manchado pelo sol, nariz amassado e orelhas pequenas. Usava uma camisa gola em v com jaqueta de couro e calça jeans, além de um all star surrado. Carregava um celular que ouvia música, mas não deu para identificar. Sua voz é alta ao falar no celular, tem um estilo meio “bonachão”, não encarava muito as pessoas, olhar sério. Desceu na estação Penha do metrô, não tinha aliança no dedo, porém, no celular falava com uma mulher que iria encontrar.

(Descrição escrita por Ivan Xavier, enviada a Jackeline Stefanski)

Homem, descrição:

Na estação Sé, peguei o metrô sentido Tucuruvi, até Santana. O trem estava cheio e um homem estava sentado no assento reservado para portadores de necessidades especiais. O assento é azul claro e é para gestantes, idosos, pessoas com crianças de colo, com alguma deficiência física e para obesos. Este homem era obeso. Mas, o assento é para duas pessoas; existe um assento sem a divisão do meio, para uma pessoa obesa, mas eles são raros e esse assento era para duas pessoas. O homem era muito gordo, branco, os olhos negros, parecia que não tinha pupila de tão negros, os olhos. O cabelo era curto, liso, preto e ajeitado com gel. Tinha um relógio prateado no pulso esquerdo. Os lábios não eram carnudos, eram delicados, parecia que o homem estava sempre a sorrir, os cantos dos lábios eram curvados. Talvez sorrisse sozinho. O homem estava só. Sem acompanhante(s). Ninguém sentou ao seu lado. O lugar ao lado do homem estava vazio. Ele se apoiava nas barras de ferro com um dos braços e com o outro se apoiava no próprio banco. Estava com uma camiseta preta, por dentro da calça jeans, um cinto de couro preto e um par de *sapatênis* preto, também. Apesar de tantas peças pretas, acho que não era gótico, nem estava de luto; ao contrário e apesar de seu peso, parecia alguém leve, com pensamentos leves. Estava ofegante, acho que deve ter corrido para chegar ao metrô porque estava chovendo e ele não trazia um guarda-

chuva consigo, tinha só uma carteira no bolso de trás da calça, que vi quando ele se levantou para descer na mesma estação que eu. Talvez estivesse suando porque o metrô fica abafado em dias de chuva, as pessoas fecham as janelas e parece uma sauna dentro do vagão – a linha azul não é totalmente subterrânea, então precisa fechar a janela quando chove. O homem tinha covinhas nas bochechas e no queixo e uma pinta numa das bochechas. Tossia de vez em quando. Parecia fazer um grande esforço para permanecer sentado. Respirava pela boca e tinha um nariz pequeno. Um semblante sereno. A não ser pelo constrangimento que demonstrava sempre que alguém se aproximava para sentar-se no lugar vazio ao seu lado, mas desistia quando percebia que seria impossível dividir o assento com ele, parecia feliz. Acho que ele tinha uma aliança dourada na mão esquerda. Isso quer dizer que ele divide outras tantas coisas com uma mulher? Um homem? Dividi com ele minha viagem, pensamentos, minutos. Saímos do vagão. Ele caminhava devagar e eu andava depressa, na escada rolante tive vontade de acenar para ele.

(Descrição escrita por Jackeline Stefanski, enviada a Kelly Santos)

Mulher, descrição:

Uma senhora de 52 anos mais ou menos. Rosto redondo, morena clara (ou branca bem bronzeada). Relativamente baixa, um pouco acima do peso, seios grandes, braços largos. Em sua face um capricho quase adolescente: sobrancelhas bem finas, sombra azul-cinza sobre os olhos, batom claro, mas visível. Sua pele era oleosa (ou apenas suada). Suas unhas eram grandes e pintadas na cor vinho. Cabelo preto e liso. Usava-o amarrado. Vestia

uma blusa lilás, regata de alças largas, e calça jeans azul. Carregava consigo uma bolsa num tom pastel, bem junto ao corpo. Gostava de bijuterias também. Um par de brincos prateados, em forma de gotas vazadas, ornava com a maquiagem. Pelo fato de eu não ter conseguido me aproximar demais, não sei como descrever seu cheiro. Contudo, acredito que se assim tivesse feito, sentiria um aroma cítrico, ou muito doce. Sua figura combinaria com esse cheiro. Possuía uma expressão que mesclava esgotamento e desconfiança. Tive a impressão de que seu dia não fora fácil. Talvez viesse de alguma consulta no médico, ou de algum lugar que a fizesse esperar um bom tempo na fila. E ao chegar em casa, talvez ainda tivesse uma família inteira que dependia dessa senhora: preparar o jantar, lavar a louça, o banheiro, dar banho no neto, etc.

(Descrição escrita por Kelly Santos, enviada a Elisa Finguerman Touchon)

Mulher, descrição:

Mulher, entre 37 e 43 anos. Estatura baixa, aproximadamente 1,53. Cabelo castanho e curto amarrado em um rabo com um chuquinha branca. Olhar sério e preocupado. Calça jeans boca de sino escura, vejo os pés com meia de lá tricotada à mão amarela mostarda, e um sapatinho boneca de couro preto e com um pouco de salto. Ela vestia camiseta de manga comprida marrom e por cima um casaco de trico gola v verde limão amarelado. Usava ainda um cachecol azul turquesa amarrado no pescoço. Brinco de pingente de pérola, uma aliança fina e dourada no dedo. Uma mochila pequena vermelha de alças pretas nas costas e ainda uma bolsa de lona branca com desenhos de linhas finas pretas no ombro

direito. Ela lia atentamente o jornal do metrô, preocupada ou angustiada, ou apenas cansada da vida... Ficava sempre apoiada em um só pé e tocando o outro apenas com o salto do sapato, e ia alternando o pé de apoio. Olhava sempre pra baixo e não desgrudava um segundo daquele jornal. Cheiro de casaco guardado, ou de perfume de vó. Sensação de humidade do ar. (Descrição escrita por Elisa Fingerman Touchon, enviada a Raul Moraes)

Mulher, descrição:

Uma menina de uns 15 anos, rosto andrógono. Olhos verdes, muito branca, lábios vermelhos, cabelo descolorido num tom alaranjado. Feições inocentes e muito angelicais, porém sérias, o que mantinha o seu ar andrógono. Lábios bem vermelhos, mas sem nenhuma maquiagem. Baixa e magra. Cabelo quase todo bem curto, exceto a franja que caía insistentemente em seu rosto. Vestia um boné preto e azul, camiseta verde de surf, blusa de moletom preta, calça jeans de lavagem escura, all star preto e meia branca. Carregava duas sacolas de mercado cheias de pipoca, cheirava a pipoca. Tinha um tique de toda a hora tirar a franja do rosto. Mordia o lábio de quando em quando. Apesar de jovem tinha alguns trejeitos masculinizados e era curioso como do lado direito (sem a franja) qualquer um diria que ela era um menino, mas do lado esquerdo (com a franja) ela era claramente uma menina. Tanto que o único momento que eu tive certeza do seu gênero foi quando pude notar algum volume em seus seios.

(Descrição escrita por Raul Moraes, enviada a Ivan Xavier)

Estados de espírito: *sendo* a pessoa descrita

Como proposta de continuação dessa escrita, decidimos que cada integrante escreveria uma narrativa-história a partir da descrição de pessoa que recebeu com começo, meio e fim, tomando proveito do material surgido nas conversas dentro do MASP. Além de levarem para o próximo encontro as histórias construídas, a sequência dessa tarefa foi orientada também por e-mail com os seguintes pedidos:

- Com a descrição que você recebeu você vai se vestir (corpo) para o nosso próximo encontro. Você vai incorporar essa descrição à sua maneira. -

E também vai escrever (a partir do material que recebeu) uma pequena narrativa sobre a “insegurança” dessa pessoa. Uma enorme insegurança. Quem é a pessoa (a partir da descrição que recebeu), para onde ela vai, e o que acontece lá, você terá as seguintes opções para a escolha do local e da ação:

- Comprar um café e tomá-lo num bar ou padaria sozinha enquanto decide algo;
- Perguntar ao cobrador onde fica um endereço x dentro de um ônibus;
- Dar uma risada bem alta porque leu algo, dentro de uma lanchonete ou livraria.

A partir da sua escolha, a história deverá ser construída.

Seguem as histórias construídas a partir das descrições recebidas:

Luís

Luís morde os lábios. Está na padaria na esquina de seu trabalho. São sete horas da manhã. Toma um pingado com um pão na chapa, bem tostado. Hoje o trabalho terminou mais tarde. Véspera de feriado: as pessoas bebem além da conta e uma ou outra confusão sempre acontece. O telefone toca e ele atende. E mariana. Você está chegando? Não, Mariana hoje vou chegar tarde, tenho que resolver umas coisas do trabalho. Mariana ama Luís, Luís não a ama. Mas Mariana é paciente e Luís é esforçado. Logo devem casar-se.

Em noite quentes de verão, o ar fica pesado e ontem, Jorge que é seu amigo e segurança do mesmo bar, estava diferente. Suava muito, estava nervoso demais. Relaxa, Jorge, solta o menino, ele não vai mais arrumar confusão, deixa o cara ir pra casa. Mas Jorge não soltava, ao contrário, segurava forte e batia mais e mais. Luís lembra-se bem de uma vez, há um tempo atrás, Jorge disse, você me deve uma, quando mentiu no tribunal e disse que Luís não estava lá na noite do crime. E ele estava. Luís não sabe mentir, ou não quer. Ou não gosta. Quando Mariana lhe pergunta se ele a ama, responde que gosta dela mais que tudo. Mariana fica triste, evidentemente, mas Luís não sabe mentir. O telefone

toca. Deve ser Mariana. O delegado diz que ele tem que ir agora mesmo até a delegacia para depor sobre a noite anterior. Da o ultimo gole do pingado. Sai da padaria e pula uma mancha de sangue que não sai do asfalto. Olha em volta. Morde os lábios.

(Descrição enviada por Ivan Xavier para a narrativa construída por Jackeline Stefanski. Ação experimentada na padaria)

Arnaldo

Talvez ele não soubesse que a novidade que entrara pelos seus ouvidos e agitava seu cérebro como uma batedeira, seria o primeiro pontapé de um jogo que demoraria a terminar. Ao se deparar com notícia tão inesperada arregalou os olhos, a boca, as narinas e todos os nove orifícios que sua anatomia permitia. Queria chorar um choro de criança, gargalhar, lastimar, bater palmas, torcer, espernear e rolar na avenida. Lançaria a novidade na face de um a um que lhe atravessava o caminho, caso isso não fosse ridículo. E tal atrevimento já não era permitido a um senhor de 54 anos, que possuía no próprio corpo um atributo que o fazia não passar despercebido: o tamanho. Ele era grande. Muito grande.

Diante de tal impossibilidade, preferiu adentrar a primeira cantina que viu, sentou-se na primeira mesa que viu e pediu a primeira coisa que viu: café. Tomou um copo e meio de expresso sem açúcar, na esperança de aquietar as mãos, os dedos, os joelhos e os pés que resolveram, a partir de então, ter vida própria. Por distração, esqueceu-se de que o efeito é inverso. Enquanto terminava sua terceira xícara, que descera goela abaixo tal e qual água, não notou a garçonete se aproximar de sua mesa:

- Satisfeito, senhor?

- Como? Com a notícia? Ora, como estar satisfeito? Estou confuso. Feliz, mas confuso.

- Desculpe, senhor. Refiro-me ao café.

- Café? Não, não... Não quero mais café.

- Como quiser, senhor.

- Já disse que não quero, moça.

-Sim.

- “Sim”? Não, moça... Eu NÃO quero.

- Está bem, senhor.

- Não, não estou nada bem, já disse. Quero dizer... Sim, estou. Mas é diferente. Não sei se estou feliz. E mesmo se eu estiver não é uma felicidade normal. Eu não sei o que pensar. Minha cabeça está rodando. Imagine só você... Logo EU! Nessa idade... Ah, deus! O senhor foi sacana comigo! Podia ter me preparado, melhor, porra! Já estou com um pé na velhice, e tu me apronta uma dessa! Ah, tá de brincadeira... Mocinha traga mais um café, por favor. E duas rosquinhas, também. Grandes, enormes. Penso melhor enquanto estou comendo.

A mocinha, confusa, saiu apressadamente, e levou à mesa (mais depressa ainda) o pedido, afim de não ser xingada. “Vai saber, né...” E ali estava o senhor Arnaldo. O homem de 52 anos, acompanhado do café, das duas rosquinhas grandes e da notícia que caíra no seu colo de supetão: pela primeira vez, seria papai.

(Descrição enviada por Jackeline Stefanski para a narrativa construída por Kelly Santos. Ação experimentada dentro da padaria)

Mulher

52 anos pra quê? Pra isso? Aquela manhã ela tinha se sentido estranha, acordou meio tonta, o olhar nublado e sentiu que tinha alguma coisa errada. Enquanto se vestia sentiu uma dor terrível no seio esquerdo, como bolha no pé com sapato apertado, só que pior. Muito pior. Então ela gelou. Morrer de câncer no seio. Ela sempre achou que fosse morrer assim. Suas pernas ficaram moles, ela tremeu, gemeu, gritou, mas tudo em silêncio para não acordar o marido, os filhos e a neta que ainda dormiam... Ela estava atrasada, não ia dar nem tempo de tomar um café. Terminou de abotoar a camisa, vestiu a primeira calça que viu, colocou o par de brincos que tinha deixado separados e foi encarar o trem lotado. No metrô ela se abraçava à bolsa como se fosse a sua mãe ou se este pobre objeto pudesse resolver alguma coisa dos seus maiores temores... Aqueles seios grandes demais tinham que ter um motivo, e esse motivo só podia ser a morte... Chegou ao trabalho suando, pingando, relinchando. Mas chegou. Assim que pisou naquela sala onde milhares de telefonistas repetiam coisas sem sentido algum para ouvidos sensíveis, ela se sentia uma estranha. Precisava saber o que fazer... Pegou uma folha, sentou-se e começou a escrever uma carta. Carta de despedida. De desabafo. De adeus. Escreveu tudo o que sentia naquele peito que

ela sentia apodrecer, escreveu tudo o que nem sequer ela imaginava, escreveu compulsivamente, e depois fechou, lacrou e guardou. Passou o tempo necessário trabalhando, nem um segundou a mais ou menos. Então levantou para almoçar, pegou a carta, e parou na padaria para tomar um café. Café de balcão mesmo porque não ia dar pra sentar. Ela colocou a mão no bolso e achou a carta, e ficou encarando aquele vômito verborrágico. Ela pensou em fugir, largar tudo, família, trabalho e casa, pensou em fingir que não tinha nada, em nem sequer fazer o exame. Pensou, pensou, pensou olhando para a carta. Pensou no que faria, como viveria, e mais do que isso ficou pensando no que eles diriam, como se sentiriam, eles que reclamavam tanto sempre? Sentiriam falta dela, do seu perfume de amora? Das broncas e dicas? E ele o que diria aos outros? Ou será que ele se calaria para sempre? Pensou que a família na verdade nem sentiria sua falta, que eles se arranjariam de outra maneira, qualquer jeito. Pensou que no fundo ela não tinha sentido. Não tinha utilidade nenhuma no mundo. Era apenas uma a mais, uma qualquer. Não sabia de nada, apenas daquela dor constante e do nó na garganta. Ficou olhando a carta. O que fazer com ela? Ela tinha mais 5 minutos, cinco minutos para mudar de vida ou para deixar as coisas como estavam e ir morrendo em segredo. O café ia esfriando, ela pegou o copo na mão e num gole só virou o amargo pra dentro do corpo. Aquele corpo já cheio de amargura continuava fazendo careta ao engolir o café. Então olhou o relógio, faltava um minuto para bater o cartão, ela morrendo de sono, cansaço ou exaustão. Saiu correndo pra não perder a hora e com isso deixou no balcão aquela carta, na qual dizia a verdade, a verdade sobre ela, sobre o que sentia, e sua solidão.

(Descrição enviada por Kelly Santos para a narrativa construída por Elisa Finguerman Touchon. Ação experimentada na lanchonete)

O último buquê

Ela não sabia direito o que vestir naquela manhã. Tentou mais de quinze combinações de seu guarda-roupa. Nunca havia se sentido tão insegura. Começou pelas meias de lã. Tinha tricotado ela mesma, com uma linha mostarda que tinha sobrado do casaquinho que tricotara para seu sobrinho. Colocou uma calcinha confortável, ninguém veria mesmo. Um sutiã cor da pele. Uma calça mais larga na barra, presente de sua irmã. Um sapato boneca de couro envernizado. Viu suas inúmeras roupas de seu armário. Ele tinha lhe dado a maioria delas. Angústia, um nó em seu peito. Ela não iria usar nada que tivesse vindo dele. Achou uma camiseta marrom velha, dos tempos em que era solteira. A blusa verde-limão que sua mãe havia lhe dado, fazia tempo que não usava. Tanto que cheirava a guardado. Não se importou. O cabelo estava sujo, decidiu prendê-lo em um rabo de cavalo baixo. Colocou toda a papelada na sua bolsa de lona branca, e o resto de suas coisas na mochila vermelha que havia ganhado de aniversário da sua melhor amiga. Enrolou o pescoço com o cachecol azul que fora de sua avó. Sentia-se uma palhaça e meio idosa com essas roupas, mas queria estar bem apoiada nesse momento. Cada uma das peças que vestia trazia uma lembrança boa, uma pessoa importante, desassociada dele. Entrou na

estação de metrô, e ao fazê-lo, percebeu que havia jornais disponíveis. Pegou um deles, para tentar distrair a mente. Qual estação ela deveria descer? Ah, sim. Essa aqui. Olhava o jornal, mas nada lia, equilibrava-se em apenas um pé, enquanto o outro encostava o chão apenas com o salto. Revezava os pés na mesma posição. A voz metálica anunciou sua estação. Desceu. Tinha que pegar um ônibus até lá. Perguntou ao cobrador aonde deveria descer, para chegar ao endereço. Desceu. Caminhou algumas quadras e chegou ao escritório de advocacia. Ele estava lá, de terno e gravata, é claro, como sempre. Desejou estar mais bem vestida, para, talvez, causar nele algum remorso. Mas lembrou das pessoas que estavam associadas a cada peça de roupa e reconsiderou. Esperou seu advogado chegar, para que os quatro pudessem tratar dos trâmites da separação. Bens materiais divididos, mas os sentimentos não. Ela ficou com a casa, ele com o carro. Ela ficou com o amor e a mágoa pela traição, ele com ânsia de libertação. Última despedida, últimas palavras. Boa sorte. Boa sorte. Então, adeus. Adeus. Voltou para casa pela metade, o copo meio vazio. Não tinha chorado a separação até então. Chorou no caminho de volta para casa. Ficara assim, então. Cada um para um lado. Despiu-se e deitou na cama. Fechou os olhos e esperou que o braço dele a envolvesse. Não aconteceu. Desatou a chorar até que pegasse no sono. Sonhou com o vazio, com o fim inevitável de tudo, com o enorme tamanho do universo e com o último buquê de flores que ganhara, um buquê que ele tinha dado como remissão de seus erros, e ela tinha deixado num jarro, ao lado de sua cama. Buquê esse que morria mais e mais a cada minuto, despetalava vagarosamente e apodrecia.

(Descrição enviada por Elisa Finguerman Touchon para a narrativa construída por Raul Moraes. Ação experimentada dentro do ônibus em movimento)

Ela? Ele?

No mundo, bilhões de pessoas. No Brasil, mais de 200 milhões, sendo só em São Paulo, vinte milhões. Com tudo isso de gente e eu me sinto sozinha. Com tudo isso de gente e ninguém para me ouvir, eu queria apenas uma voz, um olhar em meio a esses milhões, um olhar não de reprovação pela cor do meu cabelo ou pelo meu visual, mas que me respeitasse pelo o que eu sou. Não tenho culpa de ter nascido menina, não pude escolher a pele que habito, se pudesse, com certeza a minha opção seria outra. Tenho medo que essa escolha de ser um menino, mesmo com meu corpo dizendo o contrário, me deixe sozinha no mundo, como já estou sendo ao longo dos meus quinze anos de vida.

Pra fugir da minha solidão me recolho em casa. Minha avó que me cria desde os dois anos de idade fingi não ver nada, lá os meus únicos companheiros são os meus filmes e as pipocas que preenchem meus dias vazios. Vou à locadora pegar mais uns filmes e no caminho decido fazer uma boquinha na lanchonete. Depois de comer um lanche com um suco, vou ao banheiro e vejo as duas placas uma do lado da outra “homens” e “damas”, não me controlo e começo a rir descontroladamente. Penso comigo mesma: kkkkk... Pelo

menos aqui eu posso decidir, kkkk. Quando estou entrando no banheiro feminino ouço uma voz ao fundo:

- Moço você está entrando no banheiro errado o masculino é ao lado. Ainda aos risos agradeço e obedeço. Ao menos uma vez tinha meu desejo respeitado!

(Descrição enviada por Raul Moraes para narrativa construída por Ivan Xavier. Ação experimentada na lanchonete)

No encontro seguinte, os integrantes se “vestiram” (se colocaram no lugar) das pessoas descritas e das histórias que escreveram sob o tema da insegurança (sensação comum para quem decide procurar uma pessoa estranha para conversar na rua). A partir da escolha que fizeram em relação ao local e à ação, cada um deles entrou no estabelecimento escolhido: comprar um café e tomá-lo num bar ou padaria sozinha(o) enquanto decide algo, perguntar ao cobrador onde fica um endereço x dentro de um ônibus, dar uma risada bem alta porque leu algo dentro de uma lanchonete ou livraria. Tivemos a chance de experimentarmos todos os locais e ações citados acima.

Cada um experimentou sentir-se como a *pessoa* descrita nas histórias, praticando as ações escolhidas dentro dos estabelecimentos comerciais. Enquanto cada um esteve em sua ação, os outros integrantes observavam características possíveis de serem vistas nas reações dos passantes e as anotavam. Ao final de cada experimentação, os integrantes escreveram o que poderia ser acrescentado às suas histórias a partir das experiências vividas com os passantes. E também levaram consigo as anotações dos outros integrantes do grupo. Assim, cada um pôde reescrever sua história com acréscimos de experiências e de observações.

Esta ação que permitiu o colocar-se no lugar do outro revelou novas descobertas

para os integrantes, principalmente no que diz respeito a sentir como é ser outro, sem deixar de ser você mesmo e dessa fruição verificar o que se expressa. Percebemos modificações na expressão facial e no gesto corpóreo que revelaram novos sentimentos, novos olhares, novas palavras. E tudo isso foi trazido à conversa observante como algo encontrado no exercício de experimentar ser outro alguém, mas que no final das contas, cada integrante disse ter ficado mais sabido de si, a partir do lugar de ser este outro.

Estes são alguns exemplos de dinâmicas vividas que sugerem as formas que encontramos para a conversa e para a escrita. Além dos exemplos acima, também realizamos ações dentro de mini Shoppings, onde cada integrante procurou emprego enquanto conversou com os vendedores dos stands de loja e construiu histórias com estas conversas. A partir de deslocamentos numa grande avenida, cada integrante anotou expressões ouvidas enquanto caminhavam e em duplas construíram diálogos numa montagem entre expressões ouvidas e registradas e, depois ainda, juntaram estes escritos com os dos outros integrantes, ampliando as histórias iniciais. Num outro momento, realizamos o *roteiro de ações*, uma prática realizada nas ruas a partir de um comando de ações escritas num papel. Esse papel era aberto por um dos integrantes e continha um número de tarefas a serem cumpridas individualmente e numa ordem clara, enquanto os outros integrantes acompanhavam e anotavam os acontecimentos vividos na dinâmica do parceiro. Dentre as tarefas sugeridas, havia ações como: ande vinte passos para trás, esbarre em alguém e peça desculpas, olhe para o céu por um minuto, caminhe ao lado de alguém por dez passos, encontre uma pessoa x e pergunte onde fica algum endereço, recolha os lixos do chão e os coloque num saco de lixo, dê um abraço em alguém, leia um trecho escrito por você num ponto de ônibus e entregue a alguém...

Uma rede foi tecida nesses encontros: o processo nos tocou em questões bastante significativas no que diz respeito a como estar e como se construir no mundo, além de nos revelar, entre proximidades e distâncias, a dificuldade de gerar esses encontros entre pessoas. Vivemos momentos fortuitos, de encontros verdadeiros e vivemos momentos frustrantes, de recusa e imobilidade (estes foram poucos). Não fomos sempre bem recebidos ou aceitos, mas em grande parte, nossas conversas revelaram a necessidade de escuta por parte dos passantes. Algumas pessoas nos contaram segredos, nos confessaram tristezas e arrependimentos e ficamos um tanto perplexos com a abertura que encontramos nessas relações. Nos questionamos sobre a nossa atitude em relação a este trabalho nas ruas. Nossos encontros detonaram muitas reflexões, especialmente sobre a ética de nossas interferências, sobre a responsabilidade que temos “para com este outro” com quem nos comunicamos.

Percebemos a “palavra” como ponte de responsabilidade. A palavra colocada no tempo-espço, quando quem a diz pretende prestar atenção tanto no que disse como no que ouviu de volta, elabora uma situação de responsividade e de responsabilidade, há um sentimento de escolha. E eu me responsabilizo por esta escolha. Pareceu-nos que o fato da pessoa se contar, sem censurar previamente o que conta, sem temer e se perguntar pelas consequências de se contar, produz um efeito simbólico que está fora da vida cotidiana, mas que se dá no encontro com o outro na vida cotidiana. A partir da oferta da escuta, quando as pessoas são ouvidas, elas falam. Percebermos que isso, por si só, é exercício de abertura para nos contarmos uns aos outros, e o fato de nos contarmos pode nos revelar alguma beleza em nossa existência. Principalmente quando pudemos observar a situação *conversa*, como território para descobertas de novas percepções, sentimentos e possibilidades de tradução em relação à própria vida.

1.c) As propostas de ações de cada integrante

Decidimos que seria bastante interessante que cada participante do grupo orientasse os colegas em dinâmicas que acolhessem seus anseios, suas frustrações, suas percepções, seus desafios, suas estratégias, suas vontades – como uma síntese que praticasse as questões individuais surgidas nas experiências anteriores orientadas por mim. Então, cada integrante orientou um dia de trabalho sugerindo todas as ações daquele dia. Cada um reuniu em sua proposta de interferência as questões que mais lhe foram significativas ao longo do processo. Essas propostas foram compartilhadas comigo, discutidas pelo grupo e experimentadas por todos.

A primeira proposta sugerida foi da integrante Jackeline Stefanski, realizada na praça de alimentação de um Shopping Center. Sua ação iniciava-se num encontro entre os integrantes do grupo na catraca do metrô. Lá, o grupo se reuniu, construiu uma unidade que acolhia todos os integrantes num só corpo de trabalho: o corpo coletivo. Usufruindo de exercícios de respiração, de foco no olhar e de sensibilidade espacial para chegarmos ao presente *aqui-agora*. De lá o grupo seguiu em silêncio até a praça de alimentação do shopping e iniciou sua tarefa. Deveriam seguir as seguintes instruções: escolher uma pessoa que você criou ou encontrou em uma das ações já experimentadas, lembrar quem era, o nome, o corpo, o estado. Na ordem que determinarmos, cada um deveria estabelecer contato com uma pessoa desconhecida que estivesse na praça de alimentação e tentaria iniciar uma conversa e mantê-la sem sair de nosso campo de visão (escolher estratégias para conseguir realizar a orientação). Enquanto uma pessoa realizava a proposta, todos os outros

observavam e descreviam numa folha o que viam numa narrativa com pelo menos um trecho em discurso direto/diálogo. Quando um de nós terminasse sua proposta, deveria escrever o que “de fato” aconteceu. A continuação dessa tarefa propunha um encontro entre as narrativas reais (escritas pela pessoa que conversa) e as imaginadas (escritas pela pessoa que observa) para a construção de uma só história.

A segunda proposta sugerida foi do integrante Ivan Xavier, realizada no Conjunto Nacional da Avenida Paulista. Cada integrante deveria parar uma pessoa como se fosse pedir uma informação, assim que a pessoa realmente parasse pra ouvir, o integrante deveria tentar ficar o maior tempo possível estabelecendo um contato visual sem dizer nada apenas olhando no olho da pessoa (ou seja, falar somente o suficiente e focar na troca de olhar e pequenos gestos), após terem feito isso, cada um deveria anotar todas as características que conseguiu da pessoa abordada. Em seguida, como segunda parte da tarefa, cada um deveria observar alguém oposto à pessoa anterior; exemplo: se era homem, observa uma mulher, se era uma pessoa idosa, observar agora uma jovem, etc. Depois deveriam anotar também as características dessa segunda pessoa (somente observada). Como terceira parte da tarefa, em casa, com as características anotadas, cada um criaria uma escrita sobre como seria o encontro dessas pessoas, como elas se conheceram pra onde estavam indo e porque se encontraram.

A terceira proposta sugerida foi da integrante Elisa Finguerman Touchon, realizada no terminal de ônibus e metrô Barra Funda. Proposta de ação: trabalhar em local com filas de pessoas. Cada um recebeu no início da atividade um papel com uma frase do texto de Marina Colassanti, *Eu sei, mas não devia* (1996). Esta frase só seria lida no momento em que o integrante estivesse em conversa com alguma pessoa desconhecida. Cada um deveria escolher uma ação entre viajar ou consumir. A partir do momento que a ação estivesse

decidida cada um sairia pela estação (um de cada vez) procurando executar esta ação, e para isso deveria entrar uma fila. No entanto, esta pessoa deveria tentar descobrir na fila ou entre aqueles que estão por perto da fila, para onde iria viajar, ou o que queria consumir. Se em algum momento, estando em contato com alguém, se sentisse perdido, teria o direito de dizer, "eu sei, mas não devia", pegaria o papel com a frase e leria a frase em voz alta para que esta pessoa escutasse. Aos poucos deveria encontrar alguma maneira de sair da fila e voltar ao ponto de encontro pré-estabelecido pelo grupo. Quando voltasse deveria escrever durante dez minutos sem parar. O seu texto deveria conter a frase e se possível para onde ia, ou o que queria comprar. Quando todos terminaram a tarefa os papéis foram trocados e lidos em voz alta. Para um próximo encontro, cada um poderia imaginar como a sua história poderia cruzar a história de outro.

A quarta proposta sugerida foi da integrante Kelly Santos, realizada numa grande loja de cds e livros. A tarefa consistia em:

- 1) Seguir uma pessoa e observá-la por aproximadamente 5 minutos.
- 2) Após essa observação, escrever como você imagina que essa pessoa estará daqui a 20 anos. Principalmente, suas características físicas.
- 3) Depois de imaginá-la e escrever, o próximo passo seria descrever essa pessoa (no caso, a que você imaginou) para um integrante do grupo.
- 4) Esse integrante iria procurar essa pessoa que você imaginou/descreveu. Para isso, teria que pedir ajuda a algum passante.

Kelly deu uma orientação ao grupo para que relembassem que já haviam feito essa atividade de procurar alguém. Ressaltou que mais do que se esforçar em encontrar a pessoa, deviam se dedicar a conversar com alguém a ponto de conseguir descrever todas as características que você ouviu. Esse é o intuito da ação, prolongar a conversa. Se conseguisse

descrever para mais de uma pessoa, também seria bastante válido. Posteriormente, em casa, cada um escreveu um texto no qual contou como seria um encontro entre você e a pessoa que você imaginou. Nesse caso, além dela, você também estaria no tempo daqui a vinte anos. A quinta (e última) proposta sugerida foi do integrante Raul Moraes, realizada na Casa das Rosas na Avenida Paulista. A primeira parte da interferência pedia que cada um dos integrantes tivesse uma tarefa a cumprir, em segredo, com cada um de nós em um momento exclusivo até o final do dia. As tarefas foram as seguintes:

Kelly – acariciar, respirando fundo, de forma que o acariciado perceba que ela está lá e está respirando.

Jackeline – Manter contato visual prolongado, depois sorrir até que o outro perceba que o sorriso é para ele.

Elisa – Fazer uma observação profunda sobre algum aspecto positivo da pessoa e elogiá-la de forma que o observado compreenda que ela estava prestando atenção nele.

Ivan – Ser muito cavalheiro, de forma que a pessoa perceba que foi extremamente bem tratada.

Raul pediu que eu enviasse, dias antes do encontro, uma mensagem que soasse como sendo exclusiva para cada integrante. Do tipo, “preciso muito da sua ajuda durante a atividade de terça, mas ninguém pode perceber” ou “o Raul quer que você ajude ele na interferência”. Mas o importante era que a pessoa sentisse que era a única que poderia fazer isso e que ninguém mais estaria fazendo. A segunda parte da tarefa, chamada de *Jogando com o outro*, pedia que ninguém olhasse as horas em nenhum momento. Desde o início até a conversa no final. Ninguém controlaria o tempo. A escrita daria o *start* da ação. Raul selecionou um trecho de algum texto escrito pelos próprios integrantes. Cada um recebeu um papel que deveria ler quando a ação começasse. E cada um, um por vez, a daria

da maneira que quisesse para uma pessoa desconhecida. Com gestos, lendo, entregando o papel, realizando o que estava escrito, desenhando e/ou entregando para alguém... Mas o importante era que ao dar a sua mensagem, o integrante também recebesse alguma ideia nova em resposta, afirmando a importância da conversa. Essa ideia nova seria um pensamento nosso, reinterpretado por nós mesmos e transmitido para o outro que entraria em ação em seguida. Como um eco. Um telefone sem fio. Ao final, quando percebemos que cada havia realizado a sua ação, sentaríamos, em outro ambiente, para conversar.

As frases selecionadas foram:

“Será que a indiferença em relação ao outro é tanta a ponto de alguém estar indo no contra fluxo andando de costas e não gerar ao menos curiosidade?”

“Dói o pé, a perna e a nuca e tenho câimbra na bochecha, porque custe o que custar, o sorriso não pode se apagar.”

“Ninguém, absolutamente ninguém está completamente só; assim como nunca, absolutamente nunca, faz-se completo silêncio. Só agora. Já passou...”

“A escrita não é banal. Para que ela exista, algo ocorreu anteriormente em nós e no espaço que ocupamos.”

Ao final deste período de ações conduzidas pelos integrantes, cada um também escreveu como se sentiu ao conduzir um dia de trabalho e num geral perceberam questões relativas ao tempo de cada ação (sendo mais curto ou mais longo do que haviam imaginado revelando a diferença do tempo pensado anteriormente para a ideia da ação e o tempo “real” do cotidiano), se perguntaram se essa noção de tempo se deu por conta do espaço

escolhido (se era movimentado ou vazio, se havia farol e faixa de pedestre...), gostaram também de observar como cada um encontrou sua *forma* de entrar em contato com o passante, se perguntaram, caso fossem repetir tais ações o que mudariam ou acrescentariam. Alguns disseram que colocariam uma tarefa mais específica para quem está observando a ação do parceiro, se perguntaram em que medida o material literário afetou ou não a ação, e sentiram que cada história construída continha um pouco de cada um deles, como se todos nós tivéssemos nos tornado uma só escritura.

Acreditamos que lançamos mão de estratégias didáticas em toda e qualquer relação que estabelecemos, especialmente, em processos criativos. Então, nesse trabalho elaboramos diversas estratégias para abrir uma relação, para facilitar determinada tarefa, para escrever, para conversar com alguém. A partir das práticas conduzidas pelos próprios integrantes, as perguntas mais comuns foram: por que eu escolho essa pessoa passante e não outra qualquer? Será que estou buscando no outro algo que é meu? Será que escolho esse outro por que ele é projeção daquilo que eu sou ou daquilo que eu nego? Em nossas conversas observantes não conseguimos explicar o porquê de nossas escolhas, a razão das afinidades nestes encontros, ou das apatias nos encontros. Não soubemos nos responder por que esta pessoa e não outra foi convidada a conversar. Porém, na continuidade desta conversa, os integrantes começaram a revelar algumas pistas sobre este assunto. Raul disse ter escolhido aquele homem específico na tarefa da Kelly porque ele parecia ser alguém que ele mesmo (Raul) imaginava se tornar um dia, disse só ter percebido isto no momento da conversa observante e não na escolha na ação. Kelly disse ter escolhido tal mulher a observar na ação do Ivan porque ela era tudo aquilo que Kelly não queria ser. Ao final desta

frase perguntou: *por que será que não quero ser como ela? Acho que me assusta uma mulher muito madura e bem vestida, como se eu tivesse que dar certo.*

As perguntas pareciam esbarrar precisamente na pessoalidade de cada integrante, estes disseram refletir bastante sobre suas próprias vidas e sobre as narrativas que construíram para contar as vidas que cruzaram. O que cada uma daquelas vidas contava sobre nossas vidas? (perguntaram-se). Revelando uma possibilidade biográfica do próprio grupo numa escrita diferente que encararíamos a seguir. Essas questões em discussão revelaram ao grupo o seguinte pensamento: durante a maior parte dessa pesquisa, escrevemos e vivenciamos as histórias das pessoas que cruzamos e elas foram matéria de reflexão – agora, como seria escrevermos as nossas histórias pessoais vividas nas experiências com os outros? Como poderíamos contar o nosso olhar diante de todos os encontros? Como eu era naquele mês de maio dentro do ônibus e como eu sou agora dentro da Casa das Rosas (último local interferido aqui relatado)? No que eu mudei? O que eu levei comigo? Foi nesse momento que decidimos escrever as *Vozes Biografias*, como possibilidade de nos contarmos durante o nosso processo. Apesar do reconhecimento (fortíssimo) de que as próprias histórias escritas pelos integrantes do grupo ao longo do processo foram formas de contar o canto de todos (os passantes, os integrantes do grupo, as pessoas imaginadas), como um cruzamento de vozes, inseparável sempre e que nos fez retomar à imagem da ponte, das águas, das margens de Heidegger, pois este “lugar” parecia nos dar a imagem do que sentíamos: uma coabitação, uma coexistência, uma revelação de paisagem. Resolvemos verticalizar na perspectiva de contar a história de quem escreveu as histórias. Então, decidimos escrever nossas vozes biográficas. Cada integrante ficou com a tarefa de escrever a sua própria, da forma que quisesse, procurando *se contar* na experiência vivenciada durante os meses de trabalho.

1.d) As vozes biográficas

Biografia Elisa Fingermann

De como nasci...

No turbilhão da vida cotidiana e corrida que eu levo, surgiu uma proposta. Interferências urbanas e escrita literária. Eu não tinha nenhum interesse específico em fazer ações nas ruas, pelo menos a princípio. Mas a proposta surgiu de alguém com quem eu queria trabalhar, e por alguma razão algo me chamava a ir no primeiro encontro, pelo menos para ver o que seria... O primeiro encontro ao que fui, cheguei preparada para talvez explicar que estava sem tempo, que seria difícil, cheguei ao metrô Vila Madalena, ponto de encontro, e em roda trocamos olhares. Estávamos todos lá. Me deixei levar por aquela experiência. Entrar em contato com o outro a partir de fragmentos literários. O outro no caso era algum transeunte, desconhecido. A princípio vacilei. Tentei encontrar alguma estratégia para que aquela ação fosse mais conhecida, menos "jogar-se no desconhecido e

imprevisto total”. Resultado, acabei ainda assim aquele primeiro encontro com um encontro real com um homem em um ponto de ônibus. Algo real aconteceu entre nós. Aquilo me marcou o resto da semana toda, talvez mais ainda, e foi inevitável voltar na semana seguinte. Semana a semana algo me fazia voltar. Algo me marcava, algo me movia e me perseguia durante os dias que seguiam às nossas terças, e de alguma forma era um alívio encontrar aqueles com quem havia dividido aquela experiência. Me empolgava também a possibilidade de outra vez me colocar naquela estranha situação de extrema exposição, na qual estava suscetível a encontrar e trocar com outros seres humanos, mais profundamente do que no meu dia a dia corrido e estressante. Mas ainda assim não era algo relaxante, nem um pouco, era estar a todo momento num limite entre risco e descoberta, e se o outro me descobrir? E se ele perceber que no fundo eu sou uma farsa?

De como fui, aos poucos, me transformando...

Terça a terça, algo novo me acontecia, um encontro, um olhar, um segredo desvendado, uma frase inventada, algo que ressoava em mim o resto do dia, da semana. Coisas que ressoam até agora de alguma forma... E aos poucos aprendi a olhar. Primeiro isso. Olhar o outro. Como é difícil olhar! Que seja um olhar real, olhos nos olhos. Parece que quando estamos nas ruas tentamos de qualquer forma nos proteger e defender do outro, como se qualquer um que nos olhe nos olhos estivesse nos ferindo, arrancando de nós algo precioso, ou descobrindo o nosso mais profundo segredo. Dessa forma o olhar foi fundamental. Entender quando é possível olhar, e deixar-se ser olhado também. Aprender a olhar foi fundamental e constante, e ainda o é. Aprender a olhar é um exercício eterno, de escuta também, porque a gente precisa abrir-se para o mundo para olhar, perceber, ver, sentir o outro e o que nos rodeia. Sinto que foi durante este exercício que um dia em uma intervenção me caiu uma ficha. Não são os outros que estão recebendo um “gole de vida”,

mas eu mesma. Porque para estar na rua desta maneira e entrar em contato com o outro, sou obrigada a me abrir de tal forma que nem eu mesma me conheço. E o outro não pode ser outro qualquer. Mas aquele que de alguma forma, perdido em sua singularidade esteja vivo e presente em si, ou ao menos disposto a estar. E como foi que fui percebendo quando o outro está disposto e quando não? Muitas vezes por tentativa e erro, outras por me deixar estar primeiro ao lado dele, dividir o tempo e o espaço com ele, dividir o mesmo ar. Respirar juntos, e então ao perceber que há espaço suficiente posso dar um passo, um olhar ou o que for em direção a esse outro que parece de alguma forma tão próximo a mim. Há coisas que são indescritíveis da experiência de se sentir vivo nas ruas. Estar na busca dos não-automatismos, na busca constante do outro que de alguma forma é uma busca por si mesmo. A rua ensina muito, ensina a estar, porque não adianta nada, quando não estamos no momento presente nada acontece. A rua ensina a lidar com a frustração de apesar de tudo não encontrar ninguém. Ensina a imaginar caminhos diferentes, a inventar estratégias de sobrevivência, de comunicação de manter-se vivo e presente.

Comecei a desenvolver também o hábito de imaginar as histórias das pessoas, Bastava cruzar o olhar ou alguém me chamar a atenção que eu já começava a criar na minha cabeça um monte de possíveis histórias para aquela pessoa. Um fluxo de pensamentos contínuos que construía significados ia se tecendo em mim. Um dia, eu estava passando numa rua perto de casa e vi arrancarem um portão que tinha sido construído por um serralheiro que morou anos no bairro, ele tinha juntado peças de diferentes coisas e feito aquele portão que ele tentou por algum tempo vender antes de desistir e desaparecer de vez. Aquela casa estava sendo demolida, e o portão arrancado. Esse acontecimento não foi numa terça-feira, mas mexeu comigo de uma maneira surpreendente, eu fiquei tão triste e imediatamente quis escrever a história daquele portão solitário, para quem sabe de alguma

forma imortalizá-lo em mim. É difícil fazer um relato que dê conta de todo o vivido, experienciado e aprendido nesse percurso, talvez qualquer tentativa de colocar a experiência em palavras não chegue nem aos pés da experiência real da rua e da escrita a partir da vida na rua. Escrever a partir dessas experiências abriu para mim um apetite e tanto pela escrita, apetite sempre vivo em mim, mas que com esta vivência permitiu que surgissem modos de escrita e estratégias próprias a mim, e que me estimulam a querer continuar escrevendo. Eu mudei durante este tempo, e se mudei foi nessa relação de me nutrir das relações com os outros para algo que vai além, seja escrita literária ou cena, ou experiência única e intransmissível. Torno-me dia a dia a partir do início dessa experiência uma pessoa um pouco mais presente no aqui e agora e mais aberta ao outro, mais disposta a estar viva nessa cidade, e ainda não me deixar engolir por ela, mas estar presente inteiramente de forma que essa experiência de vida me nutra e me dê vontade de mais e mais vida, e rua, e outro. Dia a dia ando nas ruas e busco cruzar olhares, dividir ares e espaços, sentir a vibração do corpo do outro. Dia a dia tenho tentado estar. Ser e estar, em mim, no outro, na cidade e no mundo. Dia a dia tenho tentado traduzir essa vivência em histórias inventadas e imaginadas que dão significado ao sem sentido da vida.

Biografia Ivan

Ao longo desses meses de interferências na rua tive o privilégio de experimentar, vivenciar e ampliar a minha sensibilidade, em relação ao o “outro” a minha cidade e a mim mesmo. Ao ampliar o olhar sobre o “outro” pude vivenciar histórias que poderiam ser minhas, histórias que não vivi que alguém contou ou inventou e que através da escrita outras pessoas puderam vivenciar, experimentar e talvez ampliar seu olhar sobre o mundo a sua volta. Para entender as interferências ampliei meus sentidos para entender um pouco

mais sobre a percepção de quem eram essas pessoas que interagiam que reagiam a nossas “provocações” e qual era o nosso papel, tentando encontrar respostas que não levassem para uma verdade absoluta e que pudessem fugir do meu julgamento ou preconceito, para que tornassem histórias que representassem à realidade dos momentos vividos nas intervenções.

Em meio a todo esse “movimento” havia um “nós” o grupo, o coletivo de pessoas que pouco a pouco foram se conhecendo e em pouco tempo se acolheu e através do olhar conseguiu que as tarefas por mais complexas que parecessem ser pudessem ser realizadas, sempre sobre os olhares atentos e prontos para qualquer imprevisto que pudesse ocorrer, além de serem olhares diferentes sobre o mundo o que permitiu que o debate a discussão fossem amplos agregando em cada novo encontro uma parte de cada um nas novas realizações. Havia também um “eu” que vos escreveis esse texto, 28 anos, corintiano, tímido, paulistano, amante de uma boa cerveja, jogos de pôquer e dedicado à família na qual incluo alguns poucos e bons amigos, um sujeito simples assim como os textos que escrevi ao longo dessas intervenções.

Sou alguém à procura da fé já que a que eu tinha em Deus morreu, assim como meu maior ídolo meu pai, fé essa que pode estar no mundo, nas ruas na arte ainda não sei sigo em busca já que retornar a ter fé em algo tão importante como a própria vida a ausência de fé e a ausência de vida. Sou formado em Publicidade, faculdade que serviu “apenas” para viver boas histórias, um grande amor e um diploma na gaveta, quatro anos para perceber que fiz a escolha foi errada. Errada. Não sei como a vida é cheia de curvas e caminhos tortos em meio uma escolha errada “encontrei” o teatro essa arte que mesmo com a própria vida fazendo de tudo para que eu me afaste eu insisto em encontrá-la, talvez porque

parafraseando a poesia “A vida é a arte do encontro”, encontro com as ruas, com as pessoas, com a própria vida e comigo mesmo!

Biografia da Kelly

A palavra é representação. A escrita, igualmente. E foi nesse universo, ativo e reflexivo, intercalado a tantos outros, que nos experimentamos nos últimos meses. É dessa ferramenta que me utilizo agora na tentativa (que anuncio desde já, frustrada) de manifestar o que gerou em mim, individual e coletivamente, esse tempo dedicado a desvendar fragmentos da urbe. Ao ser convidada para participar de um trabalho a ser desenvolvido em grupo (e na rua!) me enchi de entusiasmo. Não entendi, inicialmente, qual caminho iríamos percorrer, qual a finalidade dos encontros, quais seriam as atividades, onde nos encontraríamos e quem iria participar. A ansiedade que nos toma diante de uma novidade, obviamente, estava lá. Em mim, em nós. As únicas palavras que notei nesse trâmite inicial: cidade, escrita, encontro. Não foi necessário passar muito tempo para que eu reconhecesse que todas essas questões não careciam, naquele momento, de respostas. Dia-a-dia, encontro-a-encontro, elas seriam sanadas. Ou melhor: criadas, descobertas. Descobrimos juntos o que estávamos fazendo a cada terça-feira. Lembro-me de nosso primeiro encontro na estação do metrô da Vila Madalena. Naquele dia, ao iniciarmos a ação, nossa tarefa aparentemente simples, seria de uma preciosidade imensa tanto nesse encontro quanto em todos os demais: Ver o outro. Olhar, enxergar. Reparar em cada canto, cada detalhe, cada pedacinho do outro. Essa disposição em manter com cada integrante do grupo esse contato silencioso e mínimo, contrastava de uma maneira gritante com o espaço em que nossos corpos estavam mergulhados: o ir-e-vir dos usuários do metrô. A pressa, o ritmo e o barulho aos quais estamos definitivamente acostumados. Aquele círculo que formamos próximos à

bilheteria era provocador. Estávamos provocando aqueles usuários. Estávamos provocando a cidade e todo o frenesi dessa rotina. Ao mesmo tempo, nos alimentamos daquele tempo.

Após alguns minutos o grupo passou a se deslocar e se distanciar dentro daquele espaço, sem interromper o olhar que já estava conectado. Foi um momento bonito. Transitamos por entre as escadas rolantes, em volta às catracas, bilheteria, etc. O olhar era permanente. Havia uma linha invisível, porém não ilusória, que nos ligava uns aos outros. Em certos momentos olhamos nos olhos de outros usuários, na ânsia de convidá-los a participar daquele corpo que se formava naquela tarde. Alguns estranharam, outros se desviaram, e houve também quem retribuísse o olhar que entregamos. E ali surgia a gênese de nossa oficina. Apesar das diversas propostas que iríamos experimentar, nenhuma fugia desse ciclo: construímos um corpo entre nós, nos dispomos a um encontro com o outro e, por fim, há quem fuja, há quem não perceba e há quem se entrega. As diversas atividades que eram propostas durante nosso percurso tinham como ponto de partida a literatura. Trabalhamos a partir de frases, textos descritivos, cartas, palavras soltas, diálogos, dentre outros. Esse era nosso alimento para ir de encontro ao outro, sempre à procura da troca inerente à ligação, em qualquer escala, entre dois seres. Alguns contatos eram mais sutis que outros, mas nem por isso deixavam de ser contato. Nosso objetivo era, de alguma forma, interferir nessa linha-rotina ao qual o indivíduo, desconhecido por nós até então, estava inserido. Por fim, conforme se desenrolava nossa ação, esse contato servia-nos como ensejo para escrevermos novos textos (de diferentes gêneros e categorias) para serem utilizados no próximo encontro. Esse processo se desenvolveu sucessivamente. Desnecessário apontar que, apesar desse ciclo, cada experiência e cada escrita possuía em si sua própria particularidade.

Embora eu possuísse essa relativa proximidade com a escrita, o período que compartilhei com meus companheiros nesse grupo foi de contínua produção de textos. Que

feliz descoberta! A liberdade com a qual lidamos com o ato de escrever foi de suma importância. Por sabermos que naquelas produções havia algo vivo, pulsante, sincero, não tivemos tempo para julgamentos mútuos. Por vezes a escrita corria livremente, sem preocupações com o tempo. Em outros momentos, tivemos um limite preestabelecido, o que também gera uma relação específica com esse ato. Ambos foram necessários nas atividades. O que me surpreendeu ao experimentar minhas produções e a de meus companheiros durante a ação era a pluralidade de caminhos que aquele escrito, longo ou curto, poderia gerar. A palavra tem um poder magnífico. Suas combinações relacionam-se com nosso corpo e espaço, possibilitando experiências únicas. Ela foi nossa porta de entrada, a chave, o dispositivo para alcançarmos algo que estava entre o evidente e o obscuro no outro. Trabalhar no espaço público não é uma tarefa simples. A linha da concentração é tênue, e pode ser rompida com grande facilidade. Há inumeráveis elementos em nossa volta, disputando nossa atenção com aquilo que de fato nos interessa naquele instante. O exercício de convergirmos a um foco nossas percepções é trabalhoso, e requer de nós uma disposição mental e física. Tivemos, em alguns momentos, problemas com essa questão. Vez ou outra perdemos a noção de corpo coletivo, o que foi recuperado nas reuniões posteriores. Por outro lado, essa configuração também foi uma ocasião favorável para tentarmos desenvolver em nós uma sensibilidade mais apurada, que nos faz atuar plenamente nesse meio, sem anularmos as limitações que ele nos impõe. Pelo contrário, procuramos encontrar nesse cenário as oportunidades que só ele nos daria. Certa vez uma das integrantes (Jackeline) compartilhou conosco uma frase que sintetiza esse movimento ao qual me referi: “Durante as atividades, alguns pequenos milagres ocorrem”. Também tenho essa sensação. Surpreendemos e somos surpreendidos o tempo todo. A porta do metrô que se fechou no tempo certo, o ônibus que demorou pra chegar, o celular que tocou,

o carrinho de lanches que passou na hora exata, enfim, ironicamente a cidade colaborou conosco.

Essa busca pela espontaneidade e organicidade do contato me levou a uma pergunta perturbadora por algum tempo: qual o limite? Até onde devo ir? O que posso ou não dizer, e mais... O que quero ou não ouvir? Esse questionamento deu-se especificamente após uma tarde na qual seguimos e conversamos com alguns usuários dentro do metrô enquanto o trem se locomovia. Minha tarefa consistiu em escolher algum usuário, me sentar próxima a ele, e contar um “segredo” que eu havia criado poucos minutos antes. Ao iniciar minha conversa com uma mulher, tratamos do assunto “traição”. Incrível como, em poucos minutos, aquela moça se abriu pra mim, citando intimidades de suas relações sexuais, assim como de sua vizinha também. O desdobramento daquela conversa me deixou deveras incomodada. Apesar de eu procurar estar sempre aberta ao que o outro me oferecesse, sem me limitar quanto aos assuntos que poderíamos tratar, o fato de ouvi-la contar suas aventuras e particularidades na vida privada me deixou, pela primeira vez na oficina, desconfortável durante a conversa. Será que ela não pensou o que eu poderia ter feito com aquelas informações? E se eu quisesse expor sua vida aos que estavam ao nosso redor, como ela se defenderia? Além disso, me questionei sobre a ética no nosso trabalho, querendo entender se havia limites nesse encontro. Aos poucos essa ansiedade foi se dissipando conforme eu analisava essas questões. Por fim, considerei que, na rua, nos diálogos e contatos, a responsabilidade é mútua. Você lança um estímulo e o outro responde conforme lhe apraz. A tal moça que confessou a mim suas decepções quanto à vida sexual, optou por fazer isso. Apesar de ser a primeira vez que nos víamos e falávamos, ela decidiu confiar (?) aqueles segredos a mim. Isso faz referência ao que eu descrevi anteriormente: em todo encontro, se dá e se recebe. Ela resolveu me dar isso.

Um capítulo para falar sobre algo que não tem nome em mim:

[21 de maio de 2013. Poema/frases escritas no banco do metrô na Vila Madalena, minutos antes de eu encontrar o grupo.]

SP – Um corpo avulso.

Aleatoriamente no espaço frio.

Queria, por um dia, o mundo despido.

É tudo pequeno, pequeno, pequeno...

O mundo é pequeno

(Nunca me senti tão vulnerável).

Biografia do Raul

Eu era ninguém, nem fazia parte quando o grupo começou. Ouvia o Giliard falar sobre ele. Minha atenção e expectativas eram altas. Eu queria, desejava estar no grupo. Desejava entender direito o que era estar na rua daquela maneira. Desejava entender qual era a proposta, o que o grupo fazia. Mantive o desejo velado. Pensava comigo mesmo que isso já estava fechado. Aquietei a vontade. E, um dia, quem diria. “Vamos fazer uma interferência na Virada Cultural e podemos levar pessoas de fora”. Fui. Entrei naquela multiplicidade da virada, com um abraço de um grupo que eu mal conhecia, mas que eu já achava tão meu. Só recebia. Mantive o silêncio como quem fica ao lado da corda que gira, segurando a respiração e esperando entrar em sintonia com o ritmo das batidas da corda no chão para que pudesse entrar. Ouvia muito, sentia. Até que a pergunta foi lançada. O que faríamos? E, naquele átimo, a ideia veio. Quem é você fora da Virada Cultural? O resto veio organicamente. A ação começou e acabou. E eu achando que havia acabado cedo. Queria mais. Será que a minha participação havia acabado? Será que eu deveria sair da corda

agora? Veio o convite. Discutiríamos sobre o resultado na semana seguinte. Fui. Conversamos e olhamos sobre e para a produção da virada cultural. O segundo convite veio. Quer fazer parte? Eu já estava apaixonado. Já admirava as pessoas e o trabalho, sem ter nem entendido direito qual era a proposta. Mas foi isso que eu achei legal. Não perguntar o que é, só sentir. E eu senti. Senti e me joguei, de olhos fechados e o coração aberto.

Eu já trabalhava na rua há quase um ano. Trabalhava com intervenção também. No Pátio do Colégio, fazendo o padre Anchieta. Mas era diferente. Uma dramaturgia sólida sempre me protegeu. Uma história, um personagem conhecido.

Eu gostava de me manter protegido, guardado antes da apresentação e na hora de eu dar o texto, era quase como se eu tivesse uma “quarta parede” em forma de esfera à minha volta. Acho que é muito o que acontece atualmente com quem trabalha na rua. Há o choque, é natural. A rua é um organismo vivo repleto de sistemas internos que vivem e se relacionam mantendo a homeostase da vida na urbe. Com todos os estabelecimentos, todas as vias, todos os automóveis, todos os transeuntes. É uma paisagem cheia de símbolos e significados. Cada indivíduo estabelece uma relação diferente com ela. Ela é assustadoramente visceral, viva e imprevisível para quem ousa chamar a atenção ao olhar, e ao mesmo tempo, arrisca deter o olhar no que tentou passar despercebido.

E era isso que faríamos. No meu primeiro encontro efetivo, já que a virada foi algo quase como paralelo, senti a sutileza do objetivo. Encontrar o outro, olhar para ele, ainda que ele não quisesse ser visto. Tudo isso a partir e para a escrita literária. BANG! Duas paixões deram as mãos naquele dia. Sou do tipo de pessoa que, na infância, trocava alguns amigos reais, e brincadeiras na rua por amigos do meu imaginário, criados a partir da escrita literária de alguém. E criava os meus próprios personagens. Escrevi um livro com cinco anos, que minha mãe guarda como uma pedra preciosa. Mas, para mim, a leitura e a escrita

sempre foram algo muito introspectivo e íntimo. Lia aqueles livros de mistério sozinho, como se só eu soubesse o segredo. Criava alguns amigos e trancava-os em meu diário. Só eu poderia conhecê-los. Daí a minha outra paixão. Você inventa maneiras de fazer alguém imaginar, que não só as palavras, os sons, os gestos. Você, assim como a escrita, induz a formação da imagem na mente da pessoa. Eu dava vida a alguns dos meus personagens imaginários não só com descrições verbais, mas com tudo. E todos eram eu. Eram todos os *eus* que não cabiam em mim.

Mas de volta ao BANG! Era a minha tarefa ouvir a leitura de uma carta. Daí foi inevitável. Eu estava lá, com todos os sentidos em alerta máximo, sentindo cada desnível do chão. A mente tão aberta quanto eu poderia. Daí ela chegou. Mariana. Veio da escrita literária de alguém. Eu deveria encontrá-la na rua. No mundo real. E falar algo com ela. Mariana, é você? Mariana? MARIANA? Cadê você, Mariana? A imagem estava tão real na minha mente que eu não pude mudar para ela encaixar com ninguém. Fiquei procurando a Mariana. Fingi um dia tê-la encontrado. Pra parar de procurar, perguntei a uma moça que parecia um pouco com ela, mas a moça respondeu que não era a Mariana. Ela não era a Mariana. E eu ainda, em segredo, procuro a Mariana. A Mariana nasceu de um eco, um eco que reverberou de alguém do grupo. O que será que essa pessoa estava pensando quando viu a Mariana? Escrevemos dando vida a personagens da nossa mente, mas a nossa mente cria a partir de ecos do que ela já viu, já leu e já vivenciou. E era essa a proposta, usar a escrita, de alguma forma, como o start para o contato. E esse contato, como ele é único! Às vezes, quando eu chegava em casa dos encontros, eu sentava e tentava entender o que havia acontecido. Éramos nós e o encontro com o outro. Agíamos como nós mesmos, mas era quase como se fôssemos fantasmas dessas leituras. Não éramos personagens. Éramos nós com algumas armas, alguns dispositivos para facilitar o encontro.

Lembro-me de uma situação onde deveríamos tentar arrumar um emprego e descobrir como é trabalhar lá. Fui na loja que mais me atraía, e o vendedor tinha uma tristeza nos olhos, ele estava lá quase dormindo, era obeso, e tinha uma respiração barulhenta. Eu cheguei e tentei estabelecer contato. Perguntei sobre o emprego, e conversamos sobre a vida, senti que ele abriu o coração, que mais do que alguém que comprasse ele estava atrás de alguém que ouvisse. Depois de eu sair de lá algo na feição dele mudou. Um breve momento e ele sorriu, sorriu para o nada, ele não viu que eu estava o observando. Uma coisa que sempre saía na minha cabeça toda a vez que eu me propunha a encontrar o outro era a transformação. Eu sempre desejava interferir no outro de alguma forma. Primeiro eu observava, sentia a pessoa. Depois eu falava, mas sempre tentando causar alguma emoção, algum sentimento. Nem que fosse apenas curiosidade. Era nisso que eu sempre pensava: Um encontro por mais efêmero que seja, tem o poder de transformar. Transforma o outro, me transforma.

E mesmo parados, sentados na calçada causávamos impacto. Éramos vistos e nos propúnhamos a responder, muitas vezes com respostas sinceras e espontâneas. Não ignorávamos ninguém. Éramos nós mesmos, tomando um chá em uma calçada movimentada, e o outro. Na verdade não há maniqueísmo no contato. Existem aspectos agradáveis e desagradáveis, foi o que aprendi naquele dia. Das observações (perseguições) que fizemos a que mais me marcou foi a que realizamos em uma semana que não houve encontro. Eu voltava para casa e deveria observar alguém, daí comecei a me perguntar no porquê de decidir essa ou aquela pessoa. Enquanto eu pensava nos critérios que eu utilizaria para decidir, eu geralmente olho em volta com a minha visão menos mecânica e mais detalhista, mas eu não me demoro em nada. Vou passando os olhos até que alguma coisa, por algum motivo me chame a atenção, ou algo que seja inusitado, algo diferente. Por duas

vezes escolhi pessoas com buquês de flores. Acho que escolho mais as mulheres também. E naquele dia, ela passou por mim, lembro-me dela com clareza, não pude perceber o gênero dela em um primeiro momento e foi isso que me instigou, a observação começou antes mesmo de eu perceber. Eu fiquei tentando descobrir olhando cada detalhe dela e continuei seguindo-a, mudei o meu caminho para manter contato. Não consegui nem mesmo esperar para chegar em casa e escrever sobre ela. Eu ia escrevendo ao mesmo tempo em que observava. Lembro até do cheiro de pipoca que ela tinha. Do brilho de infância no olhar. E o contato foi esse. Não falei com ela, mas escrevi sobre ela. Pude dar asas à minha imaginação.

A rua alimenta a escrita com imagens, com realidade, com situações, mas a escrita transcende, ela pega todas essas influências e transforma, a partir da imaginação de quem escreve, em algo maior, em uma história maior, dá nomes, dá passado, e dá futuro ao presente presenciado na rua. Eu usei a imagem da menina andrógena para transcender e criar uma história para ela, e, a partir da minha descrição, em um outro encontro, o Ivan aprofundou a história. Tornou-se a menina. E ele estava lá, eu sabia o que deveria acontecer e vivenciei isso. Tive a chance de ver novamente a menina, só que com as interferências imaginativas minhas e do Ivan. E a partir disso ele estabeleceu contato com outras pessoas. Ele fez outras pessoas pensarem. Transformou outras pessoas. É engraçado imaginar se essa menina não tivesse saído de casa naquele momento. Se eu não tivesse a observado. O Ivan estaria totalmente diferente, transformaria outras pessoas, de outra forma. A vida é meio que isso, uma coleção de pequenas tragédias, pequenos desastres, pequenas sortes e pequenas felicidades que interferem em muitas outras coisas.

Lembro-me da vez em que a Kelly propôs a atividade. Era como um encontro com o futuro. Imaginávamos as pessoas vinte anos depois. E imaginávamos nós mesmos vinte anos

depois. E essa foi uma das imaginações que mais me perturbou. Tive alguma dor naquele dia. Era um momento pesado para mim, a minha vez de guiar estava chegando e eu seria o último. Ninguém disse, mas os encontros estavam acabando, sentíamos isso. Daí chegou a minha vez. Eu queria falar do eco. Queria agradecer a cada um dos membros do grupo de alguma forma, mas também queria provoca-los. Escolhi duas tarefas. Uma era secreta. Deveria existir acima da outra, em um outro plano. Era como uma intervenção com os membros do grupo. E a outra era mais real, compartilhada e propunha o encontro com o outro a partir de coisas que eles mesmos haviam escrito. Sem tempo para nos controlar. Daí senti que era o fim... O fim desse ciclo, mas o fim. Que estávamos caminhando para os próximos encontros em casa mesmo. Fora da rua, só pra rever o material, pra acertar as arestas.

Estou sim transformado. Imagina se cada encontro, efêmero e rápido mesmo, tem o poder de transformar, imagina todos eles juntos, somados a esse encontro, que é duradouro, é intenso que tivemos entre nós do grupo. Compartilhamos as regras do jogo. Compartilhamos o jogo. Jogamos juntos e separados, observamos o outro jogar. Hoje eu olho para as coisas e para as pessoas na rua com mais atenção olho como se procurasse a Mariana. Olho para as pessoas e logo imagino a história. Penso em encontros. Sou alguém mais aberto. Mudei até a forma com que faço o Anchieta. Tento, ao máximo, quebrar qualquer distância. Procuro mais o outro. Não tenho medo da rua, até ando descalço nela às vezes. Sinto mais a minha respiração e o chão em que piso. Mas acho que o principal é eu ter me tornado alguém para essas tantas pessoas com quem estabeleci contato. Mesmo rápido, naquele momento fui alguém.

Acho que essa ideia resume bem o processo todo para mim. De ninguém para alguém.

Biografia da Jackeline

A minha biografia é feita de presenças e ausências

A bibliografia de Jackeline Stefanski foi realizada sob a forma de desenhos, rascunhos e palavras soltas.

Eu tentei sentar e escrever uma longa biografia, para minhas muitas lembranças desses encontros. Mas, não consegui. Era como se as palavras, os espaços, as pessoas, tudo enfim, fosse se misturando, como naqueles sonhos confusos, dos quais despertamos exaustos. Deixei de lado a ideia de fazer um “diário a posteriori” (tarefa impossível para mim) e resolvi escrever a mão, o que pudesse e (quisesse?) ser escrito. As pessoas querem algum contato e a pergunta é um bom começo, meio e fim! É na pergunta que habitam meus desejos e foi (e é) no encontro com vocês que pude multiplicar dúvidas e partilhar riscos. Destacar-se e dissolver-se no espaço. Sós e acompanhados. Caminhar pela cidade e estar aberto ao que ela oferece. E é tanto, sempre diferente cada experiência! Ontem e hoje. E amanhã? Continuaremos a nos encontrar pelas ruas? Com hora e lugar marcados, ou ao acaso?

* * *

Ao final do ano de dois mil e treze, tínhamos em mãos um “calhamaço” de narrativas construídas a partir das ações nas ruas, mas o que havia ficado mais impactante para os integrantes eram as experiências de conversas com as pessoas que não conheciam com algum cheiro de magia solidária. Por esta razão, pretendíamos continuar nossa pesquisa

focando ainda mais a experimentação das conversas, radicalizando esta ação como quem pretende descobrir como se dá a magia do encontro, quando este acontece.

Assim organizamos mais algumas ações de conversas e escrita com outros grupos de trabalho. Um destes grupos foi formado por pesquisadores de mestrado e doutorado na área das Artes Visuais. Todos estes (inclusive eu) inscritos na disciplina “Poéticas híbridas”, ministrada pelo Prof. Dr. Agnus Valente e a ação realizada por este grupo se deu no ano de dois mil e quatorze. O panorama desta disciplina assim dizia:

“Nas modalidades de arte propostas nesta disciplina, o processo criativo engendra um *modus operandi* artístico através do enfrentamento e/ou da conjugação de poéticas em projetos que envolvem mais de um autor/criador. O foco desta disciplina dirige-se a projetos coletivos, grupais e/ou em equipe que pressuponham produções realizadas em co-autoria e/ou co-criação, com cooperadores e/ou colaboradores, e também proposições individuais abertas à participação e/ou interatividade com o público – cujas vivências e estilos são fundamentais enquanto forma em atividade, configurando um processo híbrido de formatividades que se imprimem na obra final. O leque de ação inclui desde a criação de objetos de arte manipuláveis, passando por performances, “coletivos de arte”, instalações interativas, teatro participativo, grupos musicais até arte digital etc. O campo de pesquisa artística é o próprio ateliê do curso, pensado como laboratório de ação, na qual os artistas possam propor e ensaiar suas práticas, tendo aos outros participantes como colaboradores e/ou como observadores críticos dos agenciamentos empregados”.

E a partir da ementa da disciplina, cada estudante de mestrado e doutorado expôs sua pesquisa em aula durante os primeiros meses do primeiro semestre do ano de dois mil e quatorze. A proposta do professor Agnus Valente era dividir nossas pesquisas de forma a incluir outros estudantes em nossas ações, criando assim, um território fértil para discutir e

desvelar nossos procedimentos, metodologias, enfoques, questões; promovendo um mergulho mais profundo naquilo que nos interessava saber e pesquisar. A partir deste convite dentro da disciplina, realizamos uma ação coletiva no terminal urbano Barra Funda em São Paulo usufruindo dos mesmos princípios citados com o grupo Estrategistas de Encontros.

Durante esta ação, mais uma vez nos deparamos com a questão da presença, estes pesquisadores perceberam que quando nos colocamos neste estado de presença acordada às coisas que nos rodeiam, também estamos presentes em perceber o que nos permeia internamente, nossas inseguranças, nossos pensamentos – uma fricção entre o que de fora permeia e o que de dentro rodeia. “Essas coisas”, estando à nossa frente, são tangíveis aos nossos corpos, mas não são apreensíveis, exclusiva e necessariamente por uma relação de sentido.

Caminhamos até a área do terminal de ônibus Barra Funda e no caminhar anotamos palavras, frases, diálogos, imagens que como rastros ficam fixos na memória, anotamos, escolhemos e construímos uma frase com eles. Eu recebi uma mensagem escrita em um papel do aluno que estava a meu lado na roda de conversa, eu havia me esforçado tanto – no sentido bom da palavra esforço – para escrever a minha frase, que aquele papel queimou de ansiedade minha mão e depois o meu bolso. Recebemos a instrução que somente poderíamos abrir o papel e lê-lo junto da pessoa que estivéssemos dialogando, pelo menos foi o que eu entendi, não sou muito boa com regras e sempre entendo do meu jeito, acho que já é uma maneira de transgredi-las no ouvir, não sei se é bom ou ruim, mas é a maneira que sou e sei que, de alguma forma, isto acabaria influenciando em todo o processo de criação e convite ao diálogo naquela tarde. Por fora uma segurança inabalável de como quem já realizou este exercício

muitas e muitas vezes, por dentro um liquidificador sem tampa batendo suco de beterraba espalhando para todo o lado, qual pessoa escolher para um diálogo? Pela cabeça passam questões básicas: como estou? Quem sou? Sou digno de um diálogo? Sou agressiva ou tímida? Um tremor.”

(Relato da aluna especial Caroline Velasquez)

Esse tremor, essas sensações - podem fazer parte de um “ritmo” que ativa os sentidos de um modo diferente, por exemplo, da atividade hermenêutica que atribui significados determinados ao que tal “coisa” diz. Essa sensação que vibra atinge os nossos corpos a despeito do que possamos interpretar acerca da ação de ir ao encontro de um desconhecido e de tudo que emerge nestes passos.

Alguns relatos nesta ação também revelaram a percepção de que o movimento que posso vir a estabelecer como pessoa que conversa é de ida, é para frente, ao encontro, na direção deste outro, à pessoa destinada, é um gesto de se tornar íntimo. O sujeito que se propõe conversar com alguém que não conhece é um sujeito exposto, entregue ao destino. Este sujeito não possui o poder da conversa, pois não sabe com quem irá conversar nem sobre o quê conversará, ainda assim, alguns integrantes revelaram alguma sensação de onipotência inicial quando convidaram alguém estranho à conversa.

Eu estava lá conversando, como falo bastante estava à vontade na proposta. Conversei com uma moça... De repente, ela me perguntou: e você, vai para onde? Eu tive um surto interno, pois não estava preparada para falar de mim, sabia que tinha que entregar uma frase e só.

Não esperava ser introduzida na conversa. Então, na verdade, não se tratava somente de entregar uma frase a alguém, tratava-se de estar com alguém.

(Relato de Bianca Zechinato, estudante de Mestrado da disciplina Poéticas Híbridas)

Quando este outro chega, ele está vivo, tem o que dizer, e faz perguntas. Este outro devolve a conversa ao lugar do “entre”. Revela a conversa como “coisa”. Ficou claro em nossa discussão que a conversa não era comandada, não haveria como direcionar esta conversa com este outro desconhecido, esta conversa é experiência – lembrando Heidegger, “fazer uma experiência com algo significa que algo nos acontece, nos alcança; que se apodera de nós, que nos tomba e nos transforma. Quando falamos em “fazer” uma experiência, isso não significa precisamente que nós a façamos acontecer, “fazer” significa aqui: sofrer, padecer, tomar o que nos alcança receptivamente, aceitar, à medida que nos submetemos a algo”(2012: p.143). Justamente porque não sabemos quem é esse outro é que pudemos radicalizar a experiência da conversa no lugar “não lugar”: nas ruas, nas passagens, nas esperas.

Ainda seguindo estes princípios, a pesquisadora criou a ação “Performance de uma pessoa escrita”, realizada desde o ano de dois mil e quatorze nas ruas da cidade de São Paulo e em diferentes espaços de convivência dos SESCOs: Carmo, Sorocaba, Santo André, Pinheiros, Consolação, Belenzinho, Itaquera, entre outros. A pesquisadora se colocou em espaços variados da cidade, com o intuito de conversar com alguém desconhecido enquanto registrava na máquina de escrever (em tempo real) a conversa. Esta experiência de conversa teve, portanto, os seus diferenciais: é somente a pesquisadora que a realiza (a pessoa que conversa) com os passantes (pessoa passante conversa) e utiliza o objeto vincular-relacional, a máquina de escrever. O interesse por esta atividade gerou mais um convite feito pelo SESC

Itaquera, para realizar a atividade “*Performance de uma pessoa escrita*” sob a temática “Quem é você? Você conseguiria se definir em palavras?” realizada dentro do evento “Festa Brasileira: Os Brasis de Macunaíma”, cujo tema esteve direcionado à formação brasileira e sua identidade cultural, e gerou a construção de dois textos narrativos publicados nos sites:

Link 1:

<http://www.sescsp.org.br/online/artigo/7967> PERFORMANCE+DE+UMA+PESSOA+ESCRITA+PARTE+1

Link 2:

<http://www.sescsp.org.br/online/artigo/8053> PERFORMANCE+DE+UMA+PESSOA+ESCRITA+ARTE+2

Seguem alguns exemplos desta ação e das narrativas produzidas durante as conversas:



Figura 06 - Foto Henrique Schafer

20 de julho de 2014

Marcia Cristina Felix Lourenço, 43 anos

Faz vinte e seis anos que trabalhei com uma máquina de datilografia desta. Eu dava aula enquanto aprendia a escrever. Eu tinha quinze anos, me achava professora, me sentia importante. Tive até festa no dia dos professores. Nossa, voltei na minha história por um momento. Momentos da minha história de vida que não voltam mais.

Agora trabalho na área de saúde. Idealizei uma coisa e na realidade é outra. Meu marido não trabalha na área da saúde, é zelador de um prédio comercial. Ele não gosta nem que eu fale no assunto.

Eu gosto de escrever, mas só de falar isso, já fico meio tensa. Mas eu escrevo, quando no hospital precisam de alguém que escreva, sou eu. Escrevo quando participo do sindicato.

Tive um filho com trinta e cinco anos, foi super planejado. Foi um momento delicado, foi quando meu irmão morreu com trinta e seis anos de infarto fulminante, jogando futebol. Morreu no dia em que meu pai fazia aniversário. E eu estava tentando engravidar, não conseguia. Fiz tratamento. Não conseguia. Foi só quando meu irmão morreu que no mês seguinte eu estava grávida.

Não dizem que quando uma mulher quer engravidar e não consegue, ela tem que tirar esse assunto da cabeça e esquecer?

Comigo foi assim...

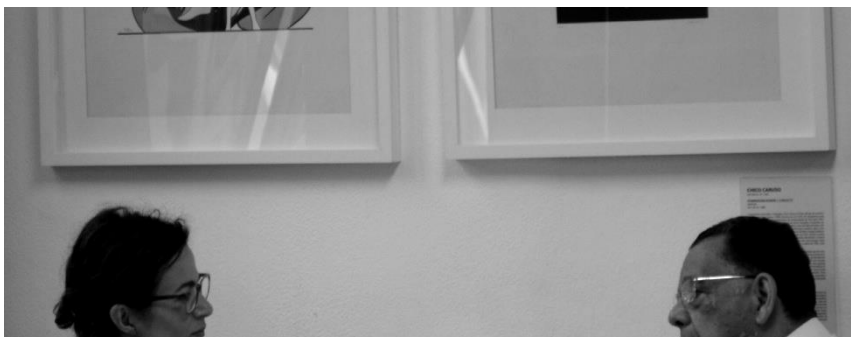


Figura 07 - Foto Luiza Schafer

14 de abril de 2014

O Senhor Aires

Eu trabalho. Eu trabalhava com tudo há alguns anos atrás. Não tinha o direito de ficar doente. Eu to com resfriado há dez dias, não passa. Eu tive gripe, tomei uma super dose da dosagem. Fiquei anos sem ficar resfriado, mas o vírus ficou encubado...

Eu me aposentei e trabalhei mais doze anos ainda. Foi em mil novecentos e oitenta e sete, eu trabalhei até o ano dois mil. Sou do interior, vim para cá com dezessete anos de trem para trabalhar. Lá não tinha emprego. Comecei a estudar e trabalhar. E morava em pensão.

Meu primeiro emprego em São Paulo foi num hotel. Lux Hotel, onde eu trabalhei. Naquela época, a hotelaria no Brasil era ainda incipiente. Olhando as perspectivas no ramo hoteleiro, vi que eu não tinha futuro ali. Fui então trabalhar no ramo da contabilidade. Era mil novecentos e sessenta e quatro. Aí meu irmão resolveu comprar o taxi. Mas não dava para comprar gasolina. Mandeí meu irmão vender o taxi. Fiz a contabilidade e vi que não dava para viver.

Conheci a Ritona, uma cearense, ela se engraçou comigo. Fiquei desempregado. Ritona me indicou ir na Shell para ver emprego. Graças a ela arranjei esse emprego.

Eu fui bem omissos em relação ao regime militar, eu ficava feliz de chegar na escola a noite e não ter aula e eu poder voltar a descansar.

Eu comecei a namorar a telefonista. Interessante, eu tive três casos na minha vida que deram azar. Acho que era o "y" de Suely. O problema do "y" ainda existe. Porque também teve a Noely, também teve problemas... Risos...

Eu frequento a academia há sete anos e conheci uma mulher que era a cara da Suely e a gente não se dá bem. Eu, com minha experiência e idade, deveria entender. A culpa é minha. Em mil novecentos e setenta fui promovido à chefe.

Morei em São José do Rio Preto durante cinco anos. Eu era sócio do Monte Líbano. Fazia churrasco todo final de semana. Tive três filhos. Fiz faculdade de administração de empresas e dois anos de faculdade de direito. Daí voltei em São Paulo.

Nesse instante, se aproxima o senhor Valdemar e nos fala:

- olha, se você não souber algo, pode me perguntar. Você é professora?

- respondo: também.

- eu fui expulso, era indisciplinado. Ri e se afasta de nós.



Figura 08 - Foto Kelly Santos

06 de dezembro de 2014

Sônia

Eu não sei falar de mim. Não é fácil. Minha história tem coisa triste. Fui criada sem mãe. Sou a irmã mais velha, meu pai ia trabalhar e eu cuidava de um monte de irmão. Tive duas queimaduras, uma no peito e outra no braço. Nossa, nunca contei isso assim, é a primeira vez. Sônia chora, fala que vai chorar, chora, a Rafaella também chora, eu também choro, a Kelly (a fotógrafa da nossa intervenção) também chora e a Thais (programadora do SESC) também chora. Um monte de mulher chorando um pouco enquanto rimos e falamos que não vamos mais chorar.

Acho que por dentro eu sou triste, tem tudo isso aqui dentro.

Com doze anos eu cuidava de seis irmãos, a mais nova das minhas irmãs tinha cinco meses quando minha mãe se foi. Eu quis fazer

medicina, ou enfermagem, mas não consegui... A gente era muito pobre, eu tinha só uma peça de roupa, tinha uma saia que eu tinha que lavar e secar no ferro de passar para poder usar de novo, todo dia. Eu tinha uma inveja de quem tinha emprego na prefeitura de meio período, e depois eu consegui um emprego de meio período, mas não na prefeitura. E trabalho lá até hoje.

Tive a Rafaella com trinta e um anos, fui mãe solteira. Apreendi a dirigir com quarenta e dois anos para poder buscar a minha filha nas baladas, comprei um Voyage 84. Aí construí a minha casa aos poucos, primeiro um comodozinho e um banheiro, depois mais um... A gente que construiu, mas tinha uma lua linda tão grande no quintal. Botamos dois tijolos no quintal e ficávamos olhando a lua, tão iluminando o quintal. Foi uma cena representativa, junta o sofrimento do momento e tudo o que a gente viveu lá. Passa uma mulher e Sônia diz brincando: ô moça vagabunda de corpo bonito! Risos. Brincando com a mulher bonita. To feliz no momento porque perdi vinte quilos em dois meses, fiz redução de estômago.

Eu queria mudar, mas não sei ficar num lugar e estar, não sei o que fazer para mudar isso que eu sinto. Eu me vejo hoje assim, eu queria ser mais aberta. Outro dia um dos meus irmãos falou: - você cuidou da gente porque quis. Eu disse que não foi bem porque eu quis, mas meu pai tinha que trabalhar e falava para mim que eu tinha que lavar a roupa, que eu tinha que ir na reunião da escola do meu irmão. Que eu tinha que cuidar. Você viu que eu falei que não tinha coisa para falar, mas daí enchi a folha. Não sabia o que ia falar, não achei que ia falar da minha vida, achei que ia falar de mim.

E minha mãe tá viva.

Silêncio entre nós e Sônia chora mais um tanto. Algumas lágrimas que parecem aliviar sua expressão.

Minha mãe apagou os sete filhos. Constituiu outra família, ela deixou a Simone com cinco meses, minha irmã mais nova e eu com doze, a mais velha dos irmãos. Quando meu pai morreu eu senti muito, me fez muita falta. Ele contava que judiou de mim, mas o que ele ia fazer? Ele não tinha ninguém, só eu para ajudar. Ele me dava uma bengala (pão cumprido) de manhã e me dizia que era para eu e meus irmãos comerem com chá. À noite, ele voltava umas oito horas e trazia algumas bengalas, dois leites e uma melancia (que era mais cumprida do que redonda). E me acordava para eu acordar meus irmãos, um por um, eu dizia: acorda para gente comer.

A gente se revezava para ir à escola, num período íamos eu e mais uns e no outro os outros irmãos. No meio do caminho nos encontrávamos e quebrávamos o lápis no meio para dar aos que estavam indo para escola enquanto nós estávamos voltando. Quebrávamos o lápis para dividir entre nós. A gente também trocava os chinelos, os mais velhos estavam com arame enfiado na sola. Também no meio do caminho, os chinelos bons eram dados aos que iam para escola e os velhos para quem voltava da escola.

Ah, to contente de ter parado aqui para falar com você, sabia?

Nos abraçamos sinceramente e longamente e ela me diz que estava agradecida e que era um presente.

Apesar dos exemplos citados, optamos por não descrever as ações com estes dois grupos, mas estas reforçaram a experiência da conversa como ponte que verifica o lugar fronteiro da palavra, como possibilidade de experienciar um instante de intimidade, como um exercício da palavra de expor, como um espaço onde não sabemos o vai acontecer, mas um espaço onde o encontro entre o “eu” e o “outro pode acontecer.

Há necessidade do outro. Sobre este *outro*, muitos filósofos, escritores, psicólogos, pensadores, *o* escreveram. O outro, quem és tu, cara pálida? Este outro que me poderia *puxar-resgatar-sugar-trazer* à tona, pelo próprio conflito de se viver junto em si, este outro me traria a ocupação de me fazer lembrar o que sou. Seria assim? Este outro, ora objeto, ora sujeito, ora o conheço, ora desconheço. Trata-se de uma oposição ou de uma união? Se considerarmos a oposição, e que seria mesmo necessário superar a oposição eu/outro, talvez pudéssemos começar esta conversa nos perguntando por aquilo que de fato compartilhamos e também por aquilo que nos separa desde a consciência da existência. O pensador Maurice Merleau-Ponty (1908-1961) assinala que, antes de construir o outro, eu o vivo e ele vive em mim, de um modo aquém da relação sujeito-objeto. Antes de ser o polo de uma relação objetiva, o mundo é a minha experiência de mundo. E o outro não o habita de modo objetivo desde o princípio: a minha experiência do mundo é a minha experiência do outro.

CERTO ?

Não pretendemos aqui resolver, nem continuar tentando responder a esta questão: o outro. Mas, de fato, queríamos *visitar-verificar* a possibilidade que encontramos para estar diante deste outro. Como? Conversando. Essa foi a forma encontrada para estar diante deste outro: a conversa. E a conversa é o gesto, o terreno, a esfera, a dimensão convivial, a forma relacional, o instante liminar, a experiência, a fronteira que gostaríamos de *adentrar-atravessar-espelhar-narrar* para dar voz à nossa pesquisa. Para conhecer este outro enquanto também nos conhecemos. A conversa é o objeto território clandestino que encontramos como lugar de verificação do seu próprio sentido na relação *eu-outro-outro-eu-nós*. E seria também o nosso lugar para a experiência.

O que aprendi com a conversa

Quando Jung diz que “somente aquilo que realmente somos pode nos curar”, penso que assim se apresenta este exercício de conversar pelas ruas, como um exercício para se lembrar de algo que é só nosso, de cada um de nós. E intuo que se trata de uma lembrança que nos convoca. Ao perceber-nos como pessoas que bordejam as margens de uma ponta a outra num determinado local da cidade, reconhecemos nossa ação quase como uma ação “à paisana”. Estamos ali, sabemos de algo e vamos ao encontro deste algo “a acontecer”. Trata-se de um convocar para aprender a estar presente, aprender a olhar, e, fundamentalmente, a refrescar estas ações que já estão tão automatizadas em nós.

São várias sensações. Este “observar” a vida acontecer e procurar uma entrada nela nos ensina que a vida ali está, que entramos na vida, que a vida pode ser algo em comum. Que as histórias que os outros nos contam podem conter semelhanças com as nossas histórias. Que acabamos por falar de coisas parecidas, sobre as nossas faltas, sobre os nossos sonhos, sobre os nossos desejos, sobre os nossos medos, sobre aquilo que não aconteceu, aquilo que não veio, não deu, que escapou... Que algumas conversas que tivemos com alguém estranho puderam ampliar nosso modo de ser, puderam nos convocar um lugar de expressão mais próximo ao que sentimos.

Quando vamos para um terminal de ônibus e por lá nos dedicamos a estar por um tempo, e quando lá nos encontramos e encontramos também as pessoas que não conhecemos para conversar um pouco, lá, neste lugar, passa a existir uma magia. E cada vez mais me parece que essa magia é pura escuta e o que acontece a partir dessa sensibilidade como ato. Essa magia se coloca quando a paisagem desse espaço específico se altera pela nossa presença e escuta em comum, pois fica registrada em nosso sentimento alguma sensação de “lugar especial”. Aquele lugar antes tão despercebido, como um ponto de ônibus qualquer que somente nos permitia o deslocamento de um ponto ao outro em nosso cotidiano, passa a ser um local que nos resgata em lembrança. E isso não acontece somente no dia da ação, mas a cada vez que retornamos a este local ou que pensamos nele. E neste local também agimos. Percebemos que aquela cadeira na qual um de nós se sentou com aquela senhora que contou da distância entre ela e seu filho, transformou-se num espaço afetivo, numa importância. Talvez num espaço preenchido de sentido, de memória trocada pela narrativa das próprias histórias. E a partir deste lugar de lembrança da própria experiência, nos ocupamos em buscar as palavras para conta-la. A experiência é também o chão da palavra.

CONVITE ÀS OUTRAS VOZES PARA CONVERSAR.
JORGE LARROSA, TU ESTÁS AÍ?
GIORGIO AGAMBEN, ESTÁS AÍ?

Corpo Experiência

Quando eu era criança ganhei um “mapa do corpo humano” bem grande. Nele, havia três desenhos: o esqueleto, o sistema nervoso, a composição muscular. Eu o abria e me deitava sobre cada um dos desenhos, a depender do humor do dia. Tratava-se de algum encontro com ossos, nervos ou carne. Essa sensação de criar corpo parecia-me algo da infância. Algo que eu podia fazer só para experimentar, sem a obrigação de aprender as informações que o desenho continha. Era um espaço para me sentir. Eu não buscava entendê-los, mas os queria em mim. Então, deitava nos desenhos e me desenhava com eles. Um acontecer em mim. Nessa fase da vida, eu tinha a sensação de ler por mim mesma. Aprender por mim mesma. Desenhar por mim mesma. Escrever por mim mesma. E pensar por mim mesma.

2. Palavra Experiência

Abriremos este canto com a *perguntação* sobre aquilo que move nossas ações e esta escrita: o que podemos falar sobre a experiência? Pensemos que a experiência é o que dá sentido à escritura aqui presente. Escrever é prestar atenção naquilo que parecemos saber, naquilo que pretendemos encontrar e num outro canto onde ainda existe algo que não se sabe, mas que virá-a-ser a escritura. Trata-se de uma travessia no escuro com alguns lampejos de luz que dão a ver partes de um corpo que se constrói. Trata-se de um ir e vir diante de palavras que escrevem a pessoa em experiência, de um ir e vir entre a concretude da vida ordinária: o tempo dos afazeres, das necessidades, das tarefas; e o tempo do silêncio interno, de uma espécie de solidão, prazerosa e doída (na mesma proporção) enquanto se lê, se escreve e se pensa nisso tudo. Há uma conversação interna que continua em palavras que passeiam pelo espírito e que rodeiam o coração. Experiência é uma palavra “rodada”, “cansada”, “perdida” e ainda assim nos toma por curiosidade.

Experiência, minha filha, você está viva? Morreu? Perdeu-se?

Muitos pensadores de diferentes épocas se ocuparam em conversar com essa questão: a experiência. Começamos então a traçar um caminho musical, como uma partitura que pode nos ajudar a ouvir a voz (ou as vozes) da palavra experiência. Traremos, principalmente, o percurso afinado pelo filósofo Giorgio Agamben para conversar com a voz do filósofo professor Jorge Larrosa, pois Agamben percorre um traço que nos parece interessante para dançar o caminho que pretendemos realizar com a palavra experiência. Pensemos mais em música do que em conhecimento. O que conhecemos pode nos manter fixos num tipo de sensação “encontrei!”, e este lugar é um tanto seguro demais para se soltar a voz e cantar e ouvir sem a preocupação da afinação e com a vontade de escutar como este canto ressoa. A voz da palavra que canta ecoa quando encontrada em ressonância com aquilo que se sente a dizer.

“Eu queria ir atrás dos clamores antigos que estariam guardados dentro das palavras. [...] Eu queria então escovar as palavras para escutar o primeiro esgar de cada uma”. (BARROS, Manuel. *Memórias inventadas: a Infância*. 2003: p.1)

O filósofo Giorgio Agamben (2008) inicia seu ensaio *Infância e História: Destruição da Experiência e Origem da História* assim:

“Todo discurso sobre a experiência deve partir atualmente da constatação de que ela não é mais algo que ainda nos seja dado fazer. Pois assim como foi privado da sua biografia, o homem contemporâneo foi expropriado de sua experiência: aliás, a incapacidade de fazer e transmitir experiências talvez

seja um dos poucos dados certos de que disponha sobre si mesmo”.
(AGAMBEN, 2008: p. 21)

Credita ao autor Walter Benjamin, a discussão sobre a “pobreza da experiência” na modernidade, já em 1933, relacionada às catástrofes das guerras, as corpóreas da fome, e as morais no despotismo. Ainda segundo Benjamin, a gente voltava dos campos de batalha emudecida mais pobre de experiências partilháveis, pois “uma geração que tinha ido à escola em bonde puxado a cavalo encontrava-se em pé, sob o céu, numa paisagem em que nada permanecia inalterado, salvo as nuvens; e no centro, em um campo frágil, o minúsculo corpo humano.” Um corpo humano incapaz de traduzir em experiência sua “nova” condição. Condição essa também presente no dia-a-dia pacífico de uma cidade grande, onde nenhum dos inúmeros eventos (presentes até em maior quantidade que no passado) é traduzível em experiência, pois não são apenas catástrofes as responsáveis pela destruição da experiência. Aliás, segundo Agamben, é justamente o cotidiano que constitui a matéria-prima da experiência que cada geração transmite (ou melhor, ressoa, pois nos parece mais perto da música que queremos descobrir em canto, seguindo o eco do professor Jorge Larrosa), e não o extraordinário, o catastrófico. E se já não temos palavras que contem nossas experiências, seguimos em movimento manipulado segundo uma ordem maior que muitas vezes não se sabe direito quem a determina.

2.a) Uma certa autoridade...

Seria impensável aceitar hoje uma autoridade calcada na experiência e não no conhecimento. A legitimação pela experiência nos parece distante: só damos legitimidade para aquele que nos prova ter conhecimento. E a experiência tem em si a particularidade de transparecer que é algo único, singular, e que não se aprende com a experiência do outro, só

com a tua própria. Desaparecem assim a máxima e o provérbio como formas legítimas da experiência para dar lugar ao *slogan*, que Agamben chama do “provérbio de uma sociedade que perdeu a experiência”. Uma sociedade que deseja, usando o *slogan* como exemplo, impor uma experiência manipulada e guiada. Nesses casos, Agamben coloca a recusa dessa experiência como constituinte de uma defesa legítima.

Para Jorge Larrosa, já não existem experiências porque vivemos nossas vidas como se não fossem nossas. O filósofo também conversa em seu livro *Tremores, escritos sobre experiência* (2014), com os escritos de Agamben, relativos à experiência: a primeira ideia que Larrosa nos aponta é sobre a destruição da experiência e a nova experiência que nos é dada, uma experiência falsa. Justamente nos encontramos nesse ponto da conversa com Agamben logo acima. Para que nossa música possa continuar, Larrosa segue refletindo com a segunda ideia, correlata à primeira: é que não há linguagem para elaborar a experiência, já que nos faltam palavras (em breve tocamos nessa questão). A terceira ideia é que não podemos ser alguém, pois que tudo o que somos, foi fabricado fora de nós, sem nós.

Um exemplo bastante emblemático sobre a recusa da experiência em Agamben, é que as experiências do homem contemporâneo passam a ocorrer fora dele (a terceira ideia). E, ao que parece, o homem olha para isto aliviado. Ele se recusa a experimentar e o faz através de aparatos, como uma máquina fotográfica, por exemplo.

[...] não significa que hoje não existam mais experiências. Mas estas se efetuam fora do homem. E, curiosamente, o homem olha para elas com alívio. Uma visita a um museu ou a um lugar de peregrinação turística é, desse ponto de vista, particularmente instrutiva. Posta diante das maiores maravilhas da terra [...] a esmagadora maioria da humanidade recusa-se hoje

a experimentá-las: prefere que seja a máquina fotográfica a ter experiência delas. (AGAMBEN, 2008: p.23)

E se pensarmos ainda com a voz do professor Jorge Larrosa, ouviríamos algum clamor que poderia nos dizer algo assim: na ciência moderna o que ocorre com a experiência é que ela é objetivada, convertida em experimento [...] com isso, elimina o que a experiência tem de experiência e que é, precisamente, a impossibilidade de objetivação e a impossibilidade de universalização. A experiência é sempre de alguém, subjetiva, é sempre daqui e de agora, contextual finita, provisória, sensível, mortal, de carne e osso, como a própria vida (2014, p. 40).

Existem diferentes visões acerca da palavra experiência. Mas se focarmos na ideia de experiência como a que estamos considerando por aqui, poderíamos dizer que, com a leitura de alguns filósofos aqui são citados, essa “experiência de carne e osso” nos parece uma ideia “antiga” ou, no mínimo, se considerarmos o *hoje*, essa experiência seria algo elaborado somente por aqueles que buscam um tremor de vida (mesmo que por um instante) na contramão do mundo que nos destrói em relações de desafetos. Porque vivemos nossas vidas como se não fossem nossas, porque não elaboramos aquilo que nos acontece, já que não estamos ali para viver a vida. E, para que vivêssemos as nossas vidas, para que perguntássemos, talvez: “essa vida é minha?” Teríamos que, talvez, refletir em como nos tornamos compradores de sentidos, em como existem ofertas de vendas de sentidos para qualquer espécie de “necessidade”, em como escutamos e falamos palavras de vendas de sentidos. E isto é certo: “a experiência daquilo que nos acontece é que não sabemos o que nos acontece, porque a experiência de nossa língua é que não temos língua,

que estamos mudos, porque a experiência de quem somos é não sermos ninguém” (LARROSA, 2014, p. 54).

Como *ninguém*, talvez, nos assumindo assim, poderíamos talvez, “interromper” algo na vida que corre e, poderíamos talvez, encontrar outra lente fotográfica, muito mais próxima de um olhar poético que clama por outras paisagens e que nos permite a assunção de quem se é: este sujeito abortado de si, para início de conversa. Então, talvez, em desespero de viver com(o) palavras, precisaríamos do silêncio. Sugiro este exercício fotográfico para quem sabe, talvez, agitar alguma lembrança primal:

O Fotógrafo

Difícil fotografar o silêncio. Entretanto tentei. Eu conto:

Madrugada a minha aldeia estava morta.

Não se ouvia um barulho, ninguém passava entre as casas.

Eu estava saindo de uma festa. Eram quase quatro da manhã.

la o Silêncio pela rua carregando um bêbado.

Preparei minha máquina.

O silêncio era um carregador?

Fotografei esse carregador.

Tive outras visões naquela madrugada. Preparei minha máquina de novo.

Tinha um perfume de jasmim num beiral de um sobrado.

Fotografei o perfume.

Vi uma lesma pregada mais na existência do que na pedra.

Fotografei a existência dela.

Vi ainda azul-perdão no olho de um mendigo.

Fotografei o perdão.

Vi um paisagem velha a desabar sobre uma casa.

Fotografei o sobre. Foi difícil fotografar o sobre.

Por fim cheguei a Nuvem de calça.

Representou pra mim que ela andava na aldeia de braços com Maiakovski – seu criador.

Fotografei a Nuvem de calça e o poeta.

Ninguém outro poeta no mundo faria uma roupa mais justa para cobrir sua noiva.

A foto saiu legal.

(BARROS, Manoel. *Ensaaios Fotográficos (2000)*. In: *Poesia Completa*. 2010: p. 379-380)

Agamben, ao contrário do que parece num primeiro momento, se mostra otimista, pois entrevê a possibilidade de que, na recusa da experiência, possamos adivinhar o “germe de uma experiência futura”, como se ainda estivesse em hibernação. Ele coloca que “a tarefa que este escrito se propõe – retomando a herança do programa benjaminiano “da filosofia que vem” – é a de preparar o lugar lógico em que este germe possa atingir maturação” (2008: p.23).

Agamben descreve o processo no qual a partir da ciência moderna fundou-se a união entre experiência e ciência num único sujeito, noção que herdamos até hoje. A ideia de uma experiência separada do conhecimento tornou-se para nós tão estranha a ponto de esquecermos que, até o nascimento da ciência moderna, experiência e ciência possuíam cada uma seu lugar próprio. A ciência moderna desconfia da experiência, convenhamos. A experiência não pode ser o meio do saber, ela torna-se o método para adquirir o conhecimento. A experiência, conforme sua trajetória histórica lança vozes com ritmos bastante distintos. Nesta conversa sobre experiência, Agamben busca, com inúmeros autores, traçar um panorama teórico do que ele chama de “perda da experiência”, passando por Platão, Aristóteles, Descartes, Kant, Montaigne, Hegel, Heidegger, Bacon, Bleuer, Dilthey, Bergson, Husserl, Scheler, Benveniste, Baudelaire, Freud, Humboldt, entre outros muitos, e não necessariamente nesta ordem exata. Trata-se de uma grande orquestra, sim? Escutemos...

2.b) A língua linguagem falada

Passemos agora ao trecho musical onde Larrosa apontou como segunda ideia destacada da leitura de Agamben, a que não há linguagem para elaborar a experiência, que nos faltam palavras, que as palavras que temos não contam, são insignificantes... Pelo que parece, neste lugar de “falta”, Agamben se “apazigua” em caracterizar a experiência como infância. Abraça a definição de sujeito como sendo construído e definido pela linguagem (usando, principalmente, conceitos de Hamann, Benvenista e Humboldt), e coloca a linguagem como campo de transformação da experiência em verdade. Este hiato entre a infância (a experiência original/a língua) e a linguagem (o sujeito/o discurso) coloca o ser humano como ser histórico, pois existe uma descontinuidade que, em si, produz história.

“O humano propriamente nada mais é que esta passagem da pura língua ao discurso; porém este trânsito, este instante, é a história.” (AGAMBEN, 2008: p.68)

“Talvez o fato de que, neste trecho, o sujeito transcendental seja apreendido imediatamente como uma expressão, ou seja, como algo de linguístico, não seja casual e permita pormos em questão tanto a fundação cartesiana da certeza do *ego cogito* em um *pronuntiatum*, quanto a identificação, por Dilthey, do *Erlebnis* com sua expressão. Uma teoria da experiência que desejasse verdadeiramente colocar de modo radical o problema do próprio dado originário deveria obrigatoriamente partir da experiência <por assim dizer ainda muda> (situada aquém daquela <expressão primeira>), ou seja, deveria necessariamente indagar: existe uma experiência muda, existe uma *in-fância* da experiência? E se existe, qual a sua relação com a linguagem?” (AGAMBEN, 2008: p. 48)

Antes de continuarmos, sugiro, por necessidade intrínseca, que cantemos assim:

O apanhador de desperdícios

Uso a palavra para compor meus silêncios.

Não gosto das palavras

fatigadas de informar.

Dou mais respeito

às que vivem de barriga no chão

tipo água pedra sapo.

Entendo bem o sotaque das águas

Dou respeito às coisas desimportantes

e aos seres desimportantes.

Prezo insetos mais que aviões.

Prezo a velocidade

das tartarugas mais que a dos mísseis.

Tenho em mim um atraso de nascença.

Eu fui aparelhado

para gostar de passarinhos.

Tenho abundância de ser feliz por isso.

Meu quintal é maior do que o mundo.

Sou um apanhador de desperdícios:

Amo os restos

como as boas moscas.

Queria que a minha voz tivesse um formato

de canto.

Porque eu não sou da informática:

eu sou da invencionática.

Só uso a palavra para compor meus silêncios.

- *Manoel de Barros*

2.c) Para que uso as palavras?

A partir da crítica de Hamann a Kant e aos estudos de Benveniste, Agamben chega a problemática da linguagem enquanto constituinte do sujeito. “A linguagem é organizada de modo a permitir a cada locutor apropriar-se da inteira língua designando-se como *eu*” (AGAMBEN, 2008: p.56). Assim, cada sujeito tem uma “realidade de discurso”. Retomando o sujeito transcendental, este seria o “locutor” e o pensamento moderno surge através da noção de “sujeito da linguagem como fundamento da experiência e conhecimento” (AGAMBEN, 2008: p.57).

Se o sujeito é simplesmente o locutor, seria impossível apreendermos dele o estatuto original da experiência, pois a constituição deste sujeito pela linguagem expropria esta experiência original “muda”, pois é sempre já uma “palavra”. Se a experiência originária estaria antes do sujeito, antes da linguagem, ela seria uma experiência muda, uma in-fância, da qual a linguagem assinalaria o limite. Assim, a teoria da experiência seria a teoria da in-fância. “O problema da experiência como pátria original do homem torna-se então o da origem da linguagem” (AGAMBEN, 2008: p.60).

Esta in-fância não poderia ser buscada independente da linguagem, mas, ao mesmo tempo, é impossível substancializar a ideia de in-fância, de silêncio. No entanto, Agamben coloca que a infância não pode simplesmente preceder cronologicamente a linguagem e, quando vertida em palavra, desaparecer para sempre.

In-fância e linguagem coexistem. A existência da infância exclui a linguagem como verdade total. Esta mesma infância (e Agamben aqui se apoia em Benveniste) instaura na linguagem a cisão entre língua e discurso, entre língua e fala, entre semiótico e semântico, entre sistemas de signos e discurso. Pois, na medida em que o homem tem uma infância, e

não é sempre falante, ele “cinde esta língua una e apresenta-se como aquele que, para falar, deve constituir-se como sujeito da linguagem, deve dizer eu” (AGAMBEN, 2008: p. 64).

Para Larrosa, “o homem é um vivente com palavra. E isto não significa que o homem tenha a palavra ou a linguagem como uma coisa [...] mas que o homem é palavra [...] que o homem se dá na palavra e como palavra. E as palavras com que nomeamos o que somos, o que fazemos, o que pensamos, o que percebemos ou o que sentimos são mais do que simplesmente palavras. E, por isso, as lutas pelas palavras, pela imposição e pelo silenciamento de certas palavras são lutas em que se joga algo mais do que simplesmente palavras, algo mais que somente palavras” (LARROSA, 2014: p. 17-18).

Se a língua é a natureza do homem, então esta natureza deve ser cindida de modo original, uma vez que a infância nela introduz a descontinuidade e a diferença entre língua e discurso. Justamente por causa da cisão entre língua e discurso – causada pela infância e, portanto, pela experiência –, existe uma descontinuidade que faz com que o ser humano não seja imediatamente unido à natureza (senão ele não se constituiria como sujeito da linguagem, e seria infância original pura). Esta descontinuidade permite que algo como a história possa se produzir, pois aquele que se confunde com a própria natureza, não pode pôr-se como objeto.

“Somente por um instante, como golfinhos, a linguagem humana põe a cabeça para fora do mar semiótico da natureza. Mas o humano propriamente nada mais é que esta passagem da pura língua ao discurso; porém este trânsito, este instante, é a história”. (AGAMBEN, 2008: p.68)

2.d) Muda palavra

Com a entrada desse pensamento da linguagem, a busca de Husserl pela experiência pura se torna “muda”, uma vez que o sujeito sendo apenas locutor não terá jamais apreendido essa experiência original:

“Ao contrário, a constituição do sujeito na linguagem e através da linguagem é precisamente a expropriação desta experiência “muda”, é, portanto, já sempre “palavra”. Uma experiência originária, portanto, longe de ser algo subjetivo, não poderia ser nada além daquilo que, no homem, está antes do sujeito, vale dizer, antes da linguagem: uma experiência “muda” no sentido literal do termo, uma infância do homem, da qual a linguagem deveria, precisamente, assinalar o limite”. (AGAMBEN, 2008: p.58)

Chegamos à proposta de Agamben de pensar a teoria da experiência como teoria da in-fância. “Como infância do homem, a experiência é a diferença entre humano e linguístico. Que o homem não seja sempre já falante, que ele tenha sido e seja ainda in-fante, isto é a experiência” (AGAMBEN, 2008: p.62). Portanto, pensa-se na infância agindo sobre a linguagem e esta como “o lugar em que a experiência deve tornar-se verdade”.

Poemas rupestres

1 – Canção do ver

Por viver muitos anos dentro do mato moda ave

O menino pegou um olhar de pássaro –

Contraíu visão fontana.

Por forma que ele enxergava as coisas por igual

como os pássaros enxergam.

As coisas todas inominadas.

Água não era ainda a palavra água.

Pedra não era ainda a palavra pedra. E tal.

As palavras eram livres de gramáticas e
podiam ficar em qualquer posição.

Por forma que o menino podia inaugurar.

Podia dar às pedras costumes de flor.

Podia dar ao canto formato de sol.

E, se quisesse caber em uma abelha, era

Só abrir a palavra abelha e entrar dentro dela.

Como se fosse infância da língua.

(BARROS, Manoel. *Poemas rupestres* (2004). In: *Poesia Completa*. 2010: p. 425)

A experiência seria uma ponte que une o infante (uma forma de falar sem regra, mas com imaginação e não interpretação) ao homem que se diz “eu” (pois que já se apropria de sua fala, lida com o conflito da alteridade de si para com si mesmo e de si para com o mundo). Algo como um padecer que parte da linguagem (homem que diz e que se usa da gramática para dizer, porém o homem que não experiencia) em tombo até o infante (homem que diz – mas diz com palavras que não interpretam, mas que expõem, que abrem, que sugerem imagem, palavra imagem – como Barros de Manoel). Devemos sempre passar pela nossa infância para construir linguagem e devemos sempre passar pelo mudo para fazermos palavras.

Larrosa, quando fala sobre a linguagem, apresenta-a como algo que é quase tudo o que somos, que determina a forma e a substância não só do mundo, mas também a de nós mesmos, de nosso pensamento e de nossa experiência; que não pensamos a partir de nossa genialidade e sim a partir de nossas palavras, que vivemos segundo a língua que nos faz, da qual estamos feitos. E aí o problema não é só aquilo que dizemos e o que é que podemos dizer, mas também, e sobretudo, *como* dizemos: o modo como diferentes maneiras de dizer

nos colocam em diferentes relações com o mundo, com nós mesmos e com os outros (2014: p. 58).

Pretendemos, a partir de uma afinação de ouvidos, nos aproximarmos dessa relação entre linguagem e infância para verificar a experiência. Se linguagem é quase tudo o que somos, porque somos seres da palavra, e se estamos mudos, pois que nossas palavras usuais não nos contam mais (já que não estamos presentes nelas); e se a infância é aquilo que está antes da linguagem, e é aquilo que deveria se ouvir/lembrar para encontrar novamente, ou pela primeira vez, um novo (antigo) dizer, como encontrar um lugar que una estes polos? Como encarnar essa cisão? Ou melhor, como, de alguma forma, regressar a um passado infante, que não é necessariamente a minha infância enquanto criança só, mas que é uma infância que me atravessa, que passa por mim e que vai além de outros antes de mim e outros antes de antes de mim, algo como poesia, como potência, como lembrança... – para dar canto à experiência que já está na linguagem do homem que é palavra? Pode haver uma ressonância quando a experiência se dá e por isto nos atravessa e atravessa o tempo. Este tombo, este padecer que nos conta Heidegger sobre a experiência, aciona a musicalidade que é dos homens, que pertence a todos, porque se trata de uma potência que está na capacidade de cada homem em mergulhar na floresta dos signos e de traduzir à sua maneira aquilo que lhes acontece.

Trazemos aqui (mais uma vez) a imagem da ponte - fronteira descrita por Heidegger que é nosso território estratégico para exercitarmos a aproximação-fruição entre estes polos: a infância enquanto língua que fala na experiência (canto) e linguagem enquanto fala do homem. Ou como sugere Agamben, entre humano e linguístico.

“A ponte pende ‘com leveza e força’ sobre o rio. A ponte não apenas liga margens previamente existentes. É somente na travessia da ponte que as margens surgem como margens. A ponte as deixa repousar de maneira própria uma frente à outra. Pela ponte, um lado se separa do outro. As margens também não se estendem ao longo do rio como traçados indiferentes da terra firme. Com as margens, a ponte traz para o rio as dimensões do terreno retraída em cada margem. A ponte coloca numa vizinhança recíproca a margem e o terreno. A ponte reúne integrando a terra como paisagem em torno do rio”. (HEIDEGGER, Martin. *Ensaio e Conferências*. 2012: p. 131-132)

Se pensarmos na língua que falamos entre homens, poderíamos desejá-la como uma língua que nos permitisse ver o mundo, ver as margens, os vizinhos, o rio, a ponte... Mais do que uma linguagem, que pode estar atrelada a ideias dominantes, como a política, a técnica, a crítica, o conhecimento, à educação, etc... Pensemos, pois, na língua que podemos encontrar para conversarmos. Uma língua que, talvez, seja encontrada quando se procura, a cada vez que se fala ou escreve ou escuta ou silencia e que, em qualquer situação, sabe-se que nunca será um “eu” que a encontrará, já que precisa da fricção, do atrito, do espaço fronteiro entre eu e o outro. Não estamos nos referindo aos idiomas, mas sim à língua que vem do silêncio, que vem de alguma insegurança e fragilidade, que vem da exposição, que vem do tombo da experiência. Estamos falando de uma língua para a conversa, e não para a afirmação do que sabemos, temos, ganhamos, conquistamos... Talvez, estejamos verificando se ainda somos capazes de falar, de colocar em comum o que pensamos, de elaborar o sentido (ou a falta de sentido) do que nos acontece, de dizer o que ainda não sabemos dizer, e que nos provoque o sentimento de que temos (eu e o outro) a mesma condição numa relação horizontal. E muitas vezes, mesmo que a experiência nos deixe sem palavras, ela nos revela paixão, sentimento e potência quando nos posiciona nessa mesma condição.

Por aqui encontramos algo como uma “disposição” para se procurar esta língua, essa voz, esse canto, essa escuta. Chamaremos esta disposição de paixão. Uma voz apaixonada que revele a si mesma a marca da subjetividade na experiência da linguagem, e é o sujeito que fala e que escuta.

2.e) Tenhamos voz na língua

Dizem os estudiosos da voz que quando escutamos nossa própria voz temos a sensação de não reconhecê-la como a nossa voz. Paul Zumthor (1915-95) linguista suíço, importante medievalista, poeta, romancista e crítico literário nos apresenta, dentro de seu universo conceitual, questões que ainda hoje se inscrevem nas discussões da cena contemporânea. Em seus estudos sobre as poéticas da voz, Zumthor discorre sobre os efeitos da presença, do corpo e do ambiente, e coloca a voz e a vocalidade como elementos nucleares de sua investigação. Partindo da perspectiva que “a voz humana constitui em toda cultura um fenômeno central” pretende-se colocar como um “observador privilegiado no centro desse fenômeno para contemplar o que está na base dessas culturas nas fontes da energia que as anima, irradiando os aspectos de sua realidade” (ZUMTHOR, 2007: p. 10).

Zumthor reconhece como essencial o efeito exercido pela oralidade sobre o próprio sentido e registros, operando um desvio da *Língua*. Intencionalmente, o autor coloca seu foco de estudo no suporte vocal, considerando-o “como realizador da linguagem e como fato físico-psíquico próprio, ultrapassando a função linguística”. Para este autor, a leitura silenciosa em um dado momento histórico buscou a conexão direta do texto-ideias com a recepção-pensamento, acreditando ser possível não passar pelo corpo como fazia a leitura

mediada pela voz. Nessa tentativa de retirar a voz e o corpo, operou-se uma *desencarnação*. E ele insiste que aquilo que se perde em algum lugar resistirá, permanecerá. A voz viva tem uma necessidade real de “tomar a palavra”, de uma revanche - tal qual o corpo - pela sua força expressiva e presencial. Estamos verificando em nossas experiências de conversas nas ruas algo que nos parece complicado: sentir que se pode estar presente no que se diz. Escutar a voz do outro e a sua própria.

Voltemos então à palavra paixão. Para tal sentimento de presença e de endereçamento nesta situação de conversa, seria necessário algum apaixonamento pela realidade que nos cerca. E quem conhece e se apaixona é o sujeito. É ele quem vê a realidade, aquilo que está diante de seus olhos e que luta por expressão. Traremos aqui a ideia de sujeito da experiência, como o sujeito exposto. “O sujeito da experiência seria algo como um território de passagem, algo como uma superfície sensível que aquilo que acontece afeta de algum modo, produz alguns afetos, inscreve algumas marcas, deixa alguns vestígios, alguns efeitos. [...] o sujeito da experiência se define não por sua atividade, mas por sua passividade, por sua receptividade, por sua disponibilidade, por sua abertura. Trata-se, porém, de uma passividade anterior à oposição entre ativo e passivo, de uma passividade feita pela paixão, de padecimento, de paciência, de atenção, como uma receptividade primeira, como uma disponibilidade fundamental, como uma abertura essencial” (LARROSA, 2014: p. 20-21). E se a experiência é o que nos acontece, e se o sujeito da experiência é um território de passagem, então a experiência é uma paixão (LARROSA, 2014: p. 28).

A palavra experiência, conforme viemos cantando até aqui, precisa ser resgatada ao ouvido, à boca, ao corpo, ao *encarnar-me*. A palavra experiência vem do latim *experiri*, provar (experimentar). O radical *periri* se encontra também em *periculum*, perigo. *Per* se relaciona com a ideia de travessia. E novamente nos colocamos diante da fronteira, diante

da ponte, da floresta de signos, do desconhecido. E de algum desejo de ir. Neste ir, dedicamos nossa forma de andar, de atravessar, de entrar em contato com o outro, a partir de uma dimensão artística. A paixão funda, sobretudo uma liberdade dependente, determinada, vinculada, obrigada, inclusa, fundada não nela mesma, mas numa aceitação primeira de algo que está fora de mim, de algo que não sou eu e que por isso, justamente, é capaz de me apaixonar. A arte nos parece oferecer enquanto dimensão relacional, o território fértil de experimentações sociais, para gerar situações de apaixonamento diante de experiências que são possibilidades de vida.

Neste trecho sonoro que nos encontramos como sujeitos apaixonados (ou que querem se apaixonar), diante de um outro que nos é desconhecido nas experiências de conversas nas ruas, que em seguida e tão logo ao encontro com este outro escrevemos para contar a conversa – na descoberta desta *línguacanto* que é digna de cada um, na lembrança de um *canto* infante que nos lembra de quem somos para dar a voz, para dar a escuta e para ouvir a palavra, – a palavra experiência reivindica sua própria dignidade. Nos encontramos ali na rua, com nossos vizinhos para conversar um pouco. Para nos conhecermos um tanto, para nos colocarmos em espaço como iguais, para compreendermos qual é a importância dessa experiência. Qual é a importância de narrar-se para alguém? Qual é a importância deste exercício de sociabilidade? Qual é a possibilidade da experiência da conversa ser considerada como *obraencontro*? E que, diante da perspectiva da estética relacional e da liminaridade, pretendemos verificar: tem sentido, neste tempo do agora (no curso ordinário das coisas, onde a comunicação encerra os contatos humanos) conversar?

Colocamo-nos como “Estrategistas de Encontros” para atuar de forma clandestina, efetuando ligações modestas, pondo em contato níveis de realidades, criando relações de convívio, escrevendo nossas histórias, uma vez que o vínculo social se tornou (também) um

produto padronizado. É como se a resposta para “resolver” o problema da falta da experiência estivesse justamente onde a experiência não é mais possível: na linguagem. Mas como expressar experiência já que sua efetivação em linguagem tiraria o seu caráter de acontecimento?

2.f) Reinventar a língua é reinventar o mundo

Larrosa aborda justamente a palavra muda como pré-linguagem (como potência, como experiência), num sentido muito próximo ao que Agamben coloca como “uma experiência ainda muda”. Sua sugestão é transformar a experiência em “canto”, numa maneira de expandir o tremor que esta experiência causa. Quando alguém é capaz de dar uma forma ao tremor, ele se expande e encontra outros tremores – isto seria um processo de comunicação. Devemos sempre passar pela nossa infância para construir linguagem, devemos sempre passar pelo mudo para fazermos palavras. E este seu canto, indica Larrosa, pode ressoar em outros cantos, de outras pessoas, o que se caracterizaria como uma ressonância, sendo que o que ressoa não é exatamente o conteúdo do canto, mas sim o tom, o acento, a vibração. Larrosa coloca que para que não vivamos uma língua “podre”, aquela que se desmancha na boca, pois não tem mais significado, não tem mais sentido – e que, parece se aproximar do *slogan*, que Agamben toma como o provérbio da sociedade que perdeu a experiência – devemos procurar uma língua renovadora, capaz de traduzir nossa experiência. Um dos caminhos seria retornar então à infância e se colocar como infante, como aquele que precisa atravessar sua própria fala, superá-la, não falar. Devemos entrar em contato com a palavra muda e, para falar novamente, teríamos que atravessar mais uma

vez a nossa infância. A partir do silêncio, escutar e lutar pela palavra. Ir até o limite da língua para nega-la e reconstruí-la. E tocar nos limites da língua, segundo Larrosa, é tocar os limites do mundo como o conhecemos, pois o ser humano é o que é, diferente dos outros seres, pois ele inventa mundos, e só o faz através da linguagem.

Aquilo que nos acontece e que, às vezes a linguagem não dá conta, não nega a necessidade de formalização de ideias, de pensamentos, e até de seu próprio canto (quando, por exemplo, lançamos mão de outros escritos de outros autores para conversarmos e encontrarmos a forma da escrita, como esta aqui, em dissertação). Mas há também um lugar de busca onde esta formalização pode ser feita através de categorias vazias (o que luta por expressão), ainda não nomeadas. Neste sentido, educação e arte podem compartilhar temas comuns, alguns ecos comuns. E ambas têm que se organizar ao redor de categorias vazias se não quiserem ficar “presas” pelo poder dominante. Tem algo que nos acontece na arte e na educação que não sabemos o que é e talvez por isso mesmo, seja arte, seja educação, seja vida. Seguir o eco é como procurar algo que não se sabe o que é.

A seguir, em canto estranho, disforme e buscador de ressonâncias, conversaremos com a teoria da estética relacional e o conceito da liminaridade abrindo alguma possibilidade de procurar por aquilo que está diante dos nossos olhos e que anseia por ser expresso, e que consideramos estar presente num lugar uno entre arte e educação.

CONVITE ÀS OUTRAS VOZES PARA CONVERSAR.
NICOLAS BOURRIAUD TU ESTÁS AÍ?
VICTOR TURNER, TU ESTÁS AÍ?

Formas-me

Quando criança, eu morava num condomínio de dois prédios. Eu conhecia todo mundo que morava por lá. Vivi neste prédio, no segundo andar, dos quatro anos até os quatorze anos. Por lá, eu desenvolvi um costume: ia de apartamento a apartamento para conversar com algumas pessoas, todas elas adultas. Tinha o Sr. Umbigo (era um homem grande com uma barriga muito grande e com um umbigo para fora), ele morava no oitavo andar. Em algumas tardes, eu ia até seu apto e ele me mostrava fotos da família, dele quando criança – me contava suas histórias e me fazia rir com elas. Eu me sentava num sofá de frente à janela, e enquanto o ouvia, olhava o céu alto, porque da minha janela não o via assim, tão alto, o céu. Céu alto é mais azul. Eu gostava tanto de ficar ali, de ouvi-lo, de comer bolachas que só tinham na casa dele. Até o interfone tocar. Era minha mãe que me buscava para que voltasse à minha casa, certamente para comer, ou fazer a lição, ou...

3. Estética Relacional e Liminalidade

Este canto que segue pretende abrir a esfera da teoria da Estética Relacional, criada pelo crítico Nicolas Bourriaud e que teve grande impacto nos anos 90 do século passado e no início do novo século, diante do lugar do espectador (este outro) agente que completa a obra ao participar da elaboração do seu sentido. Mais ainda, a estética relacional pensa a arte como um estado de encontro, de intimidade. Esta teoria preocupa-se em ser uma teoria da *forma* e não uma teoria da arte. Bourriaud chama de forma “uma unidade coerente, uma estrutura (entidade autônoma de dependências internas) que apresenta as características de um mundo: a obra de arte não detém o monopólio da forma; ela é apenas um subconjunto na totalidade das formas existentes” (2009: p.26).

³ BOURRIAUD, Nicolas. Estética Relacional. Martins Fontes. 2009.

Não sei por que as mães chamam os filhos quando não se tem nada para fazer em casa. Eu também ia à casa da Sônia, o segundo andar, ela me contava da vida em outra cidade, do nascimento de seus filhos e de sua beleza. A mulher do oitavo andar, nós tínhamos um trato, quando eu ia até seu apartamento, ela me fazia pipoca de panela. Adorava ficar com ela, que era solteira e tinha três irmãs, todas bonitas e morenas. Ela trazia para mim uma conversa mais próxima ao universo feminino, me contava de paixões, e comíamos pipoca... Minha mãe não gostava muito que eu ficasse lá. Talvez eu voltasse para casa mais reboiante. Quem sabe. Esta mulher, a quem não lembro o nome, dava-me a sensação de que eu ia crescer, de que eu ia me tornar mulher, de que eu ia me apaixonar. Às vezes, líamos juntas os escritos que ela mesma escrevia. E me dizia que só eu os conhecia. Eu voltava para casa e também escrevia para parecer um pouco com aquela mulher, que para mim era grande. Um dia, fui viajar com minha família, e na volta para casa senti um aperto, uma sensação estranha. Chorei e disse para minha mãe que alguma coisa “ia acontecer”.

Porém, Bourriaud explica que a forma da arte contemporânea está além de sua forma material: é antes de tudo um amálgama, um princípio aglutinante (algo que pode ressoar). Assim, uma forma só adquire existência real quando entram em jogo as interações humanas, quando encontra outros ecos. Uma das principais virtudes da arte moderna, lugar onde se insere a perspectiva da Estética Relacional, é negar-se a considerar o produto como obra acabada e a vida a ser vivida como territórios separados. É visível a tentativa de embaralhar arte e vida. Essa teoria se ocupa em analisar as formas de ação que se sobrepõem ao mundo capitalista como frestas de um pensamento, como busca por categorias vazias, como criações clandestinas, como micromundos que possibilitem uma arte compartilhada, uma vez que o vínculo social também se tornou um produto padronizado. Revelando essa dimensão artística como espaço artístico-educacional quando promove o conhecimento como exercício de alteridade, de criação de pontos de passagem entre a vida e a arte, de elaboração coletiva de sentidos, de exposição de existências próprias, de relações que a obra abre com o espectador.

Todos estranharam-me e se aquietaram. Quando chegamos ao prédio, havia um alvoroço, uma pequena multidão de gentes diante de “algo” caído na grama. Meu pai foi à frente e viu. Voltou-se para mim e disse que eu não podia ver. Era a mulher do oitavo andar, ela havia se jogado pela janela e lá estava no chão. Lembro-me de ver um pedaço de osso e pele branca de longe, parecia um cotovelo. Lembro-me de perguntar por uma carta, de perguntar para suas irmãs se ela havia escrito algo. As irmãs disseram que sim, que ela escrevera uma carta de despedida e que havia escrito algo bonito sobre mim, sobre nossas conversas, que estas a ajudavam. Nunca li esta carta, o que me faz pensar se ela existiu de fato. Ou se as irmãs disseram aquilo para que eu não ficasse triste. Eu não ia ficar. Fato é que não consegui mais comer pipoca sem lembrar-me da mulher, da mulher do oitavo andar. E eu, continuei escrevendo ideias.

Aqui, a ideia de conhecimento está bastante próxima à ideia de experiência, mas não como método e sim como condição de criação e exercício de produção de sentidos. Nesta direção, é possível destacar um aspecto importante de ações colaborativas transdisciplinares que contribuem para o entendimento de suas atuações na esfera da vida social: a linguagem artística implicada nas práticas que tomam a obra e o gesto estético como condição de evidenciar uma dada realidade social. Aqui percebemos um elo de possível aproximação entre os diferentes polos de nossa fronteira, a linguagem artística enquanto reveladora de uma dada realidade: de um lado a linguagem artística – esta que pode buscar na in-fância a sua matéria – e do outro a vida, a realidade onde a linguagem está inserida (e a obra como experiência una nesta fronteira). E a realidade é parcial: toda a realidade é aquilo que você consegue enxergar da realidade; por isso, há tantas visões da mesma coisa. Por esta razão, justamente, a arte se preocupa em dar a ver aquilo que está, ou aquilo que luta por ser expresso.

E aqui, o conceito da liminaridade também pode cantar voz diante da fronteira, visto como na experiência uma (a conversa como *obraencontro*) é permitido transitar entre nossas posições justamente porque na fronteira nos colocamos em relação horizontal, nos queremos iguais e por isso podemos trocar posições (eu-outro escuto, eu-outro falo, eu-outro silencio, eu-outro canto).

A experiência da conversa como estamos propondo (nas ruas, em espaços urbanos, entre desconhecidos, com escrita, com dispositivo literário, com dispositivo relacional) tem como substrato a intersubjetividade e como tema central o *estar junto* para elaboração coletiva de sentido. A ideia de trabalhar com a imagem da fronteira persegue uma afirmação de Heidegger: “a fronteira é o lugar onde algo começa a se fazer presente”. Este presente está nos parecendo ser a própria experiência, conforme cantamos por aqui. Este presente inaugura um espaço novo, uma possível zona liminar.

A perspectiva liminar foi criada pelo antropólogo Victor Turner (1988) quando este estudava os ritos *ndembu*, Turner observou a liminaridade em situações ambíguas, passageiras, de transição, de limite, de fronteira. Alguns autores, entre eles Turner, falam de rituais de passagem como um ritual de distanciamento do indivíduo da sua estrutura social e, depois, um retorno, com novo status. A liminaridade, ou fase liminar é a fase intermediária entre o distanciamento e a reaproximação em que as características do indivíduo que está “transitando” são ambíguas, fronteiriças. No estado liminar, dado o distanciamento simbólico da estrutura hierárquica da sociedade, aparece um segundo modelo que alterna com essa estrutura: um estado de comunidade ou comunhão, de indivíduos iguais, um estado que ele chama de *Communitas*.

Communitas seria o estado em que se encontra o indivíduo no interior da liminaridade do processo ritual. Na *communitas*, as regras sociais baseadas numa série de

oposições identificadas pela antropologia estrutural, como as estruturas de parentesco e familiaridade, perdem toda a razão de ser, e o indivíduo se encontra num *entre-lugar*, ou, segundo o termo empregado por Turner, *betwixt and between* quaisquer posições assinaláveis no jogo diferencial da estrutura. Enquanto na sociedade predomina a diferença individualizante, na *communitas* prevalecem os laços totalizantes e indiferenciados. A ideia de trazer Turner para nossa conversa tem a ver com uma aproximação que gostaríamos de assinalar, no sentido de perceber na experiência da conversa alguma esfera da liminaridade, enquanto instante que pontua uma troca de lugares entre eu e o outro sem valoração específica. E esse instante inaugura um novo status naqueles que ali se posicionam a conversar, pois que da posição de estranhos podem se tornar íntimos na experiência.

Lembrando a etimologia da palavra experiência que deriva do indo-europeu *per*, com o significado literal, justamente, de “tentar, aventurar-se, correr riscos”; percebemos que experiência e perigo vêm da mesma raiz. A derivação grega, *perao*, “passar por”, também chama a atenção de Turner pelo modo como evoca a ideia de ritos de passagem. A ideia de passagem não deixa de ser sugestiva, e pode ser da espécie que Benjamin descobriu na atividade do narrador: uma sugestão de como continuar uma história. Conversar a partir de escutar o que o outro me diz e aceitar as palavras que me são ditas e responder na linha. Na medida de continuar a história... Na medida de se tornar território de passagem para a história continuar.

Citando um artigo intitulado “Victor Turner e a Antropologia da experiência”² de John C. Dawsey, professor livre-docente do Departamento de Antropologia da USP; John escreve sobre o artigo, “Dewey, Dilthey, and Drama: An Essay in the Anthropology of Experience”, de

² **DAWSEY**, John. www.revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/download/ Cadernos de Campo n.13: 163-176, 2005

Turner (1986); onde Turner cita Dilthey com destaque na introdução de “From Ritual to Theatre: e Human Seriousness of Play”, na qual uma premissa se anuncia: a antropologia da performance é uma parte essencial da antropologia da experiência (Turner 1982b: 13). E que através do processo de performance, o contido ou suprimido revela-se – Dilthey usa o termo *Ausdruck*, de *ausdrucken*, “espremer”. Citando Dilthey, Turner descreve cinco momentos que constituem a estrutura processual de cada experiência vivida: 1) algo acontece ao nível da percepção (sendo que a dor ou o prazer podem ser sentidos de forma mais intensa do que comportamentos repetitivos ou de rotina); 2) imagens de experiências do passado são evocadas e delineadas – de forma aguda; 3) emoções associadas aos eventos do passado são revividas; 4) o passado articula-se ao presente numa “relação musical”, tornando possível a descoberta e construção de significado; e 5) a experiência se completa através de uma forma de “expressão”. Performance – termo que deriva do francês antigo *parfournir*, “completar” ou “realizar inteiramente” – refere-se, justamente, ao momento da expressão. A performance completa uma experiência (Turner 1982b: 13-14). E se nos atermos, por agora, nos verbos “realizar” ou “completar”, podemos sugerir que cada pessoa é um ser performático. E que sua forma de estar no mundo é performática, é sua própria expressão representativa.

“Hoje, a comunicação encerra os contatos humanos dentro de espaços de controle que decompõem o vínculo social em elementos distintos. A atividade artística, por sua vez, tenta efetuar ligações modestas, abrir algumas passagens obstruídas, por em contato níveis de realidade apartados. Se quiser escapar ao domínio do previsível, a relação humana, simbolizada ou substituída por mercadorias, precisa assumir formas extremas ou clandestinas, uma vez que o vínculo social se tornou um produto padronizado”. (BOURRIAUD, Nicolas. *Estética Relacional*. 2009: p.13)

3.a) A experiência da conversa é *obraencontro*?

A experiência liminar caracteriza-se pelo efeito de estranhamento que se produz em relação ao cotidiano. Experiências que irrompem em tempos e espaços liminares podem ser fundantes onde fenômenos suprimidos podem vir à superfície. Elementos residuais da história articulam-se ao presente. Abrem-se possibilidades de comunicação com estratos inferiores, mais fundos e amplos da vida social.

Chamando Bourriaud à conversação, pensamos que este autor sugere a ideia de obra de arte como interstício social, que se amplifica na compreensão da arte como prática social alternativa, como projeto político, como zona de proximidade. As poéticas sociais propõem tecidos conectivos além das classificações já estabelecidas e dos sentidos fixos, e validam a arte como lugar de encontro. As experiências e repertórios individuais estão a serviço da construção de significados coletivos, o que faz com que a participação do outro seja um fator fundante na ativação ou efetivação de tais propostas. É neste sentido que tivemos como objetivo fundamental a criação de um espaço onde se desenvolvessem experiências de conversas, experiências de vínculo entre as pessoas e o contexto da cidade (a cidade se transforma de um outro externo – um não-lugar; para um outro encarnado - um lugar), observando o ato performativo que é inerente a cada pessoa como expressão de seu próprio canto.

Resgatemos novamente a ideia de encarnar, na verdade, na ideia de uma voz que encarna a palavra, que resgata a palavra. Neste sentido, a oferta da escuta na conversa gera a abertura de vozes, nem sempre cantadas, mas abertura, possibilidade e sentido naquilo que se diz. Como já dito, estivemos verificando nossa relação com o outro (que é desconhecido), tentando ouvir o seu canto (e o nosso canto), e produzimos narrativas que nos contam sobre

o encontro, sobre a fricção dessas subjetividades. E esta ação de escuta de cantos em conversa, para nós poderia ser a obra em si, pois que pode resgatar a experiência no sentido da travessia, do padecimento, da paixão. Estamos sugerindo que o que estamos proporcionando a partir da situação conversa na rua tratar-se-á de uma situação de *experiência* com alguma qualidade estética, no sentido de permitir ao sujeito fazer e falar sobre aquilo que vive, com sentido e significado.

3.b) Esta obra me autoriza a conversa?

Em frente a uma obra, poderíamos nos perguntar: “Esta obra me autoriza a conversa?”. A coexistência, termo definido por Bourriaud como “toda obra de arte produz um modelo de socialidade, que transpõe o real ou poderia se traduzir no real” (p.149), permite ao espectador a possibilidade de completar uma obra, de existir junto à obra. Portanto, estamos escolhendo aqui a ideia de coexistência como “lugar de experiência” na conversa com o outro. Pensamos em nossas conversas como *obraencontro*, no sentido de permitir a coexistência entre as margens da língua no encontro com o outro, numa experiência singular, num espaço refúgio, num território de vibração, de canto, numa fronteira que é ponto de união de ressonâncias.

A experiência da conversa tem algo a ver com o exterior, com o visualizar a margem que está do outro lado da ponte da imagem de Heidegger. Tem a ver com a abertura, com alguma forma de liberdade entre desconhecidos, com o real que aponta um recorte da realidade, que fragmenta a realidade, que é o acesso à realidade. Verificamos, pois, nossas ações nas ruas como um desvelar de um primeiro encontro entre pessoas, desejando abrir

uma história juntos. Buscando com sensibilidade chegar à essência desse primeiro encontro; atingir algum elemento não material que o caracteriza e identificar sua função significativa, onde a realidade e a evasão da vida real são seus traços determinantes. O foco não era chegar à realidade em si, mas chegar a alguma possibilidade do real, no instante em que nos deparamos com esse outro para conversar, sem a proteção de um personagem, ou proposta cênica. Simplesmente, colocamo-nos disponíveis diante desse outro, alimentados de literatura, no seu-nosso instante de realidade urbana. E a partir desse panorama, pretendíamos identificar quais narrativas foram criadas a partir dessas conversas (quais experiências foram transformadas em palavras?).

3.c) A conversa: zona de experiência

Seria a comunicação, a conversa “não combinada”, uma forma de (re)unir presenças em torno de um mesmo sentido, aproximando as margens da fronteira? Faz sentido estar junto, estar com, para a produção coletiva de sentidos? O ato de narrar sobre si para alguém que não conhecemos parece gerar um espaço de descobertas na prontidão para se revelar quais os sentidos são possíveis nesse encontro. Queremos dizer que lidamos com o desconhecido, com a travessia, com o ato de se entregar a um trajeto que não se sabe para onde se leva, para um novo espaço em construção. E se a arte de vanguarda (e também a nossa atual também) estava preocupada em construir um mundo com o pensamento no futuro, hoje a arte pensa em modelar universos possíveis, pois que pensa em experiência, em relação, e experiência é algo que se dá no agora, é no presente. Tem alguém aí?

Bourriaud usa a expressão “estar-junto” para explicar que o regime do encontro se transformou em regra de civilização, e que acabou produzindo formas de arte que se transformam em um encontro entre observador e obra, uma “elaboração coletiva de sentido”. Bourriaud disse: “a arte sempre foi relacional em diferentes graus, ou seja, fator de socialidade e fundadora de diálogo” (2009: p.21). A arte contemporânea é sujeito e objeto de uma ética. Antes de inspirar-se na trama social, a arte se inclui nela. Por isto, para Bourriaud, a arte é um estado de encontro, a arte relacional sugere, antes de qualquer condição, a esfera de uma intimidade que se dá na geração desses encontros, revelando assim, uma vontade de inventar novos vínculos entre a atividade artística e o conjunto das atividades humanas. A arte como um “estado de encontro”, destaca a dimensão convivial e social, arte como espaço de produção de socialização específica, não necessariamente em coletividades de massa, mas também em *micro-mundos*, *micro-organismos*, *micro-encontros* com os seus-nossos vizinhos, que podem gerar experiências efêmeras na relação com o outro para a produção de sentidos. Lembramos que a experiência é singular, e que pensamos mais em termos de solidão do que de coletividade. (E penso desta forma, pois só posso falar da experiência que acontece em mim). É subjetiva, existencial, não tem a ver com entusiasmo de resoluções e sim com uma certa afirmação de vida, com o existir.

É neste sentido que podemos dizer que a essência da prática artística, para Bourriaud, é a intersubjetividade, que também é a essência da estética relacional. Criar formas é inventar encontros possíveis. Há ecos, aqui, de uma sofisticada teoria da recepção somada a noção de alteridade desenvolvida por Emmanuel Levinas (citado por Bourriaud). O sujeito se constitui na relação que estabelece com o outro, sem, contudo, ser um objeto para esse sujeito. É a partir do respeito ao outro que busco sentido. É por isso que é possível

o uso da seguinte expressão: *estar com*. Para Levinas, a alteridade é o ponto de partida de ética, o que nos une ao outro é a responsabilidade. É assim com toda relação intersubjetiva.

A experiência vivenciada no último encontro resultou em diversos assuntos a serem discutidos. Em uma das minhas abordagens notei que a moça se abriu demasiadamente comigo. Em poucos segundos conquistei a confiança(?) dela e isso gerou algumas preocupações em mim: até que ponto isso é bom? Será que o assunto que eu lanço durante a abordagem pode ser uma ofensa ao outro, ou até mesmo acionar sentimentos e memórias desagradáveis a esse indivíduo? Após pensarmos e discutirmos juntos essa questão percebi que a responsabilidade é mútua, ou seja, apesar de eu estimulá-la a conversar comigo, quem opta por falar ou não (simpliciter dizendo) é ela. Interessante também pensar em qual é o nosso objetivo nesse trabalho, e o que nossas abordagens procuram alcançar. Refletir sobre o que esses momentos geram em nós (individualmente) no outro e no grupo. O que se ganha e o que se perde. O que se toma e o que se deixa ali. Há também outro ponto que foi evidenciado em minha mente durante nosso percurso dentro do metrô: a relação que há entre nós, como grupo. A cada encontro sinto que nos afilamos um pouco mais. Passo a passo desenvolvemos essa percepção mais aguçada sobre aquele que está ali ao nosso lado. Exercitamos essa noção de corpo-grupo-espaco que, a meu ver, é de uma preciosidade intensa.

(Grupo 1, Escrita livre de Kelly Santos, estudante de História, 2013)

A obra de arte se apresenta como um “interstício social”, termo que Bourriaud empresta de Karl Marx. Com esse “interstício” pode-se admitir novas “possibilidades de vida”. Em sua retórica particular, o crítico conclama: “Parece mais urgente inventar relações possíveis com os vizinhos de hoje, do que cantar loas ao amanhã” (p.62). A possibilidade de uma atitude arte-educativa na esfera das relações humanas e seu contexto social atesta uma inversão radical dos objetivos estéticos, culturais, políticos. No sentido que essa atitude estreita os espaços das relações, ela provoca um exercício de sociabilidade e produz encontros que permitem outro tipo de consumo e troca.

Marx criou o termo *interstício* para designar comunidades de troca que escapavam ao quadro da economia capitalista, pois sugeriria outras possibilidades de troca além das vigentes nesse sistema. O interstício é um espaço de relações humanas, e é nessa natureza de relações que as ações que experimentamos buscaram criar espaços livres, com ritmos contrários aos impostos e com durações diferentes no tempo espaço para favorecer outro tipo de zona de troca: a troca entre as pessoas. A arte relacional se inspira nos processos que regem a vida em comum, e não há um suporte dominante: o meio escolhido é apenas o jeito mais apto para formalizar certas ações. O cotidiano, neste caso, é o terreno mais fértil para esses projetos.

O COTIDIANO?
OPA!

Segura o trompete!

Aqui teremos que dar uma volta e meia e mais outra diante dessa afirmação.



Não foi cantado lá em cima, no começo dessa partitura (na voz de Agamben) que o cotidiano, justamente o cotidiano, é que constitui a matéria prima da experiência que cada geração transmite? E que a pobreza da experiência estaria diretamente relacionada à condição presente no dia a dia pacífico de uma cidade grande, onde nenhum dos inúmeros eventos (presentes até em maior quantidade que no passado) é traduzível em experiência? Voltemos a Heidegger e sua ponte (outra vez ainda), e peço que leiamos em voz alta:

“A ponte pende ‘com leveza e força’ sobre o rio. A ponte não apenas liga margens previamente existentes. É somente na travessia da ponte que as margens surgem como margens. A ponte as deixa repousar de maneira própria uma frente à outra. Pela ponte, um lado se separa do outro. As margens também não se estendem ao longo do rio como traçados indiferentes da terra firme. Com as margens, a ponte traz para o rio as dimensões do terreno retraída em cada margem. A ponte coloca numa vizinhança recíproca a margem e o terreno. A ponte reúne integrando a terra como paisagem em torno do rio”. (HEIDEGGER, Martin. *Ensaio e Conferências*. 2012: p. 131-132)

Agora percebemos mais claramente as margens que cercam o rio, a ponte que delimita e que constrói a paisagem enquanto coloca todos os elementos da realidade em reciprocidade, em coexistência, em experiência. Começamos a sentir o cheiro, algum tremor em canto, algum eco da experiência. Voltar ao cotidiano como busca de experiência? Vejamos assim, com certa beleza e eloquência, quando André Breton, no *Primer Manifesto Surrealista* (1924) escreve o seguinte: “a experiência está confinada em uma jaula, em cujo

interior dá voltas e voltas sobre si mesma, e da qual cada vez é mais difícil fazê-la sair...”³. Parece que voltamos à ideia de realidade como aquilo que se consegue ver, ao mesmo tempo que nos revela algo que existe e que não é visto, ou que é visto por outros olhos. Estamos dentro da jaula ou fora? Isto nos deixa uma pista em relação àquilo que não estamos vendo e de *onde* estamos vendo. Onde estamos para anunciar o que anunciamos? Aquilo que é anunciado é anunciado de algum lugar e este lugar tem a ver com o *como* digo o que digo, de onde venho, e qual é o endereçamento que estou propondo com a minha fala.

Se observarmos a experiência como a ponte da imagem de Heidegger, talvez possamos pensar que ela ali está, sempre esteve enquanto possibilidade de assunção e de união de fronteira, mas a vida, a forma que encontramos e fomos encontrados a viver pode nos ofuscar essa visão, nos tornar míopes e não diferenciarmos nada de nada, nem percebermos as partes que formam uma só paisagem. O filósofo e professor John Dewey, que nos diz que “em uma experiência, o fluxo vai de algo para algo. À medida que uma parte leva a outra e que uma parte dá continuidade ao que veio antes, cada uma ganha distinção em si” (DEWEY, John. *Arte como experiência*. 2010: p. 111). Portanto, talvez sejamos nós os aprisionados junto com nossa experiência, com o que há de cada um de nós enquanto infantes. Daí, talvez, percebamos que estamos dando voltas em nós mesmos, sem atravessarmos a floresta, sem fluxo, sem distinção das partes. E cada vez mais distantes de nosso tremor, de nosso canto. E nada nos acontece, nada nos toca, nada afeta duradouramente, mas ainda assim, há desejo e paixão em viver a vida. Imagino. E esse desejo paixão tem a ver com querer se libertar, tem a ver com experienciar, com criar. Talvez sejamos nós que tenhamos que sair, não é a experiência que precisa ser resgatada,

³ BRETON, André. *Manifestos del surrealismo*. Madrid: Guadarrama, 1969, p. 25.

mas o sujeito que a vive. Mas então, como estar aqui agora? Como ver a paisagem como uma forma una, mas que contém todas as suas partes em relação como um organismo, e não como uma imagem sem distinção? Por seguinte, pensamos que há de haver um endereço para quem deseja sair do lugar. Qual é o endereçamento para a sua liberdade e para a ressonância do teu canto? A liberdade tem endereço?

Sem saber como responder estas perguntas, situamos por aqui a vontade de ir para a rua (cotidiano) conversar com quem não conhecemos numa utopia de proximidade, num endereço chamado *alteridade*. E num desejo paixão disfarçado e pueril de *magicar* a relação com o outro como lugar de resgate do *cantolembança* de quem somos.

CONVITE AOS OUTROS QUE ME SÃO VOZES PARA CONVERSAR.
MIKHAIL BAKHTIN, TU ESTÁS AÍ?
MARTIN BUBER, ESTÁS AÍ?

Conversa

Desci as escadas para a rua enquanto percebia tal claridade a surgir. Pensei como estava para sair e conversar. Andei um tanto de passos e de pronto passei a observar com mais afeto aqueles que por mim passavam. Uma mulher bem vestida com perfume a andar antes dela mesma. Esta não me olha, estava com rosto ensimesmado na blusa de gola. Seu jeito de andar era ligeiro, foi. Mais alguns bons passos e por mim atravessa um homem mais velho, de terno marrom, desses mais antigos. Este me olha diretamente nos olhos e percebo seu convite a quem faria o convite de fato. Ele me pergunta algo que não compreendo. Sorrimos por não nos entendermos pela linguagem, e nela mesma (na linguagem) voltamos a tentar. Ele me diz que o dia está bonito. Cabeceio um “sim”. Percebi que não o abordei. Ele me achou e comigo falou. Depois de algum tempo experimentando estas ações, percebo o exercício de ir ao encontro do outro, abrir alguma esfera íntima, como algo quase inerente ao meu modo

Conversação

No intuito de formalizar as nossas ações em escrita desta pesquisa e alinhavarmos nosso "desenho" em finalização desta conversa, convidamos a voz de Mikhail Bakhtin para dar a ver a esfera da linguagem como prática social e como elemento essencial para compreensão e transformação da realidade. A importância da obra de Bakhtin não alcançou somente a teoria literária, senão toda a lingüística. Seu canto foi relevante para a compreensão de como se efetua a produção da significação no funcionamento dos discursos da vida cotidiana, aqueles que se relacionam diretamente com a situação em que são produzidos, identificando-se neles, a natureza social da linguagem. Para este autor, a linguagem é uma prática social cotidiana que envolve a experiência do relacionamento entre sujeitos. Ou seja, as palavras que o outro me diz, dão a mim a minha própria medida e a do mundo no qual estamos inseridos. É nesta conversa (entre eu e¹⁴⁸ outro) que inauguramos o espaço da experiência.

Não era um dia de trabalho. Era um dia comum. E mesmo neste, o dia foi atualizado pela esfera deste encontro. Conversamos brevemente sobre coisas simples. Nem perguntei o seu nome. Segui meu caminho e levei algo daquele homem, da paisagem que ali se instaurou em nós – a partir de nós. Ouvi um pouco mais alto, ou em melhor tom, os sons que rodeavam. A claridade parecia estar diferente, durou pouco esta percepção, mas a luz era diferente a partir dali. O que me fez perceber que não caminhava mais sozinha. Aquele homem foi comigo. Me contou de mim, sobre como eu estou, diante de alguém que não conheço. Me revelou a possibilidade, talvez romântica por demais, de estar junto com outras pessoas numa relação de afeto, sem expectativas, sem pressa, sem consequências. Nunca mais o encontrei, é certo. Mas soube dele em mim. Ainda aqui está e, às vezes, ainda conversamos.

E essa experiência é parte integrante do sentido do dizer. Bakhtin construiu uma filosofia da linguagem que se aplica às preocupações relativas à vida cotidiana, colocando a dinâmica social da prática observável da linguagem como a força especificadora que estrutura as relações interpessoais. Portanto, servindo à comunicação humana, a linguagem (enquanto produto da vida social), constitui a consciência individual. A alteridade intervém na existência. O “como” o homem vive as relações sociais, teria na linguagem o elemento central desse processo. E que a identidade, e então, a consciência do próprio canto seria um movimento em direção ao outro, um reconhecimento de si pelo outro e este reconhecer definiria também o *como* dizer o que se diz ao outro. Através da palavra, eu me defino em relação ao outro, em última análise, em relação à coletividade. O “eu” só se realiza no discurso, apoiando-se em “nós”. O ser humano não existe para si, senão na medida em que é para os outros: o próprio nascimento ou a própria morte - o que nos faria pensar num contínuo movimento de nossa própria vida: começar no outro e terminar no outro.

O filósofo austríaco Martin Buber, em seus escritos sobre *dialogismo*, dizia que o homem, para realizar plenamente o seu “eu” precisaria entrar em relação dialógica com o mundo, ele precisaria dizer “tu” ao outro. E este dizer tu, só seria possível dizê-lo em sua totalidade, ou seja, o homem precisaria perceber e aceitar o outro também em sua totalidade. Seria preciso que o outro se tornasse presença para o eu.

Nosso interesse em conversar com estes dois autores está situado na percepção da palavra como signo dialético e ideológico, ao princípio dialógico, à alteridade e aos discursos cotidianos; e também em refletir sobre a conversa como uma postura (postura como atitude) das pessoas (uma para com a outra) que se dá no trajeto (ponte) entre as margens das consciências de uma e de outra pessoa. Conforme caminhamos até aqui, talvez com mais perguntas agora do que antes, decidimos enviar nosso canto ao endereço: alteridade, nosso endereço final nesta escrita.

No percurso que nos dispusemos a investigar a situação conversa, Buber cantava assim: aquilo que me acontece é palavra que me é dirigida (1982: p.44); a conversa – o diálogo genuíno só se dá em situação de reciprocidade, ou seja, quando o indivíduo de fato experimenta o lugar do outro com quem conversa, sem, contudo abdicar de sua própria especificidade, lembrando ainda a liminaridade de Turner.

Quando promovemos encontros a partir de conversas entre desconhecidos, procuramos criar vínculos e construir espaços de narrativas que relacionassem dizeres de uma e de outra pessoa estruturados no cotidiano. Uma conversa sem reservas, entre desconhecidos, como a que propomos quando deslocada do lugar comum, faz jorrar uma comunicação que nasce da escuta de uma pessoa endereçada ao seu vizinho (o

desconhecido). Essa comunicação vem inicialmente de um silêncio de quem propõe a conversa, para quem ela é destinada e este outro a recebe sem reservas, como recebemos todo destino autêntico que vem ao nosso encontro. Portanto, trata-se de exercitar um espaço de *criação conversação*, de sentimentos compartilhados entre eu e o outro, aproximando-nos como estranhos numa esfera de intimidade. Ainda nos diz Buber:

“Estaria ainda propenso a pensar talvez num recanto despercebido e no entanto significativo da existência: nos olhares que, no tumulto da rua, esvoaçam de repente entre desconhecidos que se cruzam sem mudar de passo; existem, entre estes, olhares que, flutuando sem destino, revelam, uma à outra, duas naturezas dialógicas”.(BUBER, Martin. *Do diálogo ao dialógico*. 1982. p.37)

Isso nos revelou uma possibilidade de perceber este outro que vive diante dos nossos olhos. Este outro que tem uma presença, uma atitude que eu passo a observar e a me conectar para então abrir uma relação e lhe enviar o meu canto.

OUTRO!
QUAL É
TEU ENDEREÇO?

O estabelecimento da relação eu-tu, que emerge da concepção dialógica, deve ser entendido como um deslocamento do conceito de sujeito. O sujeito centrado é substituído pelas diferentes vozes sociais que o tornam um sujeito histórico e ideológico. O ser humano, juntamente com seu discurso, sempre presume destinatários e suas respostas. Segundo

Bakhtin, a cada palavra da enunciação que estamos em processo de compreender, fazemos corresponder uma série de palavras nossas, formando uma réplica. Assim, a construção de um discurso levaria em consideração a representação que um sujeito tem de seu destinatário, bem como a ressonância dialógica produzida por seus enunciados já proferidos e todos os enunciados de outros sobre o mesmo assunto, retidos em sua memória.

Ter um destinatário, dirigir-se a alguém, é uma particularidade constitutiva do enunciado. Demarcando a enunciação como marca de um processo de interação entre sujeitos, uma vez que a palavra tem duas faces, isto é, parte de alguém com destino a outro alguém. Portanto, aqui nos parece que o *como* dizer algo a alguém está intimamente ligado a esta dinâmica inerente ao diálogo: eu falo para alguém sempre. E esta ação me exigiria sentido no dizer, visto que há endereço e responsabilidade em minha palavra. Estivemos verificando o que temos a dizer durante nossa escrita, desde quando passamos pelos primeiros cantores desta conversa: Larrosa e Agamben. Lá na escrita deste capítulo enfatizamos a importância do *como* dizer, pois o que é dito tem seu sentido no *como* dizer, pois que revela a pessoa que diz. Estou naquilo que digo?

A base do princípio dialógico é a filosofia do diálogo ou da relação de Martin Buber, que, afirmando a palavra como dialógica, estabelece a relação “entre” os seres humanos e funda a experiência da intersecção, ou interação. Também para essa filosofia, o homem não é um ser individual, mas uma relação dialógica entre eu-tu. O “tu” é condição de existência do “eu”, pois a realidade do homem é a realidade da diferença entre um “eu” e um “tu”. O “eu” não existe individualmente, senão como abertura para o outro. Origina-se aí a constituição do par fundador – eu-outro. A vida é dialógica por natureza. Viver significa participar de um diálogo.

Tudo o que me diz respeito me vem do mundo exterior por meio da palavra do outro. Todo enunciado é apenas um elo de uma cadeia infinita de enunciados, um ponto de encontro de opiniões e visões de mundo. Nessa rede dialógica que é o discurso, instituem-se sentidos que não são originários do momento da enunciação, mas que fazem parte de um *continuum*, que tem a ver com o como dizer que revelaria onde estou para dizer.

O verdadeiro interesse de Bakhtin era a linguagem enquanto uso e interação social. E a enunciação seria, precisamente, o momento do uso da linguagem, processo que envolve não apenas a presença física de seus participantes como também o tempo histórico e o espaço social de interação, aí também estaria inserido o *como* dizer. Neste sentido, se a enunciação não parte de um sujeito individual, mas é produto da interação de dois indivíduos socialmente organizados e do contexto da situação social complexa em que aparece – não parece que podemos novamente resgatar a magia da ressonância entre os cantos, a magia que inaugura um espaço de presença?

Para não dar fim:

Conversas hipotéticas com a magia

Interessou-nos olhar para a magia nesta pesquisa como algo que acontece num instante de efemeridade, como um lugar fronteiro que exige travessia. Este lugar, onde aquilo que acontece e está “escondido” só pode ser “visto” se houver movimento, atravessamento. Este lugar guarda em si um lugar de encontro, de troca, de entre, de experiência. Uma fronteira entre o visto e o não visto. Lugar a se ver um instante de elo acompanhado, de troca de posições. Mesmo não dando conta de cada gesto de transição ou de explicar algumas situações, como por exemplo, alguma afinidade no encontro entre duas pessoas que não se conhecem, tratar-se-á de pensarmos na esfera da efemeridade. Nesse caso numa efemeridade radical, e a única vida da conversa é no presente. Essa é uma questão. O presente tem duas dinâmicas: o passado que já passou e o futuro que ainda não é. Desaparição e efemeridade. O precário (que é efêmero), neste caso, seria uma resposta interessante como pressão performativa entre matéria e tempo.

A magia que se dá no encontro, na escuta, no “entre” duas pessoas, está inserida nesta esfera do tempo. Uma magia que nos permitiu perceber, mas não de fato entender, o que se dá numa conversa quando duas ou mais pessoas perdem suas posições sociais e estão liberadas ao “conhecer”. E que conhecer é este? Quando uma pessoa que desconheço, me conta um pouco sobre sua infância e ela mesma se depara com um novo traço da sua história no instante em que se conta, um sentimento de cumplicidade e um espaço de vínculo se constroem – e essa passagem foi feita em *comum, junto, com*. E o instante da magia é percebido quando nos olhamos e reconhecemos alguma intimidade revelada na estranheza. Quando percebemos um tempo suspenso e alargado. Um tempo interrompido,

uma fala interrompida, o palavrório interrompido, um jeito de pensar interrompido, uma vida interrompida, uma sensação diferente no estar com o outro, um reconhecer. E que tão logo se desfaz. O que fica então? Sensações. E algumas palavras.

Nós conversamos com pessoas desconhecidas e sinceramente não sabemos dizer se o que fizemos é um trabalho “artístico”, ou “educacional” ou ainda “psicológico”, ou nada disso, ou qualquer outra coisa... O que sabemos é que se trata de viver, em algumas vezes de conversas, experiências com qualidade estética, pois que vimos a percepção, a sensação e a emoção que as pessoas que conhecemos nas ruas nos “disseram” quando contaram coisas sobre si e quando leram aquilo que disseram sobre si com alguma nova consciência diante daquilo que já foi vivido, ampliando os sentidos.

Embora não seja nosso foco tratar a figura do narrador como coletivo, não podemos deixar de mencionar a quantidade de narrativas individuais que foram compondo coletividades. E a importância deste ato narrativo, do uso das palavras que nos contam, foi evidenciada quando se refere à performance de quem narra, quando revela o seu estar no mundo, o seu jeito de contar suas coisas, o seu canto. Não tratamos de observar o narrador como figura histórica que tem sua notoriedade temporal, mas sim, tratamos a experiência de narrar nossas histórias, contadas pelos nossos vizinhos que nos contam porque oferecemos escuta na conversa, na *obraencontro*.

Este “lugar conversa” que estivemos verificando produz uma fluidez no encontro, e uma interdependência (do escutar e do falar) que reforçam o ato narrativo como um processo ininterrupto no qual narrador e ouvinte se apresentam como espaço intercambiantes. O espaço de contar de si cria um espaço simbólico auto-referido, e a partir desse ponto, cada retorno ao passado vivido ou à projeção futura, se dá uma volta às histórias primordiais. O processo de conhecer aqui parte da escuta da revelação de nossas

origens e da sensação de pertencimento. Ou seja, quando ouvimos as narrativas daqueles que me são semelhantes, porém estranhos, encontramos algo que tem a ver com a nossa origem e sentido na vida entre os homens e à cultura.

Ainda a importância da narrativa está na forma de legitimar o que se narra e na pessoa que narra, está na possibilidade de submeter o tempo “natural” da vida que segue com o tempo “narrativo” da vida que seguiu e seguirá, estabelecendo uma correspondência entre estes. Mais uma vez nesta conversa, trago a palavra fronteira como uma espécie de junção, de ponto onde esta correspondência pode se constituir, onde o encontro pode acontecer, onde um novo espaço é sustentado, nem que seja por um instante.

Citamos no primeiro capítulo desta dissertação, vários exemplos dessas conversas e de instantes como este. Vale a vontade de experienciar a fronteira quando permitimos nos aproximarmos de alguém que não sabemos quem é, quando não sabemos o que será este encontro e o que ele nos exigirá. E quando é assim, também não sabemos o que seremos, essa é a magia: a descoberta das vozes, a minha, a tua, e as nossas que estão presentes em nossos enunciados.

Cada conversa “narrada” foi por nós considerada como *obraencontro*. Pelo entrelaçamento de cada trama contada no tempo, na duração da experiência da conversa que inaugura um vínculo entre quem conta e quem ouve em torno do sentido de estar junto para escutar. Esse cruzamento entre histórias e suas doações em canto, relembra ainda os escritos de Walter Benjamin em “O Narrador” (1994), onde diz que vai se tornando cada vez mais rara a experiência de narrar. Para Benjamin, “é como se nos tivessem tirado um poder que nos parecia inato, a mais segura das coisas seguras, a capacidade de trocarmos pela palavra experiências vividas” (p. 198).

“E, talvez nessa história em que um homem se narra a si mesmo, nessa história em que talvez não seja senão a repetição de outras histórias, possamos adivinhar algo daquilo que somos. (...) Suas histórias ocupam o lugar da nossa inquietude, o vazio essencial e trêmulo em que se abriga nossa ausência de destino. Talvez os homens não sejamos outra coisa que um modo particular de contarmos o que somos”. (LARROSA, Jorge. *Pedagogia Profana: danças, piruetas e mascarada*. 2013: p. 21-22)

Como uma conversa acaba?

Esta escritura-conversa se deu desta forma. Um primeiro olhar, alguma sílaba escapada ou sugerida que conta sobre o que se gostaria de dizer em pesquisa. Aquilo que foi levado ao alto pensamento pode ou não soltar as asas. Mas algum cair aconteceu. Em que chão? Depois de ouvir esse primeiro relance de pensar em forma de dizer a palavra, esta caiu. Ai palavra, quem te trouxe até aqui? O que se veio a dizer? Este chão já precisa sua execução? Já lhe sabia que palavra em sentido verbal *estranha*?!... Torna “aquilo” algo a ser visto.

“Estranho significa comumente o que não é familiar, o que não nos diz respeito, mas, sobretudo o que nos pesa e inquieta. No alto alemão, *fremd* vem de *fram* e tem propriamente o significado de: adiantar-se rumo a um outro lugar, estar a caminho de..., o que se movimenta em direção ao que foi resguardado, reservado. [...] O estranho segue, sem quase dar-se conta, um apelo, o apelo de se encaminhar e pôr-se a caminho do que lhe é próprio” (HEIDEGGER, *A caminho da linguagem*. 2012, P. 30-31).

Assim palavra foi que tu vieste...

A orientadora. Disse-me palavras, quando em aula e estas ascenderam um brilhar que ressoa aqui num canto fundo de olho. E lá dentro, por onde o mestre pensamento transita, bordeja, captura o movimento – ali se deu esta ideia de escrita conversa. Foi em aula. *Em junto.* Em escuta. Esta matéria percorrida pela boca e escutada pelo pulmão encontrou eixo no papel de colunas, sugerindo a fronteira para conversar. Eu me trago, eu disse. Eu vim. Uma coluna sou eu, fala do movimento da pessoa que acontece quando se decide escrever pesquisa. Aqui estou e permeio o desejo de algo dizer. Cantei um jeito de falar sobre isto. Lá atrás nasceu, no início ainda. A forma *veio vindo ouvindo* Luiza. Depois, a visão profunda foi sentindo outros mares e pôde cavocar outras estratégias de perceber coisas. Daí, estamos no meio da escuta. Depois ainda em paixão. Ou antes. Não sei. Sacudi alma em movimento que deveria ser possível desenhá-lo. Porque sabes, palavra, que algumas letras dançam e não dá para marcar-lhes o gesto. Vou ter que mostrar de pé. O corpo convocado decide o mergulho. Vê. Sente. Produz mistério e entrega ao mundo. Vamos. Fui indo. Quase mares. Por cima e *endentro*. Coube assim. Sei não. Mas a escrita pede atenção.

O que foi escrito no começo da escritura. Aquilo que já foi escrito merece respeito e permanece neste trajeto. Alguns dizeres hoje me olham tão crianças, até precários. Insatisfeitos. Apaixonados. Palavras que ficaram ali. Mas como pintura, estão por detrás da imagem. São a imagem também. Criam a forma da imagem. Não as tirei. Nem elas me retiraram. Não as modifiquei. Suportamos estar junto. Não somente com o outro nas ruas. Estar junto com as palavras antigas que padeceram. Vamos? Fomos indo... As letras, o outro, eu... E a orientadora em pensar. Em súplica de posse. Algo assim me parece esta Luiza. Uma súplica de posse de potência. Vês? Pegaste a tua? Encontrou teu jeito de dizê-la? Fumou-a? Inspirou bem fundo? *Indo-nos.....*

Do exame de qualificação. Daí vem *A qualificada*. Duas almas grandes Agnus-Eliane postas junto às palavras de escuta. Solidárias à experiência. Vêm ao meu convite? Aceito. Aceito. Respeito. E na existência as coisas são. Tema de vida nesse mestrado! Três dissertações numa só? Vamos recolher? Vamos dar? Escolher o que fica, o que sai? Publicar? Eu sinto paixão. Palavra, estamos juntas? Algo assim como quem escreve atenta ao dizer, se este sente o que diz. Por isso também as precariedades são minhas. Oba. Tudo o que sinto é também precário como gota. E o encontro com o outro é também tão precário... Este efêmero que assombra o viver. Nada mais distante do viver, essa qualidade efêmera do encontro. Ao tentar sua captura... Foi. Por isso as narrativas da experiência. Precisamos nos contar. Contando assim é livro junto. Daí que relê a escrita pós-qualificação.

A reescrita?! Com a pedra-cristal na mão. Faça leitura meditativa, diz Luiza benção. Mas a coisa já está tão próxima do fundo do olho que o tempo é do para sempre, mesmo entregando a dissertação para a defesa em dez de julho. É tão para sempre ainda assim. E eu fui colhendo pitangas, alguns cravos, meias maçãs, canelas, soltas uvas, pedrinhas encaixadas, sementes até venenosas, sopa do inhame, motoca, pipoca, carrinhos na pista, a bola, feijão, armadilhas do devir. E bordejei. Entre lá e cá vendo o que a letra língua escrevia e as botava no papel. Entre lá e cá vendo o que a letra língua escrevia e não as botava no papel, nem as tirava do papel. Escrever assim é assunção do tempo agora. Às vezes deu. Outras não nenhuma. Como terminar aquilo que justamente está no risco do tempo? O para sempre *prolixia*. E palavra, escondida que só, aparece em vulto e escapa para a vida. Nem quer saber de linha, de texto ou interlocução. Algumas de vocês gostam é da solidão.

A defesa. Quem é que se convida a ver o defender? Mais uma vez as palavras decidem endereçar seus intuitos aos ouvidos que parecem ouvir. Escolhidas as duas almas, Juliana e Janô, para a defesa em defesa da escuta e da palavra dita atenta ao que diz. Abre-

se aqui a dimensão do desconhecer o que vem. Mais uma vez o desconhecido é chão. A escrita final não sabe como terminar, não sabe como será lida, mas sabe que tem olhos que terão acesso às letras que correm em direção ao sentido: para que fazer uma pesquisa sobre a conversa? O que, de mais perto, se quer dizer com esta escritura de pesquisa? O que? Para que? Voltemos à pergunta: tem sentido, neste tempo do agora (no curso ordinário das coisas) conversar? Será que conseguimos nos aproximar do nosso intuito primeiro? Hein, palavras?

Acabou a conversa? Bora. Por que nos separamos agora? Acabou o meu tempo? Acabou o seu? Tem compromisso agora na sequência? Tá tarde e temos que dormir? Cansamos? Assim parece um pouco conversa madrugada. A hora é finda, mas passa. Ainda o que dizer? Tem tanto? Mas é bom se afastar para ver se deu a ver. Antes assim. Efêmero que só.

Referências bibliográficas

- AGAMBEN, Giorgio. "Infância e história. Ensaio sobre a destruição da experiência". In AGAMBEN, Giorgio. *Infância e história. Destruição da experiência e origem da história*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008, p.19- 78.
- BAKHTIN, Mikhail. *Estética de la creación verbal*. -2ª ed, - Buenos Aires: Siglo XXI Editores Argentina. 2008.
- BARROS, Manoel. *Memórias inventadas: a Infância*. São Paulo: Planeta, 2003.
- _____. *Poesia completa*. São Paulo: Leya, 2010.
- BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica. Arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*/Walter Benjamin; São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.
- BOURRIAUD, Nicolas. *Estética Relacional*. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- BUBER, Martin. *Do diálogo e do dialógico*. São Paulo: Perspectiva, 1982.
- BRITTO, Fabiana Dutra; JACQUES, Paola Berenstein. *Corpocidade: debates, ações e articulações*/ BERENSTEIN, Paola; BRITTO, Fabiana Dutra (Org.). Salvador: EDUFBA, 2010.
- CABALLERO, Ileana Diéguez. *Cenários Liminares: teatralidades, performance e política*. Uberlândia: EDUFU, 2011.
- COLASANTI, Marina. *Eu sei mais não devia*. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1996.
- DAWSEY, John. www.revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/download/ Cadernos de Campo n.13: 163-176, 2005.
- DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- DEWEY, John. *Arte como experiência*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- ESTÉS, Clarissa Pinkola. *Mulheres que correm com os lobos: mitos e arquétipos da mulher selvagem*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. *Produção de presença: o que o sentido não consegue transmitir*.

Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2010.

HEIDEGGER, Martin. *A caminho da linguagem*. 6. Ed. – Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2012.

_____. *Ensaaios e conferências* - 8. ed. - Petrópolis : Vozes ; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2012.

HILST, Hilda. *Fluxo Floema*. São Paulo: Globo, 2001.

LARROSA, Jorge. *Pedagogia profana: danças, piruetas e mascaradas*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

_____. *Linguagem e educação depois de Babel*.

_____. *Tremores: escritos sobre experiência*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

RANCIÈRE, Jacques. *O espectador emancipado*. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2012.

SCHECHNER, Richard. *Performance Studies: an introduction*. Routledge: 2013.

TURNER, Victor. *O processo ritual: estrutura e anti estrutura*. Petrópolis: Editora Vozes, 1974.

ZUMTHOR, Paul. *A letra e a voz*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.